perceguidor da
VERDADE.
ALCORÃO

HISTORIA
DA
VIDA, CONQUISTAS, E RELIGIÃO
DE
MAFOMA,
E DO GOVERNO CIVIL, E MILITAR
DO
IMPERIO OTTOMANO;

Dos empregos, e funções religiosas, e de algumas particularidades curiosas do mesmo Imperio da Turquia,

COMPOSTA

PELO BACHAREL
JOÃO JOSE' PEREIRA.

LISBOA:
Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira.
ANNO M. DCC. XCI.
Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Foi taxado este livro em papel a trezentos reis. Meza 17 de Janeiro de 1791.

Com tres rubricas.

PROLOGO
AO LEITOR.

SÃO diverſos os acontecimentos, que a pezar noſſo contribuem em parte, ou em todo para noſſa ventura: a Providencia, a ſábia Providencia rege os factos do mundo como lhe praz, e cujo fim he ordinariamente deſconhecido ao homem: ſe eſte ſe ſabe aproveitar da Miſericordia do Senhor, muitas vezes debaixo de apparencia de males: venturoſo he; ſe pelo contrario, elle meſmo ſe faz mais digno delles, e os realiza em ſua perdição, e deſgraça. Hum ineſperado ſucceſſo, e que á primeira viſta parecia laſtimoſo, me arrojou á Capital da Turquia: bem ſabes, Amigo Leitor,

que te fallo de Constantinopla: estranho de huma Nação inculta, sem apoio de amigos, de parentes, sem meios de subsistir, milhares de vezes perplexo hesitei sobre o meu destino; mas quando me julguei de todo desamparado, então me achei favorecido, e os pesares que até alli denegrião minha alma, forão dissipados, e nella se restabeleceo minha antiga alegria pela aquisição de meio facil não só de subsistir na Capital, mas ainda de transitar por todo o Imperio Ottomano: permitti que mais me não demore na narração desta digressão, nem das suas circumstancias, pois necessario não he, nem vos pódem interessar as aventuras, ou historia de minha vida. Vendome pois desafogado, vião meus olhos, e ajuizava eu de differente ma-

maneira: o tempo de minha residencia foi assaz bastante para satisfazer minha curiosidade, a qual me tinha determinado para minha instrucção, e recreio; o effeito que ella produzio, he o que te offereço neste pequenino volume, nelle acharás o que mais convém, e he licito saber ácerca daquelle Imperio, da Vida, Conquistas, e Religião do falso Profeta Mahomet: mais poderia dizer, a decencia, porém, e decóro da nossa linguagem, e Nação, a Santidade, e Piedade da nossa Religião não permittem que indistinctamente se escrevão, e cheguem á noticia de todos os Christãos muitas cousas que omitti. Para compôr esta obra, que, quando me retirava, principiei em Italia, aonde me demorei algum tempo, não tinha ainda lido o Al-

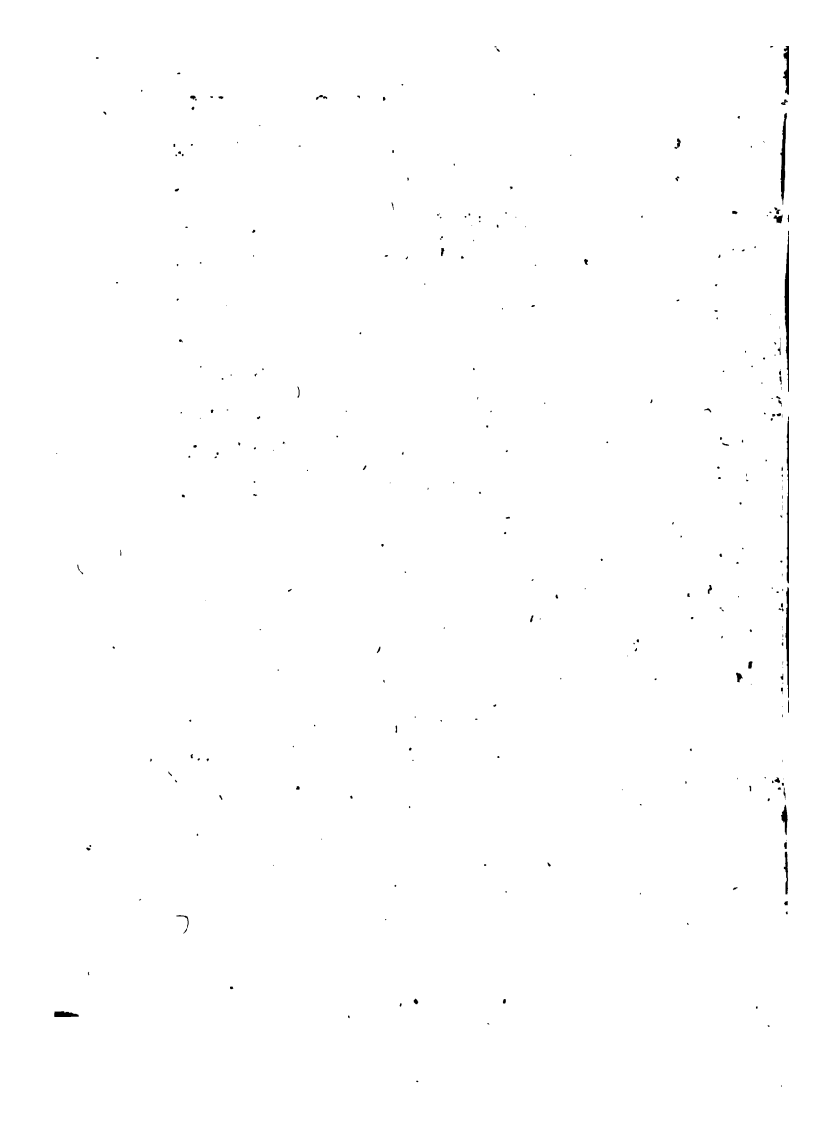
co-

corão, pois me era vedado em quanto assisti na Turquia: não ignorava de todo a Religião dos Turcos; mas não tinha sufficiente instrucção para escrever a sua historia. Foi em Italia que então consultei a edição de André Arrivabeno, a qual está escripta naquelle mesmo idioma, e he melhor que a de Ryer; e não contente com esta lição, li tambem a de Maracci dada ao prélo em Arabe, e Latim: esta ultima merece os applausos de todos os Eruditos, e della foi que mais me servi para supprir a algumas cousas que ignorava. Depois me veio á mão o Alcórão escripto, e annotado em Francez por Sale, pouco porém me utilizei delle.

He pois, Amigo Leitor, de que te posso informar, para que co-

conheças que desveladamente me empreguei em te dar huma noticia, que, ao mesmo tempo que te instruires, e recreares, terás muito de que te maravilhar, e não menos que commentares. Não sejas leve em crer, nem facil em motejar; e se depois de maduro exame quizeres sentencear, faze-o, mas ouve-me primeiro, porque eu protesto-te que, ou seja a respeito da materia, ou da fórma desta obra, me hei de sujeitar á verdade, e á razão de admiravel maneira, e com a sciente docilidade, que nasce do conhecimento, que o homem deve ter de que está mais propenso a errar, que a acertar.

Vale.

HIS-

HISTORIA DA VIDA, CONQUISTAS, E RELIGIÃO DE MAFOMA.

CAPITULO I.

Da Vida, e Conquistas de Mafoma.

MAFOMA, ou Mahomet, cuja vida, e acções escrevo, que de fraco negociante veio a ser o Monarca da Arabia, e o Fundador de hum vasto, e florecente Imperio, cujas ruinas formárão tres Monarquias poderosas: aquelle vasto genio, que sem o soccorro das Sciencias humanas, offuscou a gloria dos mais

abalizados politicos; o impostor leterrimo, o falso, e damnoso Profeta, author afamado de huma Religião, que por sua extensão a disputa ao Christianismo: aquelle destruidor de tantos Reinos, que ensopou a terra de sangue, e que procurou destruir todas as luzes, e verdadeiras noções, que os homens seus predecessores tinhão adquirido. Este monstro, este malvado nasceo em Meca, cidade da Arabia; seu dia natalicio não se sabe de certo; ainda que he provavel que elle víra a luz do mundo em nove de Abril de 572 da era vulgar de Jesu Christo, e que fôra filho posthumo de Abdolach, seu legitimo pai; a incerteza do parto de sua mãi viuva Eminach, ou Amena, confronta com a do seu nascimento, vil, e abjecto, segundo a opinião mais corroborada: dizem huns que elle nascêra dous, outros dez mezes depois da morte de seu pai; e querem alguns que dous annos depois do seu nascimento morresse Abdolach, o que não obstante tanta contradicção entre os mesmos

Mu-

Musulmanos, attestão estes que seu horoscopo fôra feliz, e acompanhado de diversos prodigios, que maravilhárão grande parte do mundo. Sua infancia he tão obscura como sua origem; e o mais verosimil he que Abdol-Motalleb, seu avô paterno se vio obrigado a tomar cuidado da mãi, e do filho, cuja subsistencia, como a de toda a mais familia, estava dependente do ganho da carretagem de poucas bestas que trazia na estrada. (*)

(*) Os AA. e os mesmos Mahometanos não acertão com o determinado dia do nascimento de Mafoma; sabe-se que nasceo entre o anno 569, e 572. A vulgar opinião dos Mahometanos he sobejamente honrosa, e favoravel ao seu Profeta, e não falta quem, seguindo a errada tradição, e escrevendo a sua vida, falle deste modo. Mahomet nasceo em Meca, cidade da Arabia, no primeiro dia do mez de Maio do anno de Jesu Christo 571. Era da Tribu dos Koraiquitas, que se julgava a mais nobre daquelles póvos, e oriundo dos primogenitos de Pher-Korayb seu primeiro fundador: seu pai chamava-se *Abdullath*, e sua mãi *Amena*.

Ainda que de tão illustre geração, passou seus primeiros annos em abatimento, porque tendo perdido seu pai na idade de dous an-

Abdol-Motalleb entregou Mafoma a certa mulher chamada Halimah para

ra

---

nos, toda a authoridade, e haveres de ſua familia, paſſárão para ſeus tios, e mórmente para *Abu-Taleb*, que pelo decurſo do tempo chegou a governar Meca como Soberano, e cuja protecção lhe ſervio para divulgar ſuas impoſturas, e para o defender de todos os ſeus oppoſitores.

Viveo com ſua mãi até á idade de oito annos, em que ficou orfão, e que então ſeu avô tomou conta delle; mas, morrendo eſte no anno ſeguinte, ſeu tio *Abu Taleb* ſe encarregou delle, e inſtruio ſeu ſobrinho para, como elle, ſer negociante, e o mandou á Syria com ſeus camellos.

Quando porém elle eſtava com os emiſſarios de ſeu tio na praça pública de Boſtra, querem os AA. Mahometanos que certo monge illuſtrado lhe viſſe a cabeça vibrando raios de luz de brilhante reſplandor, donde conjecturou, e prognoſticou que tempo viria em que Mafoma havia de ſer Profeta: porém iſto he deſcarada mentira; porque elle não conheceo ſemelhante monge ſenão paſſados muitos annos.

Eſteve á obediencia do tio até á idade de vinte e ſinco annos, tempo em que morrendo hum dos principaes da Cidade, ficárão muitos bens á Cadija ſua mulher, a qual chamou Mahomet para ſer ſeu feitor, e tres annos depois caſou com elle aos vinte e oito

ra o crear, em cuja casa se conservou até á idade de seis annos. Pouco depois o mandou seu avô com outros rapazes guardar os rebanhos communs da cidade, e comsigo levava as rusticas, e pobres provisões, de que tinha necessidade para alguns dias: dormia ao relento, conforme o ordinario costume da Arabia, aonde na mais tenra idade se avezão os homens a supportar o calor, e a pouco alimento para sua nutrição. Mafoma tendo sido creado desta maneira os primeiros seis annos de sua idade, entregou-se sem custo aos mais violentos exercicios debaixo do governo de seu tio Abu-Taleb. Era este hum caçador destemido, que effectivamente hia atacar nas montanhas os animaes mais ferozes. Tal foi a escola, em que Mahomet formou a sua mocidade. Seme-

de idade do falso Profeta. Tendo por esta causa sobeja opulencia, e vindo a ser hum dos mais poderosos da Cidade, sua ambição lhe inspirou a soberania de seus avoengos, e de que elle não tinha sido privado senão por haver ficado orfão.

melhante educação produzio nelle vigor infatigavel, grande conhecimento dos cavallos, e dos camêlos, rarissima habilidade para os governar, e sobeja destreza para disparar frechas, e manejar o sabre, e a espada.

Foi desta sorte que Mafoma aprendeo a soffrer os trabalhos da guerra, e principiou desde logo a pôr-se em estado de poder executar os vastos, e facinorosos projectos, que sua depravada ambição ao depois lhe inspirou.

Já varão, aos vinte annos de idade querendo tentar fortuna, aggregou-se ás caravanas, que negociavão de Meca para Damasco. Nenhum lucro de seu negocio tirou nas diversas jornadas, que emprehendeo; mas alcançou luzes, e conhecimentos, que convertêrão as noções de hum caçador, ou negociante nas de hum homem de Estado, e de hum astuto Legislador.

Tendo pois tido occasião de hir negociar á Persia, estudou os costumes de seus póvos, e instruio-se particularmente do modo, por que elles fazião

a

a guerra. Conhecendo os abusos, que alli se tinhão introduzido no Governo; conjecturou que aquella Monarquia, tão poderosa em outro tempo, não poderia ser de longa duração. Depois de haver examinado bem a Persia, passou á Syria, e poz maior cuidado em instruir-se da disciplina militar, do governo Politico, e Religião de hum povo tão poderoso, e de tão famosa reputação como os Romanos: mas pasmou de ver que Imperio tão gabado, e de tanta celebridade, já não era mais que sombra, ou escura apparencia do que antigamente fôra. Talvez que desde então formasse elle o designio de reunir os Arabes, e de os empregar na reunião daquelles dous Imperios, para quem olhava com desprezo, e já sem temor.

Finalmente nas digressões, que fez pelo Egypto, Palestina, e Syria, teve meios consentaneos de conhecer os Christãos, e os Judeos; e vendo que todas as Religiões daquelles póvos estavão divididas em diversas seitas;

con-

concluio abſoluta, e abertamente que não haveria couſa mais propria para alliciar partidiſtas, e formar corpo do que inventar huma nova Religião.

Julgou que os habitadores de Meca eſtavão tanto mais bem diſpoſtos para receberem de boamente huma tal mudança, quanto ſeu commercio, e frequentes converſações com os Chriſtãos lhes tinha já feito ſacudir o jugo da eſtupida idolatria, a que até outro tempo eſtiverão ſujeitos: mas então tinhão trocado o Paganiſmo pelo *Zeudiciſmo*; erro muito aproximante dos Saduceos entre os Judeos, os quaes negavão a Providencia, a Reſurreição, e a vida futura.

Eis-aqui porque ao depois forcejou em idear huma eſpecie de Religião, que fizeſſe fortuna entre os Arabes, e ordenou o plano da ſua impoſtura, á qual os attrahio; e que ſendo huma miſcellanea do Judeiſmo, das hereſias Chriſtãs Orientaes, e do antigo Rito Pagão dos Arabes, junto ao uſo de todos os deleites dos ſentidos, enchia aſſáz bem o ſeu objecto,

cto, para não deixar de alistar em seu partido huma Nação barbara, e a quem a mesma região, e clima alimentava a concupiscencia.

Ultimamente chegando a Meca na idade de vinte e oito annos, sem ter tirado de suas caravanas, e digressões mais lucros que os conhecimentos, que tinha adquirido, ahi grangeou sua fortuna. Huma viuva, por conta de quem elle fizera algum commercio em tempo de suas caravanas, e a quem dera sempre suas contas tão exactas, como desinteressadas, deo sobejo valor, e avaliou em muito os sentimentos de hum homem, a quem parecia que a adversidade não perseguira senão para tornar mais brilhante a sua fidelidade. Mahomet estava então na flor da sua idade, e ainda que sua estatura não era extraordinaria, com tudo o ser bem apessoado, sua physionomia alegre, a esperteza de seus olhos, a gravidade, e modestia do seu comportamento, fizerão tal impressão no coração de Cadija, tal era o nome daquella viuva, que ella se

de-

determinou a elejello para ſeu eſpoſo, e a dar-lhe preferencia entre muitos Arabes, que ancioſamente a procuravão. Contrahido o matrimonio, logo ella lhe fez doação de todos os ſeus bens, e riquezas. Mafoma ſe entregou inteiramente ao goſto, e ſatisfação de ſua conſorte, e já mais houve marido, que ſe moſtraſſe tão meigo, e carinhoſo para ſua mulher, nem que mais attento foſſe ás ſuas inclinações, e deſejos. Cadija tambem não cuidava ſenão em fazer a felicidade daquelle, a quem, havia pouco, tinha dado a mão, e entregado o ſeu coração.

Continuando a viver ſempre em invejada harmonia, morreo Cadija ao fim de ſete annos tendo-lhe precedido a morte de ſinco filhos, que tivera de Mahomet, tres dos quaes forão varões, e duas femeas. Grandiſſimo foi o ſentimento de Mafoma na perda de ſua eſpoſa, e de ſeus filhos; mas como amava extremoſamente as mulheres, o impulſo violento de ſua concupiſcencia o obrigou outra vez a caſar. Suas avultadas riquezas, a boa

re-

reputação, e singular capacidade, que tinha para o negocio, o puzerão em termos de poder fazer escolha de nova consorte. Lançou pois os olhos sobre huma das filhas de *Abdallach*, appellidado, *Abube-Kero*, o qual era huma personagem de Meca. Tendo pois Mahomet passado a novas nupcias, não encontrou neste segundo consorcio a mesma doçura, e prazer, que encontrára no primeiro. *Aiesha*, ou Ayeza, que assim se chamava a filha de Abube-Kero, lhe motivou muito pezar, e aborrecimento por seus momos, presumpção, inconstancia, e por suas intrigas. Para haver de se consolar, se aproveitou da permissão, que concedião as leis da Arabia na poligamia; e talvez que a mesma dissolução, e idolatria carnal lhe desse novo calor á sua estragada imaginação, para lhe tornar facil, e certo a execução do antigo plano de Religião, que havia projectado, como dissemos, a final de suas digressões, quando se retirava para Meca.

Este homem, que até agora temos vis-

visto debaixo do aspecto de hum cidadão pacifico, occupado unicamente do manejo, e interesse do seu commercio, e trafico mercantil, ou dos deleites, e passatempos, que produz a companhia de hum sexo amavel, passa agora a ser visto como impostor malefico, que se diz ser inspirado do Ceo, e que emprega o ferro, e fogo para constranger os póvos a receber sua doutrina.

Determina-se em fim a pesquizar os meios de executar o mais audaz, e temerario projecto, que o entendimento humano podia conceber. Como porém não podia principiar prégando logo contra a idolatria, que elle mesmo havia praticado, como os outros, nem constituir-se em reformador, e tomar o caracter de Profeta, sem ter emendado muitos defeitos, e mudado de procedimento, mórmente sendo constante que elle tinha tido muito má vida; aos trinta e oito annos de idade principiou a affectar a vida ermitica, hindo passar os dias sem interrupção em huma furna, ou cova so-

solitaria, que estava perto da Cidade, e na qual, dizia elle, que o seu exercicio era a oração, o jejum, e a mortificação: alguns suppõem que naquelle lugar tivera elle conferencias com os que lhe ajudárão a compôr o seu Alcorão.

Antes de fazer pública sua doutrina, e de prégar os dogmas, que queria estabelecer, fez toda a diligencia para fazer proselitos seus os de sua propria familia: sua mulher foi a quem primeiro sollicitou; e para este effeito, quando á noite se recolhia, lhe fallava sempre das visões, que tivera, e das vozes desconhecidas, que ouvíra no seu retiro. Mas ella reputava suas narrações como vãos fantasmas de huma imaginação abrazada, ou como illusões diabolicas; o que causando muito desgosto, e frenesi em Mafoma, para melhor a persuadir de sua impostura, lhe revelou, como por mysterio, e final de estimação, que elle tinha conversado com o Anjo S. Gabriel, o que ainda assim não foi assáz para a reduzir á

cren-

Como porém no decurſo dos quatro annos ſeguintes fizeſſe tambem oito, cu nove proſelitos das peſſoas mais diſtinctas da cidade, animou-ſe a prégar públicamente ſua impoſtura ao povo de Meca, e declarou abertamente que elle era hum Profeta enviado de Deos, para os tirar dos erros do Paganiſmo, e lhes enſinar a verdadeira Religião. Dizia que ella não era nova, mas ſim a meſma, que Deos dera nos principios do mundo a Abrahão: que ſendo perdida pela corrupção do mundo velho, Deos a tinha revelado a Abrahão, o qual a enſinára a ſeu filho Iſmael, ſeu aſcendente: que eſtabelecendo-ſe eſte na Arabia a tinha igualmente enſinado aos homens, qual a tinha recebido de Abrahão; mas que a ſua poſteridade depois diſto a corrompêra, e mudára em idolatria; e que Deos o enviava naquelle tempo para deſtruir eſta, e reſtabelècer a Religião do ſeu Patriarca Iſmael.

Affirmava que elle recebia todas as ſuas revelações do Anjo S. Gabriel

que

que Deos expressamente lhe enviava para lhas inspirar, ou communicar: valia-se astuciosamente do seu mal caduco, ou accidentes de Epilepsia, a que estava sujeito para confirmar a opinião do seu commercio com Deos: queria capacitar os Arabes de que tudo o que elles vião no tempo dos accessos daquello achaque, erão extasis divinos, e que então o Anjo vinha da parte de Deos imprimir-lhe novas revelações; que suas convulsões erão effeito das vivissimas impressões da gloria, e resplandor daquelle santo Ministro da Divindade.

Para vermos de que modo Mahomet empregava seus talentos naturaes na seducção daquelles póvos barbaros, eu relatarei alguns de seus discursos, de que supprimirei muitas repetições molestas, e enfadonhas, e certos factos que commummente não escapão a quem tem ratificado seu entendimento por hum estudo methodico. Eis-aqui pois a maneira de fallar do malicioso impostor. » Cidadãos da Me-» ca, he chegada a hora de dar con-

» ta do uſo, que tendes feito da voſ-
» ſa razão, e do voſſo valor. Debal-
» de recebeſtes vós eſtas prerogativas
» de hum Deos todo poderoſo, libe-
» ral, e bemfeitor, ſenão uſaſtes del-
» las, como cumpre aos homens. Eu
» vos aviſo da parte do meſmo Supre-
» mo Senhor. Eu eſtou novamente en-
» carregado da ſua Divina legação,
» para vos dizer que elle já não quer
» tolerar que abuſeis de ſeus dons pre-
» cioſos, empregando-os ſómente em
» divertimentos indignos de ſua eſ-
» ſencia, e benigna Mageſtade. Não
» deixeis jámais diſtrahir voſſas al-
» mas, nem embeber voſſos corações
» em prazeres imaginarios. Abri voſ-
» ſo entendimento para receber a ver-
» dade. Mas por ventura eſte homem,
» que vos falla, não he hum homem
» qual vós ſois? Vindes vós ouvir
» as extravagancias, e quiméras de
» algum ſonho; rimados verſos de
» engenhoſo Poeta, ou ridiculas nar-
» rações de antigas, e apochrifas hiſ-
» torias, inſenſato recreio de velhas,
» e de meninos? Eſperais de mim

» mi-

» milagres, ou prestigios? Homens
» Arabes, ouvi: O Deos, que em mim
» vos falla, he quem fez o Ceo, e
» a terra, he Omniſciente, e nada
» ignora. Conhece o fundo de voſſos
» corações: Dizei-lhes, Profeta, (*)
» que em todas as cidades, ſobre que
» deſcarreguei os tremendos golpes
» de minha juſtiça, e todas as ſortes
» de deſgraças pelos crimes de ſeus
» habitadores, nunca lhes enviamos
» para os converter ſenão homens, a
» quem illumináмos pela revelação.
» Dizei-lhes, que interroguem as fa-
» milias da Lei, e do Evangelho, e
» que aprendão, e ſaibão que aquelles
» enviados não forão Anjos, nem
» homens, que viveſſem ſem comer.
» Não forão eternos ſobre a terra, e
» não vivêrão mais tempo que o que
» lhes eſtava decretado. Dizei-lhes:

 » quan-

(*) Eſtas, e outras ſemelhantes expreſ-ſões ſão muito communas no Alcorão, e ſão aquellas, com que Mafòma queria capacitar os que o ouvião de que não era elle quem fallava, mas que o eſpirito de Deos o tranſportava.

" quantas eidades injustas, e iniquas
" não temos nós feito perecer, em
" cujos lugares fizemos introduzir ou-
" tras gérações? Quando aquelles pó-
" vos experimentárão o rigor do nos-
" so castigo, promptamente elles des-
" amparavão os sitios que lhes pa-
" recião tocados da nossa cólera:
" mas dizei-lhes, que então os Anjos
" zombavão delles. Não apresseis vos-
" sa fugida, filhos da iniquidade,
" voltai para vossa patria, e para
" vossos lares. Antes de vos punirem,
" vos hão de chamar a juizo. Oh!
" que desgraçados que somos, re-
" spondêrão elles, nós não fomos tão
" perversos, como nos accusão &c....
" Dizei-lhes se tiramos do *nada* o
" Ceo, e a terra, e tudo o que em
" si comprehende por zombaria, ou
" divertimento odioso, sem attenção
" á verdade, e á justiça? Faze, Pro-
" feta, desvanecer a mentira, faze des-
" apparecer a vaidade, fere-os com
" milhares de golpes; as frechas sup-
" prirão, e tomarão o lugar da ver-
" dade; estas são as armas, que te
" met-

» metteremos nas mãos. Dizei-lhes :
» que desgraçados que sois pela fal-
» sa idéa, que tendes de Deos. Os
» Ceos, e a terra são obra sua, e
» nada, do que em si incluem, dei-
» xou ainda de ser fiel aos seus pre-
» ceitos. O Sol, e os Anjos não re-
» cusarão sua obediencia. Elles não
» tem invocado outros Deoses da ter-
» ra para resuscitarem os mortos. Ci-
» dadãos ! não vêdes vós que se
» houvessem muitos Deoses equipoten-
» tes se destruirião mutuamente. Mas
» louvores a Deos, Senhor da Gloria :
» elle he unico , e ninguem lhe pe-
» dirá cônta da sua vontade , nem
» do uso do seu poder : elle he quem
» ha de julgar os homens ; e lhes
» ha de perguntar a razão, por que
» tiverão o arrojo, e temeraria ousa-
» dia de formarem Deoses para si
» mesmos. Esta advertencia, que vos
» faço, he semelhante á dos Profetas,
» que vierão antes de mim. Não ha ou-
» tro Deos senão Deos, e só a elle he
» que vós deveis adorar... Quanto a
» vós, Arabes, não sois senão hum po-

» vo ;

» vo ; eu não sou senão hum Deos
» vosso Senhor, e vós a ninguem de-
» veis servir senão a mim. Os Chri-
» stãos, e os Judeos tem dividido a
» sua fé, e ácerca disto eu lhe farei
» rigoroso juizo no derradeiro dia ;
» dia terrivel ! em que os máos se-
» rão chamados das trévas, não para
» viverem como da primeira vez so-
» bre a terra, mas para serem ti-
» ções do Inferno em lugar tão pro-
» fundo, que seus medonhos, e te-
» merosos gemidos, e gritos não se-
» rão ouvidos em nenhuma parte por
» creatura alguma. »

O effeito deste discurso foi a persuasão de sinco ouvintes novos, que Abube-Kero tinha trazido á presença do pertendido Profeta. Excitado por este successo animou-se a fallar em público; primeiramente dogmatizando em casa, aonde os curiosos o ião ouvir; depois exclamando, e fazendo suas missões pelas praças, e lugares públicos da cidade, e finalmente debaixo do portico do Templo, aonde os peregrinos, e devotos se achavão em grande número.

Os

Os principaes argumentos, de que se servia para chamar os homens á crença de suas imposturas, erão promessas, e ameaças, como mais capazes de os mover. Suas promessas, e premios futuros, erão principalmente hum paraiso sensual, que elle imaginára, e descrevia com tanta astucia, e manha, que todos os deleites, e delicias mais appeteciveis, e mais conformes ao gosto, e inclinações dos Arabes se encontravão nelle abundantemente: taes como mulheres sempre juvenis, e formosas, rios, e regatos agradaveis; saborosas, e frescas bebidas; jardins deliciosos, e sombrios de copadas arvores, fragante cheiro, e encantadora symetria; frutos de exquesito, e desconhecido gosto; a posse eterna de todos os prazeres, e deleitações, que captivão, e transportão os sentidos. Com a mesma manhosa arte construio o seu Inferno, e o fez consistir em castigos, e penas, que lhe parecião as mais atormentadoras, e difficultosas de soffrer, e com as quaes ameaçava todos os que

não

não querião crer nelle. Vinhão a ser seus supplicios; não beber senão agua fervendo, e fétida; não respirar senão hum ar em summo grão quente, e abrazador; estar sempre experimentando o effeito de continuado fogo, e rodeado de espesso fumo negro, quente, e salgado, que lhe servia como de cobertura; não comer mais nada que cardos, espinhos, silvas, e o fruto da arvore, *Zacão*, que ficaria fervendo no seu corpo, como o pez no fogo; e outras ridicularias semelhantes.

Para que nada faltasse a seu systema, unia áquelles motivos as ameaças de penalidades, e condemnações severas tanto nesta vida, como na outra, se elles o não quizessem ouvir, e crer. Para este effeito lhes estava representando a todo o instante a terrivel destruição de todos os póvos que não quizerão ser instruidos pelos Profetas, que lhes precedêrão: que o antigo mundo fora destruido pelo diluvio; Sodoma pelo fogo; os Egypcios pela peste, e pela agua por terem

rem desprezado, e desobedecido a Noé, Loth, e Moysés, bem como *Ad*, e *Thamod*, duas antigas Tribus dos Arabes, que elle inventava que tinhão sido destruidas pela mesma causa.

Mas debalde se cançava o falso Profeta no principio de suas impias missões públicas. Gostava-se sim de o ouvir, porque dizendo cousas novas, publicava historias estranhas, e fazia narração dellas de huma maneira agradavel: mas as pinturas, que elle fazia do Paraiso, e do Inferno, commovião pouco os ouvintes. Pouca gente attrahío então ao seu partido; mas todavia bem conheceo que suas opiniões não deixavão de se espalhar, e de fazer impressão nos animos dos seus compatriotas. Senão chegou a termos de os subjugar inteiramente, ao menos acertou derramando escrupulos em suas consciencias, e em lhes inspirar o amor da liberdade, e aversão aos estrangeiros.

Mafoma depois de muitas, e frequentes prégações, não contava no número de seus verdadeiros discipulos,

se-

ſenão trinta e nove peſſoas. Achava muita oppoſição da parte do povo, que queria continuar o meſmo culto, e conſervar os ſeus Deoſes. Os principaes cidadãos de Meca, que buſcavão governar aquella eſpecie de Républica, tinhão da ſua parte ſenſivel intereſſe em acautelarem os deſignios de Mahomet, que, ſob-pretexto de refórma na Religião, trabalhava por ſe apoderar dos animos, para os dirigir ſegundo ſuas intenções, e intereſſes. Hum dos mais formidaveis adverſarios do falſo Profeta foi *Omar*, homem que gozava de grande reputação entre os ſeus cidadãos, e que andava ſobremaneira prevenido contra a novidade. Dia houve, em que elle meſmo diſputou com Mahomet, e em que ſe arremeçou a elle para o aſſaſſinar, o que não conſeguio por haver quem, mettendo-ſe de permeio, o eſtorvaſſe. Algum tempo depois, aquelle meſmo Omar veio a ſer hum dos mais zeloſos diſcipulos, e ſectario do miſeravel Mafoma. Eſte pois em tres annos de afadigados trabalhos,

e

e afflições, não pôde prevaricar com ſuas illusões ſenão quarenta e duas peſſoas, que na verdade erão os mais illuſtres cidadãos de Meca, e os mais capazes, pelo ſeu caracter, de contribuir para o bom exito de ſua terrivel empreza. Mas como elle ſe propunha a trazer o povo á ſua facção, repetio ainda com mais ardor, e frequencia ſuas prégações públicas, e a ninguem negou as conferencias particulares, que ſe quizeſſe ter com elle. Com tudo não julgou que ſimpleſmente vozes tiveſſem por ſi ſó força, e efficacia para levarem a convicção de ſua doutrina tão longe, como elle deſejava: ajuntou a iſto a prática de huma extrema liberalidade para os pobres, e fez hum preceito, que obriga cada Muſulmano a diſtribuir em ſua vida pelos pobres a decima parte dos ſeus bens.

Eſta obrigação de aliviar os deſgraçados, contribuio muito para fazer valer a doutrina de Mahomet. Os ſucceſſos deſte impoſtor começárão a amedrontar os Magiſtrados. Convo-

cou-

cou-se a Assembléa geral do povo para nella se tomar em commum as resoluções, que parecessem mais convenientes. Abu-Taleb, tio do falso Profeta, defendeo ardentemente os interesses de seu sobrinho, sustentando que Mafoma tinha sempre procedido como bom cidadão, que não se lhe podia arguir senão huma singularidade de opiniões, das quaes não se poderia formar idéa, que não fosse vantajosa; a quererem julgar pelo comportamento de todos os que a tinhão abraçado. Insistio além disto sobre a necessidade de observar ácerca daquelle cidadão as regras ordinarias da justiça, que não permittião sentencear sem ouvir a parte.

Houve hum na Assembléa, que sustentou que Mahomet se tinha feito réo de morte, atacando a Religião commua do Paiz; tendo conferencias particulares, e esforçando-se para sublevar o povo por suas missões, e instancias públicas, e por escriptos sediciosos; cuja propriedade nenhuma outra tinha que a de espalhar na socieda-

dade a perturbação, e o terror. Concluio finalmente seu discurso, dizendo que a morte de Mafoma era o unico meio de livrar a Arabia das desgraças, e calamidades, os póvos de que estava ameaçada. O grande respeito, e consideração que se tinha a Abu-Taleb, impedio que se seguisse partido violento contra o pertendido Profeta. Decidio-se ultimamente que se enviarião Deputados a Mafoma para o interrogarem sobre os artigos da sua doutrina. Abu-Taleb magoado do perigo, a que víra exposto seu sobrinho, lhe representou que mais razoavel era adoptar as opiniões recebidas, do que sustentar obstinadamente sentimentos singulares. Expoz-lhe as funestas consequencias, que podia ter a mudança, que elle queria introduzir na Religião; e buscou intimidallo, ameaçando-o de o desamparar, e de o entregar á discrição de seus inimigos. O enthusiastico, e manhoso Profeta falso respondeo a seu tio, que antes escolheria a morte, que deixaria de instruir; porque elle estava obrigado a obede-

cer

cer a Deos, que o havia escolhido para tão glorioso ministerio. Abu-Taleb não se desvelava senão em ver o modo, por que havia livrar seu sobrinho do perigo, a que o via exposto, e não tinha desejo, nem animo de o desamparar em conjunção tão crítica.

Os Deputados, que enviárão a Mahomet, perante elle o arguírão, e lhe fizerão summario verbal de querer introduzir hum culto novo, de inventar fabulas extrahidas das nações estranhas, e supersticiosas, e finalmente lhe dissérão que sua franqueza, e liberalidade, cùjos motivos talvez fossem muito louvaveis, podia tambem ser avaliada como hum genero de corrupção praticada com designio de grangear a vontade da gentalha. „ Eis„ aqui porque, dissérão elles, o prodecer „ mais conveniente ao homem sizudo, „ qual vós até agora tendes parecido, „ he o que der menos occasião ao es„ candalo de vossos compatriotas, e ás „ accusações de vossos inimigos, menos „ que não vos testemunheis com mila„ gres públicos para assim se authorizar

„ vos-

„ vossa doutrina, bem como o fizerão
„ todos os verdadeiros Profetas, que
„ vos precedêrão, Moysés, Jesus, e os
„ mais, que por vossa propria confissão
„ desta sorte provárão que erão envia-
„ dos de Deos: por conseguinte, se
„ tambem sois Profeta, e maior que el-
„ les, como vos gabais, deveis fa-
„ zer os mesmos milagres, que elles
„ fizerão: resuscitai mortos, dai
„ vista a cegos, sarai os surdos,
„ os mudos, os coxos, &c. Se to-
„ davia vos eximirdes de nos dar al-
„ gumas destas provas de vossa mis-
„ são, não vos livrareis de incorrer
„ no desprezo, e indignação geral, e
„ talvez que nas consequencias de hu-
„ ma accusação capital em presença
„ dos vossos proprios cidadãos „ Procurava Mafoma responder a esta objecção, ou para melhor dizer, illudil-la de differentes maneiras; mas, as razões mais fortes, que dava em sua defensa, erão, que seus predecessores tinhão desprezado os milagres de Saleb, e de outros Profetas, e que por este motivo já Deos não queria obrar

por

por via destas maravilhas. A sua resposta está escripta no sexto capitulo do Alcorão; e eis-aqui, sem muita differença, como elle se explicou. „ Elles
» jurárão pelas cousas mais sagradas,
» que, se vissem hum só milagre, cre-
» rião as verdades, e o livro, que te
» são enviados. *Respondei-lhes*: cer-
» tamente os milagres são do poder
» de Deos: elle he o Senhor da Na-
» tureza, ainda que os infiéis o não
» podem comprehender. *Dizei-lhes*:
» aquelle, que faz vegetar as plantas,
» e crescer as searas com pingas de
» agua, que derrama do Ceo; aquelle,
» que nutre o homem com pão, que
» reduz a carne, e ossos, não he To-
» do Poderoso para plantar hum jar-
» dim no deserto, ou para fazer cor-
» rer as aguas do interior das monta-
» nhas? Sim, certamente; elle he
» Todo Poderoso, porque perverte a
» razão dos infiéis, e enche seus olhos
» de cegueira, para que perseverem
» no erro, que escolhêrão, e que an-
» tepozerão á verdade. *Dizei-lhes*
» Profeta; que ainda quando vissem
» descer

» decer os Anjos, quando os mor-
» tos lhes fallassem, e vissem alli
» patente debaixo de seus olhos to-
» da a Natureza, elles não crerião
» senão por especial dom, e benefi-
» cio de Deos. Póvos! assaz benefi-
» cios de Deos tendes para vos con-
» vencerdes, e detéstardes a vossa
» incredulidade. Não sou eu hum ho-
» mem qual vós sois? E por ventu-
» ra confiou Deos de mim o dom
» de fazer milagres? Eu não sou envia-
» do por elle, senão para vos con-
» vidar a escolherdes, e abraçardes
» o bem, que se vos offerece; e a
» temerdes, e afastardes o mal, que
» será punição, e castigos dos máos.
» Eu não vos digo senão o que se me
» manda dizer-vos, e o que devo
» publicar, e persuadir á força de
» vozes aos que me quizerem ouvir,
» e áquelles mesmos, que desprezа-
» rem, e fugirem de minha doutrina.

Resposta era esta muito assisada na boca de hum homem, que não se attribuia o poder de fazer milagres. Não respondeo porém tão judiciosa-

mente a certas perguntas, que se lhe fizerão por conselho dos Judeos, para sondar a extensão de seus conhecimentos. Vio-se assaz perplexo, titubiando confuso, e não sahio dellas senão proferindo absurdos, contradições, e extravagancias.

Os Deputados, encarregados da inquirição de Mafoma, voltárão a dar conta de sua commissão, pela qual se julgou que o teimoso impostor estava determinado a não desistir de sua empreza; o que não obstante, seus proprios cidadãos o porião em estado de não perturbar a Arabia, se elle não fôra apadrinhado por Abu-Taleb, cujo respeito, e credito era sobejamente grande entre os seus compatriotas. Mas se estes se vião obrigados a não castigar Mahomet, não deixavão perder occasião de affligirem seus discipulos, os quaes vendo-se expostos continuamente aos insultos, e zombaria de seus nacionaes, alguns se resolvêrão a hir buscar em outro lugar o socego, de que não podião gozar em sua propria patria. Mahomet, que todo o

seu

ſeu ponto era buſcar modos de fazer creaturas ſuas em differentes partes, e de propagar ſua doutrina, de boamente lhes concedeo eſta permiſsão: deſpedio dezeſeis, e lhes deo as inſtrucções neceſſarias, e huma carta para ElRei da Ethiopia, aonde ſeus diſcipulos perſeguidos, devião hir buſcar aſylo: e eſtes forão os primeiros Apoſtolos de Mafoma. ElRei da Ethiopia, que naquelle tempo era Chriſtão, ou foſſe por motivo de caridade, ou por condeſcendencia ás recommendações do Profeta, fez tambem agaſalho aos fugitivos, que chegando eſta noticia a Meca, muitos ſeus confreires ſe puzerão a caminho, de ſorte que não paſſado muito tempo, ſe contava na Ethiopia grande número de Muſulmanos. Querem alguns que eſta Epoca ſeja a que os Mahometanos celebrão ainda hoje debaixo do nome da primeira *Egyra*.

Os perſeguidores do Mahometiſmo querendo ſuſpender o progreſſo daquelle culto, e doutrina anti-chriſtã, fizerão hum tratado com todas

as Tribus dos Arabes, em o qual ſe obrigavão a não contrahirem genero algum de alliança, ou commercio de qualidade alguma com os deſcendentes de *Haſchem*, e de *Abdol-Motalleb*. Haſchem era pai de Abdol-Motalleb. Eſte tinha tido doze filhos; o ultimo, cujo nome era Abdallah era pai de Mafoma. O quinto filho de Abdol-Motalleb, e que ſeu nome era Abugehero, foi ſempre hum dos mais acerrimos, e mortaes inimigos do pertendido Profeta. Por eſte tratado, os parentes de Mafoma, ainda aquelles meſmos, que erão oppoſtos aos ſeus ſentimentos, ſe vírão obrigados a ſahir de Meca, e a retiraremſe para humas terras de Abu-Talleb muito perto da cidade. Neſta eſpecie de deſterro foi que Mahomet, acompanhado de alguns ſeus ſectarios, paſſou o ſexto, ſetimo, oitavo, e nono anno de ſua miſsão funeſta, e execranda.

O generoſo parente, que ſempre lhe ſupprira o lugar de pai no tempo de ſua infancia, que ſe tinha de-

cla-

clarado seu protector em todas as occasiões, e que ultimamente lhe dera asylo, Abu-Talleb, digo, morreo aos oitenta e tres annos de sua idade, e segundo se julga, adoptou antes de morrer á nova doutrina, que nunca em sua vida quizera abraçar. Mahomet se mostrou summamente sentido da morte do seu bemfeitor: o que lhe tornavà esta perda ainda mais sensivel, era ver que Abusofião, seu mais cruel inimigo, fôra, pela morte de seu tio, revestido da principal authoridade da cidade de Meca.

Tão sobre modo animou Abusofião os Koreiquitas contra o falso Profeta, que desde logo começárão a oppor-se vigorosamente aos progressos da nova doutrina. Acertárão tanto nos meios, de que se servírão, que muitos discipulos de Mafoma, vendo que nada podião esperar de o seguirem, e que pelo contrario havia razão de temer grandes desastres, fugírão delle, e o desampararão, e á sua Religião.

Mafoma não era homem de se

des-

descorçoar. Os obstaculos não servião senão para o animar cada vez mais, e requintar sua teima. Conhecendo que seus nacionaes estavão tão fortemente prevenidos contra sua doutrina, julgou a proposito ceder ao tempo, e esperar circumstancias mais favoraveis. Sahio pois de Meca, e foi para Taife com designios de ahi fazer proselitos; mas suas prégações só lhe grangeárão insulto, mofa, e desprezos, que o obrigárão a deixar aquella cidade. Voltou para Meca, aonde continuou a exhortar seus compatriotas para que desistissem do culto idolatra, e abraçassem a sua Religião; cujos dogmas principaes estabelecião a unidade de hum Deos, e a verdade da sua missão. Fez então sectarios seus seis habitadores de Medina, que estavão em Meca, os quaes recolhendo-se para a sua patria dissérão mil bens da pessoa, e doutrina de Mafoma; de sorte que quando elle entrou naquella cidade, a maior parte de seus moradores o recebêrão cheios de jubilo, e derão mostras de estarem

dis-

diſpoſtos para o ouvirem favoravelmente.

Eis-que o impoſtor principia a fazer grandes progreſſos: maiores terião ſido, ſe pudeſſe ſatisfazer os póvos ſobre o artigo dos milagres, que delle exigião. Debalde allegava o falſo Profeta ſuas familiares converſações com o Anjo S. Gabriel, tudo iſto era eſcuſado, prodigios, e mais prodigios he o que ſe lhe pedia. Eſta indocilidade grandemente amofinou o falſario Mafoma; mas depreſſa ſe conſolou, quando ſe vio elevado á dignidade de chefe, que ſolemnemente lhe foi conferida pelos Anſarienes; peſſoas eſtas que em grande número tinhão abraçado a ſua Religião, e por iſſo ficárão tendo aquelle nome, que ſignifica: *Auxiliares*. Todos lhe jurárão fidelidade, fé, e obediencia como a Apoſtolo de Deos, e ſe obrigárão a pegar em armas, para ſuſtentar, e defender ſeus intereſſes com o capcioſo pretexto de Religião. Em conſequencia deſte juramento lhes fez tambem preſtar juramento por ſuas mulheres: *que crerião*

rião na unidade de Deos ; que não furtarião ; que não commetterião adulterio ; e que não matarião ſeus filhos ; porque até então o fazião, principalmente quando os vião penar, ou não tinhão de que os alimentar, ainda que eſte preceito, como alguns dizem, reportava-ſe aos abortos, por não julgarem como verdadeiro o uſo ímpio de matarem os filhos.

Depois deſta formalidade, Mahomet lhes deo Moſaab filho de Omar para os cathequizar no Muſulmaniſmo. Moſaab ao principio foi conſiderado em Medina como eſpia. Facilmente ſe juſtificou, e comparecendo á viſta do Principe lhe leo alguns verſos do Alcorão, e o tornou ſeu illuſtre proſelito, cujo exemplo attrahio conſideravel número de habitadores para o partido de Mafoma. Até então ſe tinha o falſo Profeta contentado de prégar ſua doutrina, publicando que não tinha que oppôr ás perſeguições de ſeus inimigos ſenão á paciencia. Mudou finalmente de linguagem; e ſuppoz que tinha ordem

do

do Ceo para exterminar todos os que não quizessem submetter-se á sua obediencia. Pedio de seus discipulos novo juramento, pelo qual se obrigavão a defendello com o mesmo zelo, e ardor, que defenderião suas mulheres, seus filhos, e seus bens. Da sua parte lhes jurou tambem que nunca os desampararia, e lhes certificou que se elles morressem em seu serviço, seria o Ceo a recompensa do seu valor, e da sua fidelidade. Prohibio a seus sectarios todo o genero de disputa sobre a sua Religião, e lhes ordenou que dahi por diante se não deixarião convencer por argumentos, e a defenderião, e propagarião com o ferro na mão, dizendo-lhes que cada Profeta tinha seu caracter diverso, e por tanto, Moysés, Jesu Christo tinhão sido enviados manços, e pacificos com poder de fazer milagres, e não obstante os homens lhes não tinhão obedecido; que elle agora vinha com o caracter de força, e violencia para sem milagres, e com a espada na mão fazer a vontade do Al-

tis-

tissimo; e outra vez lhes repetio suas promessas, e a coroa do martyrio, se morressem por sua causa.

A despeito deste desengano, e da confissão verbal do pertendido Profeta ácerca dos milagres, não podemos todavia negar que entre elles haja legendas, que lhe attribuão quantidade delles. He tradição popular entre os Musulmanos: I. Que elle fendêra a Lua em duas ametades: II. Que as arvores se arrancavão de seu lugar para lhe sahir ao encontro: III. Que dos seus dedos corria agua: IV. Que as pedras o saudavão: V. Que sustentava muita gente com pouco alimento: VI. Que hum raio de luz o acompanhava: VII. Que hum camêlo se lhe queixou: VIII. Que huma costela de carneiro o avisava de que estava envenenada, e outros muitos assáz ridiculissimos para serem adoptados pelo mesmo Mafoma, ou pelos seus Doutores; e por tanto, todos elles rejeitão esta crença, e confessão que nenhum milagre fizera; mas affirmão que a eloquencia do Alcorão, e

a excellencia da ſua doutrina equivalem a todos os milagres, pois fôra compoſto por hum homem, que nem ler, nem eſcrever ſabia.

O decimo ſegundo anno de ſua depravada miſsão he denominado a *Meſra*; iſto he, a ſua fabuloſa jornada nocturna de Meca a Jeruſalem, e de lá aos Ceos, cuja narração he a ſeguinte. Eſtando na cama com ſua mulher *Aiſquéa*, ouvio bater á porta; levantou-ſe apreſſadamente, e abrindo-a, encontrou o Anjo S. Gabriel, que eſtava armado de ſetenta pares de azas abertas, mais brancas que a neve; e tranſparentes como o cryſtal: ao pé delle vio a alimaria *Alborak*, em a qual, ſe diz, que os Profetas coſtumavão ſer tranſportados velozmente, para executarem as ordens de Deos: ſegundo a deſcripção, que Mafoma faz de ſemelhante animal, era elle mais branco que o leite, de grandeza, groſſura, e natureza, que participava de jumento, e mula, e tão veloz como o relampago, de que ſeu nome traz origem.

O

O Anjo ſaudando Mahomet em nome de Deos lhe diſſe com ſemblante alegre; que elle o vinha buſcar para o conduzir aos Ceos, e á preſença do Altiſſimo, aonde veria myſterios admiraveis, e eſtranhos, que a ninguem era permittido ver ſenão a elle, e mandou que montaſſe o Alborak. A alimaria porém, que aſſáz era fogoſa, e eſpantadiça, e que havia eſtadoocioſa deſde Jeſu Chriſto até áquelle tempo, não quiz deixar montar Mahomet, ſem que eſte a affagaſſe; e lhe prometteſſe hum lugar no Paraiſo. Conſeguio deſte modo montar facilmente, e então o Anjo levando-o pela redea o tranſportou inſtantaneamente de Meca a Jeruſalem.

A' ſua chegada todos os Profetas, e almas bemaventuradas que antes delle partírão deſte mundo, apparecêrão á porta do Templo; todas o ſalvárão, e acompanhando-o até á capella principal, lhe pedírão que rogaſſe por ellas, e deſapparecêrão. Ao ſahir do Templo encontrou elle, e o Anjo huma eſcada de luz, por onde ſu-

ſubírão, e deixárão o Alborak prezo a hum rochedo até á ſua vinda.

Chegados ao primeiro Ceo, batendo o Anjo ás portas, hum porteiro as abrio, e ficou huma entrada prodigioſa. O primeiro Ceo he todo de prata pura, diz o impoſtor, e as eſtrellas então ſuſpendidas nelle por cadêas de ouro; cada huma he do tamanho do monte *Nobo*, que eſtá junto a Meca; ahi virão hum velho decrepito, que era o noſſo primeiro pai *Adão*, o qual ſaudando-o, deo graças a Deos de ter tido hum tão grande filho, e ſe recommendou ás ſuas orações.

Elle nos diz tambem que alli víra huma multidão de Anjos de todas as eſpecies em figura de homens, de irracionaes, de aves, e entre os ultimos, vio hum galo branco como neve, e de tão deſmarcada grandeza, que ſeus pés eſtavão poſtos ſobre o primeiro Ceo, e a cabeça tocava o ſegundo, o qual diſtava tanto do primeiro, que preciſos erão quinhentos annos para lá chegar: dizem outros

que a ſua cabeça chegava á maior altura dos ſete Ceos até o Throno de Deos, que ainda eſtava ſete vezes mais elevado que o ultimo Ceo.

Eſte quimérico galo tem azas todas cravejadas de perolas, e carbunculos; eſtão abertas do Oriente para o Occidente, e cobrem huma diſtancia, que correſponde á ſua altura. Diſſe que aquelle era o Anjo principal dos galos, e que todas as manhãs, quando Deos canta hum hymno, acompanhando-o elle, canta tão alto, que tudo o que habita na terra, á excepção dos homens, e dos feiticeiros, e todos os moradores do Ceo, o ouvem diſtinctamente. Então todos os galos do mundo, e os que eſtão nos Ceos lhe reſpondem. Os Mahometanos querem que a voz de qualquer homem, que lê conſtantemente o Alcorão, a dos homens, que rezão todas as madrugadas, e pedem perdão de ſeus peccados, e a voz deſte galo, ſejão tres vozes, que Deos ſempre ouve favoravelmente. Todos eſtes delirios, e quiméras são tirados das fabulas do *Talmud*.

O impoſtor diſſe que do primeiro Ceo ſubíra ao ſegundo, que he diſtante do primeiro, e em que medeia tão pequeno eſpaço, que não ſe póde tranſitar em quinhentos annos: que eſte Ceo he de ouro: que ahi vio Noé, o qual o cumprimentou, e ſe recommendou á ſua interceſsão, e que ahi víra mais Anjos que no primeiro, e que entre elles havia hum, cuja cabeça chegava ao terceiro Ceo, o qual eſtá a igual diſtancia do ſegundo, que eſte do primeiro, e deſte modo todas as mais diſtancias dos Ceos ſeguintes.

Subírão ao terceiro Ceo, que he feito de pedras precioſas: á entrada delle encontrárão Abrahão, que tambem ſe lhe recommendou: ahi vio muitos mais Anjos que em cada hum dos precedentes. Entre eſtes Anjos havia hum de grandeza tão prodigioſa, que a diſtancia, que havia entre ſeus olhos, pedia huma jornada ordinaria de ſetenta dias para ſe chegar de hum a outro. O Anjo Gabriel lhe diſſe que aquelle era o Anjo da morte; porque

tr-

tinha diante de si huma formidavel meza, sobre a qual escrevia os nomes dos que havião nascer, calculava a duração da sua vida, e quando estava acabada, elle os derriscava, e morrião.

Disse que de lá partírão para o quarto Ceo, que todo he fabricado de esmeraldas: que entrando vio Jessé, filho de Jacob, que igualmente lhe pedio suas orações: que vio muitos mais Anjos que nos Ceos antecedentes: hum destes Anjos chegava ao quinto Ceo, e que lastimava, e chorava effectivamente. O seu guia lhe declarou, que aquelle chorar, e lastimar era pelos peccados dos homens, e por causa da sua destruição, a qual era consequencia delles.

Do quarto Ceo subio ao quinto, que era de diamante, e nelle encontrou Moysés, que outro si lhe pedio sua mediação, e ahi vio mais Anjos que em todos os outros.

Do quinto subio ao sexto, que disse ser feito de rubins, e que nelle encontrára S. João Baptista, que como

mo os outros Santos se recommendou ás suas orações : ahi vio maior número de Anjos que nos antecedentes.

Finalmente subio ao setimo Ceo, que todo era composto de huma luz divina : ahi foi que vio Jesu Christo, a quem o mesmo Mahomet se recommendou, e lhe rogou que intercedesse por elle. Desta maneira se reconheceo inferior a Jesu Christo, talvez para lisongear os Christãos, e lhes agradar. Disse mais que ahi vira mais Anjos, que todos os que compunhão os seis Ceos antecedentes. O Anjo, que presidia, o fez pasmar: que tinha setenta mil cabeças, em cada cabeça outras tantas linguas; e cada lingua pronunciava outras tantas vozes distinctas a hum tempo, pelas quaes rogava a Deos dia, e noite sem descontinuação.

Então o Anjo seu conductor lhe disse, que a elle lhe era vedado o passar adiante, e que por tanto o aconselhava que continuasse elle só até o throno de Deos; o que fez sem achar obstaculo, passando por meio

de aguas de neve, &c. até chegar ao lugar, em que ouvio huma voz, que lhe dizia: *Oh Mabomet! salva o teu Creador.* Dahi remontou ainda muito acima, e chegou a hum lugar de luz summamente densa, e tão brilhante, que não podia soffrer seu resplendor: era esta a morada do Omnipotente: seu throno estava ahi collocado: á sua direita estavão escriptas estas palavras Arabes: *Lá Ellab, Ellallab Mabomet resul Ollab*, que significão: *Não ha outro Deos senão Deos, e Mabomet he o seu Profeta.* Este he o symbolo da fé dos Mahometanos; e disse mais que aquellas palavras estavão escriptas por cima de todas as portas dos sete Ceos, a que fôra levado.

Estando porém já perto da presença de Deos, e como a distancia de dous tiros de espingarda, continúa a dizer que elle o vira assentado sobre o seu throno, cuberta sua face com setenta mil veos sobrepostos: que o Altissimo lhe fizera a graça de estender seu santissimo braço, e de lhe pôr sua di-

vi-

vina mão ſobre o hombro : que tão ſobejamente fria eſtava , que ſua frialdade o penetrou até á medula de ſeus oſſos , e lhe era inſupportavel : que Deos principiára então a converſar com elle familiarmente , e lhe revelára muitos myſterios occultos , e lhe fez entender , e conhecer a ſua lei : que lhe incumbíra grande número de couſas reſpectivas á inſtrucção do ſeu povo , e finalmente lhe concedeo immenſidade de privilegios , que não deo aos outros homens. Depois diſto fez venia , e ſe retirou , e veio ter com o Anjo guia , o qual o tornou a encaminhar por entre os Ceos até chegarem ao Alborak , que elles havião deixado em Jeruſalem , e dahi o guiou até Meca , levando , como antecedentemente , o Alborak pela rédea , que tudo iſto aconteceo , e foi feito no curto eſpaſſo da decima parte de huma noite.

O relatorio , que no ſeguinte dia Mafoma fez deſta ridicula , e extravagante ficção , o expoz novamente á irriſão , e deſprezo : grande quanti-

dade de discipulos seus aborrecendo-se delle, como de hum mentiroso abominavel, o desampararão com indignação: outros muitos terião seguido o seu exemplo, se Abube-Kero, cumplice de tão descarada impostura, não fizesse cessar a revolta, reconhecendo, e fingindo que dava credito ao ridiculo conto, e disparatada narração de Mafoma, extrahida tambem das fabulas do Talmud.

Ultimamente sendo a sua impostura acompanhada sempre, como todas o são, de disputas, contenções, e rixas, que elle produzio em Meca, e em outras cidades da Arabia, resolvêrão os Magistrados obviar este mal na propria raiz, dando morte a Mafoma. Este porém, que bem presumia as intenções dos Koraiquitas, visto os seus progressos, e preceitos, que fizera; não se dando por seguro em Meca, tinha resolvido partir para Medina. Antes de sua partida elegeo dozе Ansarienes para governarem debaixo das suas ordens, e para cathequizarem todos os que já tinhão abraçado,

do, ou de novo abraçassem o Musulmanismo. Os Koraiquitas, que temião que Mafoma lhes escapasse, resolvêrão assassinallo; mas para que não houvesse receio de que haveria quem quizesse vingar sua morte, se assentou que os assassinios do Profeta fossem tirados de todas as differentes Tribus, e que cada hum desse golpe, a fim de que parecesse que toda a Nação tinha concorrido para a morte do Impostor. Não tardou muito que Mafoma o não soubesse, e cuidou nos meios de prover a sua segurança. Para assim o conseguir disse a seu discipulo: *Ali, deitai-vos na minha cama, cubri-vos de minha roupa verde, para que pareça que sou eu quem está deitado. Eu divulgarei que estou molesto, e que por tanto estou recolhido.* Semelhante estratagema teve o seu venturoso effeito. Mafoma retirou-se a tempo que seus assassinos esperavão que elle estivesse na acção de levantar-se, para cada hum então ter parte em sua morte. Elles se capacitavão tanto melhor de que não erão enganados, quan-

tas

tas mais vezes espreitavão pela porta, e vião hum vulto com a roupa do astuto Profeta.

Quando porém Ali ajuizou que seu Mestre estava a salvamento, levantou-se summamente receioso de que nelle vingassem a fugida de Mafoma: mas ainda assim nenhum mal experimentou. Demorou-se alguns dias em Meca, e depois foi para a companhia do seu Chefe. Este, acompanhado de Abube-Kero, refugiou-se no monte Thurio, aonde esteve occulto tres dias: seus inimigos não se descuidárão de o procurar efficazmente, e muito lhe custou o escapar ás suas diligencias: finalmente chegou a salvamento a Medina, aonde principiou a gozar da tranquillidade, que necessaria lhe era para pôr por obra seus vastos projectos. Esta fugida foi a Epoca da sua gloria, da fundação do seu Imperio, e Religião: he ao que verdadeiramente os Mahometanos chamão *Egyra*, que significa fugida, ou perseguição, cujo primeiro dia corresponde a dezeseis de Julho da era Christã de 622.

En-

Então foi que o manhoso Impostor erigio seu primeiro altar, edificando em Medina huma Mesquita, para nella exercer sua nova Religião. Determinou que todos os calculos de tempo, que ao porvir, se houvessem de fazer, se contassem do dia daquella fugida, a qual ficou sendo o principio da era Mahometana.

Occupado em instruir os póvos, e no estabelecimento de algumas ceremonias da sua Religião, vendo que não tirava o fruto, que desejava, pareceo-lhe que era tempo de substituir a força, e violencia ás persuasões, e aos discursos: motivo este, porque expressa, e resolutamente passou ordem a seus sequazes, para fazerem guerra, e passarem á espada todos os que não quizessem abraçar sua doutrina, menos que não quizessem pagar hum tributo annual.

Os discipulos de Mahomet de muito boamente se sujeitárão ao barbaro decreto, que efficazes meios de se enriquecerem lhes ministrava. Sua primeira expedição foi a pilhagem de

hu-

huma caravana, que pertencia a mercadores de Meca; de sorte que os compatriotas do falso Profeta forão os primeiros, contra quem elle se armou, commetteo latrocinios, e fez correrias para os reduzir á sua Religião. Sabendo o Impostor que Abusofião, de quem já fallámos, voltava da Syria acompanhado de trinta homens, que conduzião huma caravana, poz de emboscada sua tropa para o atacar, e roubar. Abusofião, que tivera noticia mandou aviso aos da sua Tribu do perigo, em que se achava. Forão-lhe mandado pontualmente para adjutorio novecentos homens de infantaria, e cem de cavallaria. As forças de Mafoma erão muito inferiores, pois todas ellas montavão a cento e trinta combatentes. Semelhante disposição só servio para mais animar sua coragem. Poz-se em marcha, confiando muito na valentia de seus soldados, e estes o seguírão animosos na esperança de que Deos suppriria a fraqueza do seu exercito. Cheios desta confiança nascida do seu fanatismo, atacão o inimigo,
des-

descarregão sobre elle , e o põe em desordem , e em vergonhosa derrota. Esta victoria em si mesma pouco consideravel deve ser considerada como fundamento de todas , que depois se seguírão , e que Mafoma ganhou. Qualquer General está em estado da mais ardua , e temeraria empreza , quando os seus soldados tem para si que a Divindade o protege em suas acções , e se interessa em seus acontecimentos.

Em quanto os dous exercitos batalhavão , tinha Mafoma ficado em oração na sua tenda ; mas quando vio que sua tropa se punha em retirada , correo a animalla : poz-se em sua frente , e com o alfange na mão , voltado para o inimigo , em altas vozes pronunciou estas palavras : *Sejão seus semblantes perturbados , e confundidos* ; e avançando contra elles , destemidamente os poz em confusão , e obrigou a fugir. Completa a victoria pelo valor de Mafoma , setenta homens do exercito de Abusofião ficárão mortos no campo , e outros tantos prisioneiros. Mahomet não perdeo senão

qua-

quatorze homens. A noticia desta derrota consternou sobre maneira os moradores de Meca, e fez morrer de paixão Abutalabab, hum dos mais formidaveis inimigos do falso Profeta; e contra quem no Alcorão ha hum capitulo das maldições.

Quando foi tempo de repartir o saque, renhida disputa houve no exercito dos vencedores. Huns querião ter maior parte que outros. Para apaziguar dissensão desta natureza, a qual poderia ter pessimas consequencias, fingio Mahomet que tivera ordem do Ceo que lhe prescrevia o tomar para si a quinta parte dos despojos, e que repartisse o mais igualmente pelos seus soldados, ao que ninguem replicou.

Depois de haver restabelecido a paz, e harmonia entre os seus sectarios, os mandou pôr em via contra alguns Judeos da Tribu de Kaino-Kan, homem de quem assaz estava queixoso: de tal sorte os véxou, e opprimio, que forão obrigados a render-se sem resistencia, e venturosos forão em não experimentarem mais damno que a confiscação

de

de ſeus bens , porque o vencedor tinha deſtino de ſaciar nelles o ſeu odio , e de eſtender os limites de ſua vingança.

Em ſilencio paſſo muitas expedições pouco importantes , e continuarei fazendo menção da famoſa batalha de Ohud. Os Koreishitas formárão hum corpo de tres mil infantes , e duzentos cavallos , e foi nomeado Abuſofião para ſeu General. Atemorizado Mafoma pelo número de ſeus inimigos , eſteve perplexo ſobre ſe os iria atacar , ou ſe ficaſſe em Medina. Tomou o primeiro partido , e ſahindo da Cidade com novecentos homens de Infantaria , ſe avançou até o lugar ſituado entre Méca , e o monte *Ohud*. Poſtou ahi ſua tropa com a maior vantagem poſſivel , e finalmente travou batalha. Sincoenta archeiros de Mahomet , cobiçoſos da pilhagem , não conſervárão ſeus poſtos , e derão lugar a quem commandava o flanco dos Koraiquitas a romperem os Muſulmanos com a ſua cavallaria. Em meio da confuſão , e deſordem , cor-

reo voz de que tinhão matado o ſeu Profeta. Eſte falſo ſuſurro affrouxou de tal maneira os ſoldados, que deſtroçados ſe deixárão penetrar por todas as partes. Mafoma foi ferido por duas pedradas, huma das quaes lhe quebrou os dentes, e outra lhe fez huma leve arranhadura na cara. Se Abuſofião ſe ſoubeſſe aproveitar de occaſião tão favoravel, facil lhe ſeria derrotar inteiramente as tropas do ſeu adverſario; mas elle ſe contentou de lhe pedir tregoas por todo o anno ſeguinte.

A perda da batalha de *Obud* deo motivo a muitas murmurações. Perguntava-ſe ao Profeta como podia acontecer que Deos ſe tiveſſe declárado contra os defenſores do ſeu culto. Havia muitos, que tendo perdido ſeus parentes, e amigos na peleja, davão moſtras de ſincero arrependimento de ſe terem aliſtado no partido de Mafoma. O manhoſo Impoſtor não tardou porém muito em cogitar os modos de reſponder a huns, e outros. Diſſe aos primeiros que convinha attribuir aquella deſgraça aos crimes, e peccados

dos de alguns dos ſeus diſcipulos: que Deos ſeparava aſſim os bons dos perverſos, para daquelle modo ſe poderem diſcernir os verdadeiros fieis; e para fazer calar os outros, lhes promulgou a doutrina do *Deſtino*, repreſentando-lhes que ſeus parentes, e amigos terião igualmente morrido, ainda quando não tiveſſem vindo á campanha; porque os dias de todos os homens eſtão tão bem contados, que nenhuma precaução póde haver, que conveniente ſeja para os continuar além do termo perfixo. Como os Muſulmanos juravão nas palavras de ſeu meſtre, e guerreiro Profeta, a perſuasão foi inteira, e a eſtupida ſubmiſsão a toda a ſua doutrina produzio nelles effeitos maravilhoſos de valor, e gentilezas. He principalmente á crença do deſtino a quem devemos attribuir a intrepidez, e valentia, com que os Muſulmanos affrontavão os maiores perigos, e que conſeguio a Mahomet, e a ſeus ſucceſſores tão rápidas conquiſtas.

No principio do quarto anno da Egy-

Egyra enviou o falso Profeta setenta Ansarienes ao Principe de Nagedo para o convidar, e a seus vassallos para abraçarem o Musulmanismo. Esta deputação teve desgraçadissimo exito. O Principe começou a responder mandando matar o primeiro, que lhe propoz a sua commissão, e depois se virou contra os outros Deputados, que em premio do seu zelo forão passados a ferro. Quando Mahomet o soube, fuzilavão seus olhos rancor, e vingança; e prestes se poz em campo para desagravar a morte de seus Emissarios. Avisinhárão-se os contendores: Mafoma porém não encontrou mais que huma tropa de invalidos, que se puzerão em fuga, logo que soubeRão que elle se aproximava. Mas ainda assim hum delles teve assaz animo para ir ao arraial do pertendido Profeta, a quem fallou, e disse que sobejo gosto tinha de querer pegar, e beijar seu alfange. Nenhuma dúvida poz Mafoma em lho entregar ás mãos: o Gafranita já senhor daquella arma a desembainhou com designio de dar

mor-

morte a Mafoma, ao qual se arremeçou para assim o execurar. Mafoma porém teve a felicidade de evitar o perigo, a que sua imprudencia o acabára de expôr.

Abusofião sempre de mão alçada contra os Musulmanos, e mórmente contra o seu chefe, reclutou hum exercito numeroso composto de muitas Tribus de Judeos, de Kenanitas, de Gaftanitas, e de Koraitas, que todas montavão a mais de dez mil combatentes. Exercito tão consideravel infundio temor, e medo não só aos sequazes de Mafoma, mas ao mesmo pertendido Profeta, que para evitar o perigo, que o ameaçava, julgou que seria conveniente entrincheirar-se em seu acampamento: assim o fez, e foi o primeiro, que entre os Arabes se fortificou deste modo até então desconhecido naquellas partes do mundo. Por este motivo se ficou denominando aquella acção a *guerra dos fóssos.*

Mafoma esteve sitiado no seu acampamento vinte dias, que todos se passárão em escaramuças. *Amru*, que então

tão era reputado pelo melhor cavalleiro do ſeu tempo, quiz dar hum eſpectaculo aos dous exercitos, e ſinaes da ſua deſtreza, e valor. Correo á redea ſolta por cima do entrincheiramento do exercito inimigo, e deſafiou o mais valente de todos para hum combate ſingular. Ali, ainda que ſobrinho de *Amru*, acceitou o deſafio. Antes da pendencia jurárão mutuamente, que não ſe pouparia hum ao outro, e deſempenhárão ſua palavra, ficando Ali victorioſo. Eſte acontecimento foi como preſagio da total derrota do exercito de Abuſofião. Mahomet conſeguio huma victoria tanto mais notavel, ſegundo os Muſulmanos, que foi o meſmo Deos, que para poupar o ſangue dos fieis, lha concedeo por meio de ventos impetuoſos, que levárão pelos arès as tendas, e derribárão as obras dos Koraiquitas, e obrigou tanto a elles, como a ſeus alliados a irem confuſamente buſcar aſylo em ſuas proprias caſas.

Soube Mahomet aproveitar-ſe da ſua victoria. Fingio, e publicou que ti-

tivera aviſo do Ceo para ir atacar a Tribu dos Koraitas. Depois de haver tomado com Ali as medidas convenientes para o fazer com acerto, marchou contra ſeus inimigos, poz-lhes cerco, que durou vinte e ſinco dias, e tão fortemente os opprimio, que ſe virão obrigados a render-ſe á diſcrição. Os deſgraçados prizioneiros, ſetecentos em número, eſperavão que o vencedor ſe ſatisfizeſſe em ſómente lhes aprehender ſeus bens, e lhes concedeſſe a vida; mas enganou-os ſua eſperança. Mafoma, dando fingidas moſtras de não querer decidir da ſua ſorte a encarregou a *Saad* ſeu Lugar-Tenente, o qual elle bem ſabia quão irado eſtava contra os Koraitas, por cauſa de huma ferida, que havia recebido no tempo da *guerra dos föſſos*. O vingativo Saad mandou que todos os homens foſſem degolados; as mulheres, e ſeus filhos reduzidos á eſcravidão, e ſeus bens diſtribuidos pelos vencedores. Eſta deſpiedada ordem teve prompta execução, e pouco depois de ſaciar ſua vingança,

morreo Saad da ferida, que tinha recebido. Entre aquelles escravos, se achou huma mulher de rara formosura, a qual foi levada a Mafoma, e elle a admittio em número de suas concubinas.

O falso, e sanhudo Profeta, animado pelo successo de humas se aventurava a outras emprezas: atacou a Tribu dos Motalequistas, e o acontecimento correspondeo aos que a fortuna até alli lhe concedêra: derrotada esta Tribu, lhe foi apresentada outra mulher ainda de mais tentadora belleza que a precedente: era ella filha de huma personagem por nome Mostalek, e chamava-se Geosira. O voluptuoso Mafoma avaliou em mais esta matrona, que a gloria da acção, em que triunfára: admittio-a no número de suas mulheres, e poz em liberdade cem parentes della, os quaes tinhão ficado prizioneiros naquelle mesmo combate.

Quasi nesse mesmo tempo foi que a mais moça de todas as suas mulheres, por nome Aiesha, se fez suspei-

tosa de adulterio com certo mancebo, que sempre a acompanhava, e seguia. Foi aconselhado Mafoma para repudiar huma consorte, que tanto o deshonrava; mas o impudico Profeta, que não tinha coração para se apartar de huma mulher, a quem amava ternamente, e que a hum tempo queria purificar a reputação de sua honra, portou-se de hum modo tão sagaz, como supersticioso em materia tão delicada. Suppoz ter certa revelação do Ceo, pela qual ficára a innocencia de Aiesha plenamente justificada, e mandou dar oitenta açoutes em cada hum dos que lhe havião aconselhado o repudio.

Todas as emprezas do Impostor erão acompanhadas dos mais ditosos successos. Querendo utilizar-se da sua felicidade, e da confiança que nelle tinhão suas tropas, marchou com mil e quatrocentos homens a pôr assedio á cidade de Méca. Todos os seus nacionaes lhe protestárão a firme resolução em que estavão de lhe não dar entrada. Mahomet lhes representou que

elle não emprehendêra aquella jornada, senão para praticar suas devoções no lugar do seu nascimento. Os Mequenses não se deixárão illudir por este capcioso pretexto; mas todavia como receavão serem forçados, propuzerão huma tregoa, que o falso Profeta acceitou com subejo aborrecimento da parte das suas tropas, as quaes esperavão enriquecer na pilhagem. Eis-aqui pois quaes forão as condições do tratado. Que se algum houvesse entre os Koraiquitas, que se quizesse alliar a Mafoma, o poderia então fazer com toda a segurança: que igualmente de todos os sequazes de Mahomet, os que se quizessem retirar para Méca, ou para a Tribu dos Koreishitas o poderião fazer livremente: que se porém ao depois algum habitador de Méca passasse para o exercito de Mahomet, este seria obrigado a entregallo: finalmente que o falso Profeta, e todos os seus poderião entrar, e sahir da cidade, com tanto que fosse sempre sem armas, e que nenhum se demorasse nella de cada

vez

vez mais de tres dias. Os ſeus ſoldados não ficárão muito contentes com eſte pacto pelas razões, que já apontámos; mas o infatigavel, e ardiloſo General, que em tudo peſquizava os modos de os ſatisfazer, publicou que irião atacar a Tribu dos Judeos de Chaibar, o que muito ſocegou ſeus animos, na eſperança de que ainda terião melhor ſaque, do que em Meca.

Era chegado o ſetimo anno de ſua Egyra, quando poz em marcha ſeu exercito contra Chaibar. Poz cerco a eſta praça, e ao fim de dez dias ſe apoderou della, e de huma gentil, e formoſa mulher chamada *Safia*, a qual, não obſtante eſtar contratada com hum Principe daquella Tribu, invalidou os eſponſaes de propria vontade, e paſſou a ſer mulher do Conquiſtador da Aſia; mas o fruto deſta conquiſta foi o principio da morte do voluptuoſo Profeta. Havia-ſe elle alojado em caſa de hum dos principaes moradores daquella cidade chamado *Horeth*, cuja filha *Zamath*, querendo examinar ſe Mafoma era verdadeiro Profeta, no

acto

acto de lhe preparar a cêa envenenou huma costela de carneiro, para que comendo-a elle, ficasse ella desenganada; pois assim discorria Zamath. Se este homem he Profeta, ha de conhecer que a costela está envenenada, e não a comerá; se porém não he Profeta, ha de comella, e morrer, e eisque tenho feito grandes serviços ao mundo em desterrar delle homem tão barbaro, e tão cruel. Alguns querem que a dita costela fallasse, e o avisasse de que estava envenenada; mas parece que isto aconteceria já muito tarde; por quanto hum certo *Bashero*, homem de sua comitiva, e commensal com elle, tendo comido como quem gostava, repentinamente cahio morto; e se o falso Profeta não experimentou logo a mesma sorte, foi porque não lhe sendo affeiçoado, pouco tinha comido; mas a pezar de toda a precaução, que depois tomou, sempre lhe fez muito mal; porque desde então sempre ficou achacado, e ao fim de tres annos morreo, como ao depois se verá.

De

Depois da tomada de Chaibar, e de mais algumas cidades, que pertencião aos Judeos, voltou Mahomet para Medina, aonde achou ſeus amados diſcipulos, que no principio de ſua miſsão ſe forão refugiar na Ethiopia. Mahomet ſe alegrou muitiſſimo de os ver, e em reconhecimento do zelo, que ſempre moſtrárão a favor de ſeus intereſſes, e doutrina, os fez entrar na partilha do ſaque de Chaibar.

Al-Nagiashe, Rei da Ethiopia, conſervava com o Profeta tão íntima amizade, que nada lhe pareceo offuſcar ſua authoridade o fazer que Mahomet recebeſſe para o número de ſuas mulheres huma filha de Abuſofião, viuva de Abdolla, a qual tinha buſcado aſylo com ſeu eſpoſo na Ethiopia. Mafoma, que ſempre andava ſollicito, e cuidadoſo dos meios de ſe fazer Senhor de Méca, contratou eſta alliança para ter da ſua parte o chefe dos Koraiquitas, e na eſperança de que Abuſofião reſpeitaria na peſſoa de hum genro o mais tremendo inimigo.

O vencedor barbaro, e guerreiro já

já ſenhor de quaſi toda a Arabia, e temeroſo a todos os ſeus vizinhos; ſe julgou aſſaz forte para poder eſtender ſuas conquiſtas, e Religião até aos Gregos, e aos Perſas: principiou mandando Embaixadores a todos os Principes de ſuas vizinhanças, para os convidar a abraçarem o Muſulmaniſmo. Coſrú, Rei da Perſia, foi o primeiro, que recebeo eſte convite; mas bem longe de lhe dar reſpoſta favoravel, raivoſo de ver que hum ſeu eſcravo tivera a ouſadia de lhe eſcrever, raſgou a carta, que tinha recebido na preſença do meſmo Emiſſarios, que lha entregára. Deſte modo attrahio a ſi a maldição do Profeta, que nada mais reſpondeo a eſte deſprezo, quando o ſoube, ſenão que Deos deſpedaçaria o Reino do Perſa, bem como elle tinha deſpedaçado a ſua carta. O ſegundo, a quem Mafoma eſcreveo, foi Heraclio Imperador dos Romanos, o qual agaſalhou bem ſeu Embaixador; e o deſpedio cólmeado de preſentes para o ſeu Profeta. O terceiro foi o Principe de Coptias, Al-

Mo-

Mo-Kawhas, que governava o Egypto debaixo da dominação de Heraclio, e que ao depois se fez Musulmano pela direcção do Grão-Calife Omar. Como bem conhecia a amorosa, e torpe paixão de Mahomet, enviou-lhe huma rapariga assaz bella por nome Maria. Presente desta natureza foi de sobejo agrado para o impudico Profeta, o qual a antepoz a todas as suas antigas mulheres. O quarto foi ElRei de Abisinia, que já tinha abraçado o Mahometismo. O quinto foi Al-Haret, Principe Gassanita, que reinava em huma parte da Arabia, e que respondeo indignado que elle iria em pessoa visitar o Profeta, segundo parece, com hum exercito, pois Mafoma se mostrou summamente pezaroso desta resposta. O sexto foi Howada, Rei de Yemena; este recusou logo o ir á presença do Profeta, conforme elle lhe pedia na sua carta; o que não obstante sempre ao depois foi, e fez profissão do Musulmanismo; mas, assim que chegou a seus estados, o tornou a desprezar. O setimo foi Mondar, que

era

era Rei de Alhahraim no Golfo Persico. Este abraçou a doutrina do falso Profeta, e todos os seus vassallos seguírão o seu exemplo.

No oitavo anno da Egyra, mandou marchar contra os habitadores de Muta, cidade da Syria, e dominio dos Romanos, hum corpo de tropas de tres mil homens, a quem deo para Generaes Zaid, Giafar, e Abdolla, para que, se o primeiro morresse, o segundo o substituisse; e se este fosse tambem morto, o terceiro lhe succedesse. Querem os Arabes que o exercito do inimigo fosse de cem mil combatentes, o que não he verosimil; mas parece que com effeito elle era muito superior em número ao dos Musulmanos. Estes todavia ficárão vencedores depois de hum denodado combate. Os tres Generaes, que Mahomet tinha nomeado, forão mortos no calor da acção, e Caleb foi eleito em seu lugar por unanime consentimento de todo o exercito, e com effeito mostrou por sua agilidade, e valor que fôra digno daquella eleição. Re-

ti-

tirou-se para Medina com suas tropas victoriosas; e depois de haver enternecido Mahomet pela relação, que lhe fez das circumstancias da batalha, e morte dos seus tres Generaes, recebeo delle o epitheto de *Espada de Deos*.

Como os Koreishitas se lembrassem de querer romper as treguas, que tinhão feito com Mafoma, Abusofião para evitar as consequencias desta irrupção, foi mesmo em pessoa a Medina, na esperança de apaziguar seu genro, e de encontrar em sua filha efficaz intercessão para com o Corifêo dos Musulmanos, e depravado Profeta; mas depois de haver instado inutilmente para obter delle huma resposta favoravel, tornou outra vez para Méca tão descontente de seu genro, como indignado contra sua filha, que apenas se dignou fallar-lhe, e se atreveo a injuriallo, dizendo-lhe que elle era idolatra, e que seu marido era o Apostolo de Deos.

O manhoso Mafoma não deixou perder tão boa occasião de se fazer

ſenhor de Méca. Fez ſeus preparativos tanto em ſegredo que quaſi podemos dizer, que chegou ás portas da cidade, antes della ter noticia da ſua marcha. Não embaraçou porém a *Ateb*, hum dos chefes do exercito Muſulmano, que os Mequenſes foſſem aviſados da cilada, que ſe lhes armava. Compadecido das deſgraças, que ſua patria hia experimentar, aviſou os Koraiquitas dos deſignios de Mahomet. Para que ſua carta lhes foſſe entregue com mais ſegurança, remetteo-a por huma ſua eſcrava, a quem poz logo em via. Sciente Mahomet deſta traição, mandou prender a eſcrava, e havendo á mão a carta de Hateb, mandou-o chamar, e apreſentando-lha, lhe perguntou porque motivo ſe fazia elle réo de tão torpe, e abominavel delicto. Hateb ſe juſtificou o melhor que pode, e Mafoma lhe perdoou.

Eſtando pois já o falſo Profeta a diſtancia de huma jornada de Méca, mandou acampar o ſeu exercito que era de dez mil homens: encarregou

a Omar as guardas de campo: ordenou que em toda a noite se alumiasse a campanha, e que se postassem guardas de maneira que nimguem pudesse entrar na cidade. All-Abbas, tio de Mafoma, que residia ainda em Méca, posto que professava a doutrina de seu sobrinho, persuadio Abusofião a que fosse visitar o Impostor, que lhe rendesse homenagem como a seu legitimo Soberano, e a que abraçasse a sua Religião. Abusofião tomou este conselho, e poz-se a caminho com All-Abbas; e ambos forão deitar-se aos pés do maligno Profeta. E quão grande consolação, e regozijo não teria Mafoma de ver abatido, e humilhado a seus pés o seu maior, e mais irreconciliavel inimigo, e de o ter constrangido a vir-se offerecer para ser admittido no número dos seus sectarios!

Tendo finalmente Mafoma trazido ao seu partido o cabeça da Tribu dos Koraiquitas, levantou seu arraial, e continuando sua marcha para Méca, lhe poz cerco. Bem a despeito da vigo-

gorosa defensa de seus habitadores, se apoderou logo della. O seu primeiro cuidado foi de abolir inteiramente o culto dos idolos, e para este effeito derribou por terra todos os simulacros, que tinhão sido o objecto da veneração dos Idolatras. Vendo porém que todos os seus sequazes tiverão sempre huma veneração superstíciosa para o seu templo, e que a peregrinação de Méca continha já huma parte do antigo culto dos Arabes Pagãos, os quaes alli vinhão huma vez cada anno adorar suas divindades, em templo de tanta consideração, e respeito entre elles, como o de Delfos entre os Gregos, julgou que era muito conveniente o conservar-lhes seus privilegios; e por consequencia ordenou a seus discipulos que sempre orassem, tendo seu rosto virado para a parte de Méca, cujo templo elle queria que fosse o lugar principal do culto, e ao qual elles irião fazer suas peregrinações como no tempo passado. Para dar mais sublime idéa daquelle templo, engrandecello, e augmentar-lhe o respeito;

e

e a reputação, o malvado Impostor os capacitou de que desde toda a eternidade elle fôra edificado no Ceo, para que os Anjos adorassem nelle a Deos, que nelle mesmo Adão adorára a Deos no Paraiso; mas que quando fôra lançado fóra pelo Anjo, pedíra permissão a Deos de edificar outro semelhante sobre a terra: que Deos lho concedêra, e que para este fim lhe enviára o seu prospecto configurado em superficies, ou cortinas de luz, pelo qual Adão mandára edificar aquelle de Méca, e outras muitas ridicularias, e extravagantes persuasões. Depois de se ter desembaraçado das funções Religiosas, então se fez acclamar Rei, sem renunciar o caracter de chefe da Religião, e de Profeta, e sem mais contemporizar com seus sectarios, e compatriotas, mandou dar morte a algumas pessoas que se tinhão mostrado mais indignadas contra elle antes, e na acção do assedio. As desgraçadas victimas da vingança do iracundo Mafoma forão dez, seis homens, e quatro mulheres. A maior

par-

parte dos Mequenses se subtrahio á morte abraçando o Mahometismo.

Tendo pois o falso Profeta posto tudo em ordem a seu arbitrio em Méca, residindo nella em pacifica posse, mandou Chaleb com tropas para sollicitar os habitadores dos Cantões visinhos a se sugeitarem ao seu imperio, e abraçarem sua Religião; mas prohibio-lhes vias algumas, que não fossem a brandura, e persuasão. Chaleb porém não se conformou com as intenções do seu Rei. Para vingar a morte de hum tio seu, que fôra morto pelos Giadimitas, passou todos estes desgraçados ao fio da espada, não obstante terem-lhe sahido ao encontro á pedirem a paz, e elle ter-lhes promettido a posse pacifica de seus bens, e de suas vidas, com tanto que professassem a lei de Mahomet. O Profeta desapprovou alta, e poderosamente aquella acção do seu official, e tomou a Deos por testemunha da sua innocencia. Para de algum modo diminuir o mal, que Chaleb tinha feito, mandou seu genro Ali para a Tribu que el-

elle tratára tão desapiadadamente, e deo-lhe ordem, que pagasse aos parentes dos mortos o preço do sangue, que havia sido derramado. A equidade pedia que se castigasse severamente o author de tão sanguinolenta carnagem; mas não quiz Mafoma perder hum homem, de quem tinha recebido, e ainda podia esperar grandes serviços.

O Pontifice guerreiro, chefe dos Musulmanos, via-se obrigado a estar sempre em armas. Effectivamente tinha inimigos, que combater. Muitas Tribus reunírão suas forças debaixo do commandamento de hum tal Malec com intento de suspenderem as conquistas do denominado Profeta, e de se subtrahirem á sua dominação. Mafoma sahio de Méca para as ir atacar com hum corpo de doze mil homens: os dous exercitos se avistárão no valle de Honaina. O de Mafoma era muito superior ao das Tribus, pois este não chegava a oito mil combatentes. Parecia ao Impostor, que não haveria mister mais do que

apresentar-se elle com o seu exercito, para o terror de suas armas affugentar seus inimigos; mas enganou-o sua presumpção, porque travando-se batalha, teve o susto, e mortificação de ver suas tropas em desordenada confusão, e derrota no primeiro ataque. Afflicto se vio, mas o presentaneo uso, que soubera fazer da sua habilidade, e maximas, conseguio-lhe a muito custo pôr outra vez em boa ordem os seus soldados, e reforçando o ataque, obrigou seus inimigos a fugir huns após outros: foi sobremodo grande a mortandade de huma, e outra parte, e o saque foi considerabilissimo, como tambem o número dos prisioneiros.

Depois desta victoria foi pôr cerco a Taife, de que nenhum fruto tirou por não poder conquistalla. Levantou o sitio, e foi aquartelar-se em huma cidade de suas visinhanças, na qual tinha arrecadado o saque, que fizera na batalha de Honaina. As Tribus alliadas, que elle tinha vencido, e saqueado, lhe mandárão Embaixa-

do-

dores, para que quizesse entregar-lhes suas mulheres, e filhos, e tudo o mais, que comsigo tinhão levado. O General Malec foi entregue de tudo o que lhe pertencia, porque se fez Musulmano, e quanto ao mais, restituio os prisioneiros despojados de todos os seus bens. A repartição do saque motivou grandes murmurações, e disputas no exercito dos Musulmanos, mas o seu pertendido Profeta teve arte de lhes socegar os animos.

O nono anno da Egyra he memoravel pelas differentes Embaixadas, que os Principes da Arabia enviárão a Mafoma, tanto para o congratular ácerca de suas conquistas; como para se reconhecerem seus tributarios. Bem a seu despeito conhecêrão elles, que não estavão em estado de resistir a inimigo tão poderoso; e por tanto mais quizerão sugeitar-se voluntariamente, do que exporem-se a huma guerra, cujas consequencias lhes poderião ser de funesto pezar.

Subjugada já quasi toda a Asia, formou Mahomet o designio de in-

troduzir na Assyria suas tropas victoriosas, e de ir atacar os Romanos. Não escondeo, nem dissimulou, como ordinariamente succede, aos seus soldados as fadigas, e os perigos, a que esta expedição os expunha, e por esta causa elles se mostrárão descontentissimos; mas os principaes Officiaes derão evidentes provas de zelo, e de ardor para huma empreza, cujo successo os havia de encher de gloria, e immortalizar seus nomes. Tendo alentado com seu exemplo o animo dos soldados, Mahomet se poz em campo nos mais activos calores do verão com vinte mil homens de Infantaria, e dez mil de Cavallaria. Depois de muitos dias de marcha, chegou á cidade de Tabuco, pertencente ao Imperador Grego, da qual se apoderou logo, e nella recebeo as Embaixadas de muitos Principes christãos, que se obrigárão a pagar-lhe hum tributo annual para os deixar na pacifica, e segura posse de seus estados. E aqui vemos como hum desprezivel negociante de Méca, chegou

a ir accommetter em ſeus meſmos Thronos aos deſcendentes de Ceſar: a tanto o elevou a ſuperſtição dos Arabes, a eſtupida credulidade dos homens!

Mahomet depois da ſua expedição da Syria, recolheo-ſe a Medina, aonde achou enviados da cidade de Taiſe, que vinhão offerecer ſeus moradores á ſujeição do ſeu Imperio, com tanto que ſe lhes deixaſſe livre permiſsão de render culto religioſo ao ſeu idolo. O Profeta de nenhum modo o quiz conſentir, e exigio huma ſubmiſsão pura, inteira, e ſimples á ſua doutrina. O poder do malvado Mafoma tinha-ſe feito tão formidavel, que ninguem ſe atrevia a reſiſtir-lhe, de ſorte que acabou de eſtabelecer o ſeu Imperio, e a ſua Religião em todas as Provincias da Arabia. Depois de haver tomado todas as medidas neceſſarias para conſervar o extenſo dominio de ſuas conquiſtas, veio a Méca para ſatisfazer ao preceito da peregrinação, que elle meſmo eſtabelecêra. Accreſcentou algumas ceremo-

nias ás primeiras, que elle já tinha eſtabelecido, fez muitas exhortações aos póvos, que tinhão concorrido para verem o ſeu novo ſenhor, e quando foi tempo voltou para Medina. Eſta jornada de Mafoma a Méca he conhecida entre os Muſulmanos pela *Peregrinação do ultimo adeos*; porque foi a derradeira, que o ſeu Profeta fez.

Finalmente acabou Mafoma de eſtabelecer o ſeu Imperio, e a ſua Religião em todas as Provincias da Arabia, para as quaes mandou ſeus Lugares-Tenentes, aſſim para o governo civil, e militar, como tambem para abolirem o antigo culto, e confirmarem ſua Religião.

Chegou finalmente o tempo, em que o temeroſo, e falſo Profeta, depois de haver eſtendido ſuas conquiſtas, e ſua Religião até á diſtancia de quatrocentas leguas de Medina para o Levante, e para o Meio-dia, entra a ſentir o mortal effeito do veneno, que lhe miniſtrárão em Chaibar, e que, depois que o recebêra, tanto o

obri-

obrigára a padecer até então, que ſuſcitando-lhe inſupportaveis dores, lhe excitou ardentiſſima febre. Nos primeiros dias de ſua activiſſima enfermidade não faltou a ir á Meſquita nas horas de oração. Quando conheceo, que ſeu mal ſe augmentava, mandou vir á ſua preſença os principaes Anſerienes, e lhes recommendou eſtas duas couſas. I. Que não ſoffreſſem na Arabia homem, que foſſe idolatra. II. Que concedeſſem os meſmos privilegios, que elles gozavão, a todos os que quizeſſem profeſſar ſua Religião. Eſtas forão as ultimas vozes concertadas, que o envenenado Profeta proferio, pois dahi paſſou a eſtado dilirante: aſſim meſmo pedia penna, e tinteiro para eſcrever, ſegundo elle dizia, hum livro, cuja leitura deveria preſervar ſeus diſcipulos de todos os erros; mas Omar prohibio que ſe lhe levaſſe, dizendo, que o Alcorão era de ſobejo. A fim de quinze dias de doença, morreo Mafoma em Medina, tendo de idade 62, 63, ou 64 annos, no vi-

ge-

geſimo terceiro da uſurpação de qualidade de Profeta, no undecimo da Egyra; e na Era de Jeſu Chriſto de 632. A maior parte de ſeus ſequazes não ſe querião capacitar de que elle acabára de viver, nem conſentir, que o enterraſſem. Omar, que de ſeu obſtinado perſeguidor, ſe tornou ſeu Apoſtolo, e que era daquelle meſmo parecer, declarou em altas vozes com o alfange na mão deſembainhado, que elle faria em quartos a todo aquelle, que ſe affoitaſſe a affirmar que Mafoma tinha morrido, por quanto o Profeta de Deos não podia morrer. Abube-Kero porém não quiz deixar Omar, nem o povo neſta eſtupida perſuasão: provou com paſſagens do meſmo Alcorão, que Mafoma á maneira dos mais homens, devia tambem morrer, e tirou a todos os aſſiſtentes de ſeu enthuſiaſtico, e ridiculo erro. Diverſas conteſtações houverão ácerca do lugar, em que ſe havia depoſitar o corpo de Mahomet, e finalmente foi ſepultado na camara de ſua mulher Aieza, aonde elle meſmo quiz morrer.

rer. Muita gente ainda hoje crê, que o corpo de Mafoma, sendo fechado em hum tumulo de ferro, e transferido para huma capella, cujas paredes estavão revestidas de pedras de *Iman*, tinha o tumulo ficado suspendido no ar em virtude do esforço respectivo da attracção de todas as pedras. A pezar de bastantes Escriptores terem refutado esta fabula, ella todavia mofa da credulidade, não só do vulgo ignorante, mas tambem de alguns presumidos engenhos.

Quando se considerão os rápidos progressos do Mahometismo, he de pasmar, que hum só homem, hum méio particular podesse em tão breve tempo mudar a face do Universo. Mafoma não sahiria tão bem de sua mofina empreza, nem com tanta facilidade teria de seu arduo designio satisfação acabada, se as circumstancias lhe não fossem tão favoraveis. Os Ethiopios, que naquelle tempo erão Christãos, e os Persas tinhão invadido diversos Cantões da Arabia, ao mesmo tempo que os Romanos forcejavão quan-

to podião para os attenuar por outra parte, e que os Judeos tinhão penetrado até o centro do paiz. Ora como estes differentes póvos pertendião todos introduzir a sua Religião na Arabia, o que se encaminhava descortinadamente a destruir todas as antigas tradições, e as nações commummente recebidas. Mafoma, que emprehendeo a defensa dellas, e que as soube conservar, fazendo-as entrar no seu novo systema com muitos Dogmas dos Judeos, e dos Christãos, conciliou muito melhor os animos, que outra nenhuma seita o poderia fazer. Querendo o Impostor erigir-se em Profeta, não buscou destruir de todo a crença de seus compatriotas: antes pelo contrario a sua antiga crença servio de base, e fundamento ao novo, e infernal edificio, que elle queria construir. Mas admirando a sua sagacidade, simulação, e astucia; que horror nos não deve inspirar hum homem, cuja temeraria impostura foi tão damnosa, e funesta ao genero humano! Que de rios de sangue não fez elle

cor-

correr ſobre a terra? Que perturbações não excitou elle no mundo? Sim, o Mahometiſmo foi quem tragou de repente toda a Chriſtandade do Oriente; quem deſtruio os mais antigos, e os mais bem fundados Imperios; quem arruinou quantidade innumeravel de cidades illuſtres; e quem fez perecer muitiſſimos milhares de homens, a quem ſe queria converter a ferro, e fogo.

Os aſſoladores do Imperio Romano, por mais barbaros, que forão, não cauſárão no mundo tantas ruinas, e deſolação. Sempre ſe quizerão aproveitar da favoravel ſituação dos Eſtados, aonde a ſua fortuna os tinha conduzido. Deixando ſua gelada, eſteril, e inculta patria, achárão debaixo de outro clima riquezas, que elles não conhecião; porém menos commovidos por eſte objecto, que pelo nobre deſejo de adquirir conhecimentos, adoptárão a Religião, e os coſtumes dos póvos, que tinhão ſubjugado; de ſorte que ſe tiveſſem tempo de ſe polir, e civilizar nos lugares, que occupavão, talvez que pouco,

co, ou nada se viesse no conhecimento de sua invasão; mas outros barbaros, que os repulsárão, fizerão, que em tres seculos consecutivos não estivesse o Occidente submettido senão a conquistadores transitorios, os quaes se vião obrigados a fazerem mais mal aos territorios, que deixavão, que sua inclinação os movia a fazello áquelles, aonde chegavão. Os Arabes pelo contrario semeárão mais desgraças no mundo, e derramárão nelle mais deleixamento, e devassidão, preguiça, e ignorancia, que a maior capacidade dos Gregos, e dos Romanos tinha dessipado no decurso de quinze, ou vinte seculos. Aquelles furiosos Musulmanos tiverão o cruel gosto de destruirem as Bibliothecas, e todos os monumentos consagrados á gloria das acções dos grandes homens. Ninguem haverá, que se lembre sem dor, e summo pezar do funesto incendio da famosa Bibliotheca de Alexandria, composta havia tantos seculos por muitos Reis entendidos, e poderosos, e augmentada successivamente em cada ida-

de

de pelos homens mais ſabios daquelles tempos. Era ella o theſouro univerſal de toda a hiſtoria do mundo, das opiniões de todos os Filoſofos; de todas as peſquizas naturaes, e de todos os conhecimentos, a que os homens podião ter chegado pelo eſtudo, meditação, e experiencia: incendio, que não ſe póde attribuir, nem ao calor de huma acção guerreira, nem á vingança do ſoldado fatigado de hum prolixo cerco, nem ao rigor, e auſteridade do General, que havia tomado Alexandria; mas unicamente ao capricho, e ſuperſtição do velho Omar, ſegundo Califa, que depois de ſe apoderar da cidade, conſultado ſobre o que ſe faria de tão grande multidão de livros, reſpondeo, que convinha queimallos, porque o Alcorão ſó por ſi era baſtante, e ſuppria todos os livros. Com effeito eſta ordem ſe executou, e tão grande quantidade, e variedade de livros, juntos com tanto cuidado, e deſpeza, ſervio para aquentar os banhos de Alexandria por eſpaço de quaſi outo mezes. Perda irre-

reparavel, e que custou ao mundo ainda mais, que o cumulo dos estragos, que todos os Barbaros produzírão. Foi o fanatismo quem excitou os Arabes a semelhantes excessos: fanatismo occasionado pela estimação, e apreço estulto, que fazião do seu Alcorão, que elles consideravão como a mais sublime obra da sabedoria de Deos, e como unico, o qual só era digno de fixar a attenção dos homens. Esta mesma opinião era o principio do desprezo, que os Musulmanos fazião antigamente das sciencias. Cumpre agora dar a conhecer o genio, os usos, e costumes daquelle povo, que adoptou a Religião de Mahomet, e que a propagou por grande parte do Universo.

A Arabia he huma grande Peninsula da Asia, terminada ao Septentrião pela Turquia; ao Oriente pelo Golfo, ou mar da Persia; ao Meiodia pelo Oceano Indiano; ao Poente pelo mar vermelho, e pelo Isthmo de Suez. O espaço, que junta a Arabia ao continente, he territorio horrivel,

e

e medonho por ſeus vaſtos deſertos, inhabitado, e inhabitavel, por cauſa da profunda arêa, que o cobre, e por ſer ahi a agua tão meſquinha, e rara, que hum poço conſtitue a riqueza eſſencial de huma povoação de quinze leguas em redondo. Divide-ſe a Arabia em tres partes, a ſaber: Arabia Feliz, que não merece o epitheto, que francamente ſe lhe dá, ſenão comparativamente ás outras duas partes, ſituada debaixo de hum, clima aonde os calores são exceſſivos, não he inteiramente habitada ſenão em lugares, aonde as ſombras dos montes, e as aguas, que ſahem delles em algumas partes, alivião, e refrigerão de algum modo ſeus habitadores. Arabia Deſerta, e Arabia Petrea. Em qualquer deſtas de nenhum modo he mitigado, nem ſuaviſado o calor. A terra ſempre árida, e eſquentada não offerece mais, que arêas, e rochedos.

Os Arabes pela ſituação de ſeus territorios eſtavão ſeparados de toda a mais gente; mas a falta de communicação com os outros habitadores do

mundo não tinha acanhado nem seus conhecimentos, nem suas luzes. Em todo o tempo cultivárão sempre as sciencias mais úteis, e mais relevantes. Fizerão nellas grandes progressos sem o soccorro dos descubrimentos das outras Nações, tendo nelles produzido a attenção unicamente o que a prolixa experiencia fez conhecer aos outros póvos. Applicando-se porém aos conhecimentos sublimes, não desprezárão os que poderião ser de uso mais commum, e ordinario. Adornárão seu idioma das bellezas mais delicadas, e encantadoras da eloquencia, e da Poesia, tendo hum gosto genuino, e admiravel, tanto para produzirem pensamentos vivissimos, e engenhosos, como para os exprimir em verso, e em prosa com exacção, regularidade, e selecção de termos exquisita, e de singular dignidade; aquelle maravilhoso talento não era fruto do estudo, mas de huma educação corrente, administrada em suas proprias familias debaixo da vigia, e direcção dos mais anciãos, que não tinhão

apren-

aprendido senão de seus pais a cortezia, e urbanidade, que transmittião a seus filhos.

A constituição natural dos Arabes era a mais robusta, e a mais forte. A sobriedade, e trabalho, a que se acostumavão desde a mais tenra idade, junto á pureza do ar, que respiravão, e ao calor do clima, que lhes causava huma transpiração sufficiente, conservava sua robustez, e saude até decrepita idade. Em consequencia desta disposição do corpo, seu juizo era ordinariamente sólido, claro, exacto, e constante, porque tinhão poucas paixões. Sim erão graves, e melancolicos, mas sem capricho, e sem aspereza, nem má indole. A singeleza de seus costumes estava entre meio da baixeza, e do orgulho. Achava-se entre elles humanidade acompanhada de honesta, e decente altivez, que não se podia attribuir senão á solidez de seus sentimentos. O retiro, em que vivião, os avezavá ao conhecimento de si mesmos, e a fazerem-se dignos de sua propria estimação,

O valor não podia deixar de ser huma qualidade usual em hum povo, que para a sua conservação se via continuadamente obrigado a fazer guerra aos brutos mais ferozes.

Esta vida solitaria dos Arabes lhes era sobremaneira vantajosa. Produzindo nelles a temperança, lhes inspirava o desprezo das riquezas, e dos prazeres. Era ella quem lhes servia para o absoluto dominio sobre as paixões impetuosas, que entre nós perturbão tão frequentemente a sociedade; e quem contribuia a augmentar seus conhecimentos, que elles estendião conforme seu gosto, e genio particular ás sciencias mais difficeis. Ainda que quasi não tivessem trato entre si, não erão todavia menos destros, e habeis no trafico, e agencia dos seus negocios. Acostumados a se possuirem sempre perfeitamente a si mesmos, a indiscrição, a mentira, a cólera, e a alegria immoderada erão defeitos, que não se poderião criminar nesta Nação. Antes que a avareza, e ambição os corrompesse, erão

tão

tão moderados, que engolfados em thesouros immensos de todo o Oriente, de que forão Senhores, não tiravão de todas estas riquezas mais, que a porção necessaria para a sua subsistencia, sem se proporem a fazer outro uso de tantos bens, senão de os distribuirem pelas pessoas, que lhes parecião benemeritas, e pelas indigentes.

Quando os Arabes desampararão sua solidão pelo desejo de fazer conquistas, principiou a achar-se-lhes defeitos, que ninguem até alli lhos tinha conhecido, e que tornárão seu nome odioso, e detestavel. Eu fallo daquella dureza de coração, consequencia necessaria do seu temperamento secco, e bilioso, e da vida solitaria, a que estavão acostumados desde a sua infancia: fallo tambem daquelle barbaro desprezo para tudo o que era mais amado, e estimado dos outros póvos; daquella preferencia dada sem medida, e sem limites ás suas opiniões, e a seus usos: daquella crueldade, que os arrojou a tirarem ao

do ametade dos ſeus habitadores, e a privarem os que lhe deixárão de todas as luzes, e conhecimentos, que o genero humano tinha adquirido a poder de desvellos, fadigas, conſumições, e penoſos trabalhos.

Foi o ancioſo deſejo de propagar ſua Religião quem fez os Arabes crueis. O fim de ſuas conquiſtas era o eſtabelecimento de novos dogmas, que havia pouco acabavão de adoptar. Por eſta cauſa ſeus primeiros Capitães não propunhão já mais outras condições ás Provincias, em que entravão vencedores, ſenão as de abraçarem a meſma Religião, e de ſerem admittidos por eſte meio a huma verdadeira fraternidade; ou de receberem ſenhores abſolutos unicamente occupados em fazer ſentir o pezo de ſeu cruel dominio. Eſta dureza de coração, que ſe attribuia aos Arabes depois da morte de Mafoma, e em tempo de ſeus ſucceſſores, era fortificada por ſeu governo ſempre relativo á Religião, que eſtabelecião por ſuas conquiſtas: por quanto toda a economia

da-

daquelle governo ſendo fundada ſobre huma obediencia céga, e preciſa, que deve ſer ſuſtentada pela crença de hum deſtino inevitavel; então ſe comprehende que elles conſideravão o uſo da piedade como o maior obſtaculo, que ſe podia encontrar na exacção de ſua diſciplina civil, e Religioſa.

Os Turcos, como todo o mundo ſabe, abraçárão a Religião de Mahomet. Eſtes póvos são originarios de Scythia. Duas colonias ſuas, depois de haverem inundado as Provincias viſinhas ſe eſtabelecêrão, huma na Syria, e outra na Perſia. A primeira abraçou a Religião de Mafoma, e fundou os Reinos de Alepo, de Damaſco, da Iconia, e ſe miſturou com os Sarracenos. A ſegunda ainda Idolatra apoderou-ſe da Perſia, e ahi eſtabeleceo hum Principado, todo compoſto de Turcos naturaes. Havia entre eſtes ultimos duas familias de exclarecida nobreza, ás quaes elles cedião o ſoberano poder. Chamavão-ſe os Oguzienos, e os Selguzienos.

nos. Erão oriundos de Augus, ou Ogus, e de Selguz, dous seus avoengos, que vivêrão em tempos muito remotos, e cujos descendentes governárão sempre os Turcos sem interrupção.

Quasi no meado do XIII. Seculo, Solimão era o cabeça da casa de Oguz. Hum formidavel exercito dos Parthos desceo á Persia, aonde elle reinava, e o obrigou a desamparar seu Reino. Divagou por toda a Asia, para buscar novo estabelecimento, porém morreo afogado na passagem do rio Eufrates. Seu filho Ortogul continuou sua digressão, e tendo chegado a Misnia, enviou hum Deputado a Aladino, Sultão de Iconia para obter deste Principe asylo em seus estados, offerecendo-lhe sua obediencia, e servillo contra seus inimigos. Aladino não sómente o recebeo com muita humanidade, mas tambem lhe concedeo a povoação, e territorios de Seguta em Misnia para sua moradia. Passado algum tempo, o Sultão lhe offereceo as primeiras dignidades do

Im-

Imperio se quizesse abraçar o Mahometismo. Ortogul de boamente acceitou, e seu exemplo foi logo seguido de todo o seu povo. Desde então nunca mais houve destinção entre os Turcos, e os vassallos de Aladino.

Ortogul teve hum filho chamado Ottomão, e que depois da morte de seu pai descubrio igualmente o segredo de se fazer amar do Sultão de Iconia. Este ultimo morreo sem filhos, e sete principaes Senhores da sua Corte aspiravão a lhe succeder. Quando estavão já prestes a derramar o sangue dos póvos para satisfazerem a sua ambição, concordárão em dividir o Imperio em sete Tetrarchias. Ottomão, ainda que estrangeiro, foi admittido nesta partilha. Formárão finalmente sete soberanias, quaes forão: *Turquia*, *Caramania*, *Iocnia*, *Lidia*, *Bithinia*, *Caria*, e *Paflagonia*. Ottomão, que ficou com a Turquia, escolheo logo a cidade de Acre para lugar da sua residencia, e se propoz cobiçosamente a estender os lemites do seu

do-

dominio. Depois de hum trabalhoso assedio, escalou a cidade de Bursa, capital da antiga Bithinia, para onde transferio a sua Corte. Teve a satisfação de quasi no fim da sua vida gozar das delicias de huma doce paz; o que bem raras vezes succede aos fundadores de grandes Imperios. Este Principe governou com summa bondade, prudencia, e sabedoria, e deixou a seus successores exemplos, que mui poucas vezes forão imitados. Orcão, seu filho, possuidor de hum estado já florecente, tambem augmentou as suas conquistas. Solimão, filho de Orcão, que ao depois reinou, estendeo os limites do seu Imperio até á Europa, em que se apoderou da famosa cidade de Andrinopoli. A morte o arrebatou no meio de seus projectos, e acções. Amurat, seu irmão, e seu successor, fez seu nome célebre por suas gentilezas, e victorias. Foi elle quem transferio a Corte para Andrinopoli, e estabeleceo a famosa, e revoltosa milicia denominada *Genizeros*. Elle mesmo foi, que creou

o cargo de Grão-Visir, e que deo á Monarchia dos Turcos a fórma, que sem muita differença hoje lhe vemos.

Acabámos de dar huma previa noção da vida, conquistas de Mafoma, e do estabelecimento do actual Imperio Ottomano; agora daremos a clara, e destincta idéa da Religião daquelle tão famoso, como falso Profeta, e das principaes circumstancias do governo Civil, e Militar do mesmo Imperio Ottomano, advertindo, que o que vou relatar da Religião de Mafoma he mórmente a respeito da que professão os Turcos, não obstante serem communs os principaes artigos a todos os Mahometanos.

CAPITULO II.

Da Religião dos Turcos.

JA' vimos como hum só homem barbaro, e de estragada imaginação emprehendeo, e conseguio o esta-

tabelecimento de hum vasto Imperio, e de huma nova Religião. Agora vamos dar huma previa noção de qual seja aquella Religião: qual a milicia, e governo civil dos Turcos, grandes cargos, e dignidades do Imperio. As ceremonias, doutrina, e leis, que constituem tão extravagante Religião, he que primeiro ha de formar o objecto da nossa narração. Tudo isto pois está comprehendido em tres livros, a que podemos chamar o Código da lei de Mafoma. O primeiro destes livros he denominado *Alcorão*, o segundo *Assorathe*, e o terceiro inclue em si as consequencias, que se inferem do Alcorão.

A doutrina de Mafoma está inteiramente escripta no Alcorão; e este livro serve de Lei, e de Evangelho aos Turcos: he composto de hum misto disforme do Velho, e Novo Testamento; ou para melhor dizer, são estes mesmos dous livros desfigurados, e confundidos com fabulas, e imposturas, interpolados, mutilados, e cheios de contradições, absurdos,

e anachronismos: o seu estilo ainda que empolado, e inteiramente ao gosto Oriental, offerece ao Leitor algumas vezes varios lugares, ou pedaços tocantes, e sublimes. O Alcorão tambem se chama *Corão*, ou *Coran*. Esta palavra significa lição, leitura, ou o que deve ser lido; bem como nós chamamos á nossa Biblia, Escriptura. O Alçorão, ou Biblia Mahometana está dividida em quatro partes; e estas em capitulos, que se subdividem ao todo em seis mil versos. Cada Capitulo tem seu titulo differente, e todos elles rediculissimos; como por exemplo, o Capitulo da Vaca, do Elefante, da Aranha, da Formiga, da Mosca, &c. Tudo está escripto com tão pouca ordem, e methodo, que não fórma mais, que huma aborrecivel, e continuada miscelanea, o que não obstante tem os Mahometanos huma veneração tão estupida a este livro, que tem pena de morte qualquer Christão, ou Judeo, que lhe tocar, e ainda qualquer Musulmano, que lhe pegar, sem primeiro la-

lavar as mãos. Sobre o tempo, e modo, porque se compoz o Alcorão, não são as opiniões conformes: huns dizem, que Aisquea, ultima mulher de Mahomet, recolhêra todos os apontamentos, e memorias de seu marido, e as dera a hum Doutor da lei, que as trasladou, e dellas compoz o Alcorão; outros affirmão, que elle fôra composto, vivendo ainda Mafoma, e reformado depois da sua morte: os que são deste parecer, corroborão sua opinião dizendo, que hum certo Abdiacen-Solão, Judeo de Nação, e Persa, foi o principal de todos, que ajudárão Mafoma nesta fatal empreza; e entre outros *Sergio*, Monge Christão, o qual professava a heresia de *Nestorio*. O primeiro, por ter sido Doutor da Lei, ou *Rabino*, tinha sobejo conhecimento da Religião dos Judeos, dos seus costumes, e da sua sciencia. O segundo depois de haver sido lançado fóra do seu Hospicio, pelos grandes, e enormes crimes, que commettêra, tinha-se refugiado em Méca. O Assorathe comprehende a

tra-

tradição da Lei de Mafoma, os principios, e opiniões dos ſabios deſta Lei.

A diverſidade de opiniões dos Doutores da Lei de Mafoma quaſi ſe póde dizer que fórmão outras tantas ſeitas na Turquia; o que não obſtante todos ſe conformão nos ſinco Artigos fundamentaes, dogmaticos, e communs a todo o Muſulmaniſmo, e que cada Turco eſtá obrigado em conſciencia a praticar, quaes vem á ſer. I. Conſervar as partes exteriores ſempre limpas. II. Fazer oração a Deos ſinco vezes no dia. III. Obſervar o *Ramasão*, ou *Ramadão*. IV. Dar cumprimento ao *Zacate*, ou *Zekiate*. V. Fazer a peregrinação da Méca.

A Theologia, que o aſtuto Impoſtor dogmatizou, e que ſeus ſequazes adoptárão, e em certo ſentido alguns Doutores da Lei tem corrompido, ampliado, e transfigurado a ſeu modo, vinha a ſer. I. Crer a verdade; iſto he, a exiſtencia, e unidade de Deos, excluindo qualquer outro

po-

poder, que pudesse modificar, ou participar do seu, e da sua vontade; o que Mafoma excluia geralmente pelo nome *Associação*, como idéa mais vil, e indigna, que se podia formar da Divindade. II. Crer que Deos, Creador Universal, he Omnipotente, Omnisciente, pune o vicio, premeia a virtude não sómente nesta vida, mas ainda depois da morte; porque todos os homens hão de resuscitar, e apparecer diante delle para serem julgados, segundo o que praticárão sobre a terra. III. Crer que Deos he piedoso, e que fazendo uso da sua misericordia para com os homens, que se poderião perder por falta de instrucção, e de doutrina, que os pudesse tirar do vicio, e lhes fizesse conhecer a verdade, e praticar a virtude, lhes suscitou naquelles ultimos tempos especial, e pessoalmente Mahomet para ser seu Profeta, e para lhes ensinar os meios de agradarem a Deos, de alcançarem o premio dos bons, e de evitarem o castigo dos máos: e em summa, aqui recapitularemos em geral

ral os pontos principaes do Mahometismo. I. Crer que Deos he hum tanto em pessoas, como em essencia. II. Que Mafoma he seu Profeta. III. Que os mortos resuscitaráõ, e hão de ser julgados. IV. Que a Missão de Jesu Christo foi verdadeira, e divina Missão. V. Que elle nasceo de huma Virgem. VI. Que seus milagres, e doutrina são realmente de Deos. VII. Que o peccado do primeiro homem se não transmittio a seus filhos; isto he, que não somos filhos da culpa. VIII. Que os Anjos são os ministros, que executão as ordens de Deos, e que o Anjo S. Gabriel he o primeiro. IX. Que o destino, e predestinação he real, e absoluta. X. Que ha hum Ceo, e hum Inferno. XI. Que todo o Mahometano deve ser circumcisado. XII. Que a sua Religião não deve ser propagada senão á força de armas; e por este motivo os seus *Imans*, ou Sacerdotes, fazem suas humilias, e pregações com hum alfange na mão desembainhado. XIII. Que os Musulmanos, ou Fieis, que

ma-

matão os incrédulos, vão para o Céo. XIV. Que o que bebe vinho pecca mortalmente; assim tambem os que jogão a dinheiro. XV. Os Mahometanos lem muitas cousas por tradição auricular, que elles mesmos dizem, que Mahomet as ouvíra da boca de Deos na sua *Mesra.* XVI. Que a alma he immortal; mas que não he distincta da substancia material, senão em quanto se suppõe que Deos a fez vivente, e capaz de todas as suas funções animaes, e racionaes. XVII. Que havendo contradição em quaesquer dous lugares do Alcorão, o Profeta revoga, e annulla hum. XVIII. Que o adulterio seja crime capital; o que não obstante o mesmo impudico Impostor usurpou a mulher de seu escravo Zaid. XIX. Que podem os Musulmanos não sómente terem mulheres legitimas, mas ainda o número de escravas, ou concubinas, que puderem sustentar, e elle, falso Profeta, teve vinte á sua parte. XX. Que os proprios diabos virão a ser convertidos pelo poder, e virtude do Alcorão.

rão. Mafoma admittia o Velho, e Novo Testamento, e citou muitas passagens delles, com a disparidade, que o Leitor poderá julgar, para justificar, e provar a sua falsa missão.

Estes artigos de Fé, e de Doutrina, e desmesurada quantidade de outras tradições, falsas, ímpias, e ridiculas fórmão o cahos monstruoso da Religião Mahometana, e nos fazem ver até onde a superstição, e nimia credulidade póde levar os homens. Vê-se tambem, que o pessimo mentiroso, para edificar o seu systema, extrahio muitas cousas da Religião dos Judeos, e dos Christãos. Todavia a huns, e outros tinha odio mortal. Imputava aos primeiros a depravação do Texto da Lei, por principio de aversão contra as outras Nações; por causa de orgulho, e de vaidade, que os fazia ensoberbecer, e desprezar todos os póvos do mundo, dando-se a si preferencia; e por motivo de avareza, que os movia a enormes usuras para despojar, e deteriorar os mais homens dos seus bens,

longe de praticar a caridade, e compaixão, que constituem as virtudes mais necessarias para a sociedade, e que lhes tinhão sido tão grande, e especialmente recommendadas na lei. Accusava os Christãos de terem corrompido o Texto do Evangelho por principio de rixas, e desavenças extraordinarias, que entre elles reinavão; e cujo principal effeito, depois de reciprocas perseguições, havia sido a alteração, e perversão de hum livro, que não ensinava senão verdades simplissimas, não recommendava senão a paz, e união, e condemnava igualmente as animosidades, e opiniões extremas de todos os partidos. Taes erão as queixas, e criminação, que aquelle teterrimo Impostor fazia ácerca dos Judeos, e dos Christãos.

Huma Religião, que não reconhece por author senão hum barbaro sem letras, e sem costumes; que tem por Apostolos, Judeos, Pagãos, e Christãos hereticos, e que não se propaga senão por violencia do ferro, e fogo, e pela destruição; eis-ahi pois

a

a Religião de Mahomet, ou de Mafoma.

Certo homem ſabio da França conſiderou os artigos ſeguintes, como indices, e caracteres inſeparaveis da impoſtura. I. Ella tem ſempre por fim algum intereſſe carnal. II. Não póde ter por Authores ſenão homens peſtilentos, e depravados. III. Ambas eſtas couſas devem neceſſariamenre fazer-ſe conhecer na compoſição da impoſtura. IV. Eſta não póde ſer tão bem tecida, e digeſta, que não contenha muitas falſidades palpaveis, que deſcubrão a falſidade do todo. V. Por toda a parte, aonde ao principio he divulgada, nunca he introduzida ſenão por fraude, e por aſtucia. VI. Ainda quando tenha muitos ſectarios occultos, e disfarçados, não póde eſtar muito tempo ſem ſe manifeſtar. VII. Finalmente não póde ſer eſtabelecida ſenão por força, e por violencia. Ora que todos eſtes caracteres convém a todas as impoſturas, e particularmente ao Mahometiſmo; e que nenhum delles póde ſer attribui-

do ao Christianismo, he o que o famigerado Author, donde são tirados, provou assáz em huma Epistola, ou carta dedicada aos Deistas do nosso Seculo.

CAPITULO III.

Do Mufti.

O *Mufti* he o cabeça, o Magno Pontifice da Religião Mahometana em Turquia: he o Oraculo, que resolve todas as questões difficeis da Leï: he nimiamente respeitado pelos Turcos, e estes o considerão como infallivel: a sua eleição depende absolutamente do Grão-Senhor, o qual nomeia sempre para este emprego algum homem de probidade, sabio da Lei, e muito bem reputado por suas virtudes. Sua authoridade he tal, que a sua decisão nem o mesmo Grão-Senhor a contradiz. Todas as suas decisões são dadas por escripto, e suas sentenças terminão os mais renhidos, e importantissimos processos. O Sultão

o consulta em todos os negocios de Estado, e não emprehende cousa alguma de consequencia, sem primeiro ouvir o seu parecer. Acontecendo algumas vezes, que o Grão-Senhor encontre obstaculo a seus designios na pessoa deste Ministro, então elle he deposto, e substituido por outro, que falle, e obre segundo a vontade do Principe: se porém este segundo o não faz desta maneira, he tambem deposto, e substituido por hum terceiro, e assim os mais, até que venha hum, que se accommode aos interesses, e affectos do Grão-Senhor, que os elege. Se alguma vez succede, que o Mufti commette grande erro, ou falta, o Grão-Senhor arroga a si o poder exclusivo de depôr; isto porém succede raras vezes. Todos, que receião, que o Juiz ordinario lhes não faça justiça, podem ir queixar-se verbalmente, e em poucas palavras ao Mufti, e a sua resposta, e resolução he tida pela verdade. He igualmente uso quando se quer alcançar alguma cousa do Grão-Senhor, prevenirem-se com a de-

ci-

cisão deste Oraculo, para fazer conhecer ao Principe, que elle a póde conceder em consciencia, e conforme a Lei.

O Mufti sómente, e nenhuma outra pessoa, tem audiencia do Grão-Senhor, quando a manda pedir. Este Monarca o recebe sempre com todo o decóro, grande veneração, e acatamento, porque levanta-se, quando o Mufti entra, e o reverenceia, baixando a cabeça, o que não faz a nenhum de seus Ministros. Ha muitos Muftis em Turquia, mas o de Constantinopla he o mais estimado. Relataremos a ceremonia, que se pratíca, quando toma posse da sua dignidade. Apresenta-se ao Sultão, que depois de o ter revestido a seu modo, lhe faz presente de grande somma de ouro, que elle mesmo lhe mete em suas vestes. Consigna-lhe logo huma certa renda, e lhe permitte tirar quanto puder do redito de algumas Mesquistas Reaes, que para elle ficão sendo como outros tantos beneficios. Tem certas taxas, e emolumentos, que recebe

be pelas ſentenças, e mais deſpachos, que dá; e iſto lhe faz tambem huma renda conſiderabiliſſima: quando tem tomado poſſe do ſeu emprego, todos os Embaixadores das Potencias Eſtrangeiras coſtumão viſitallo, e fazer-lhe hum preſente; o que augmenta extremamente ſuas riquezas. Quando qualquer Mufti he depoſto, e nenhuma razão concorre para a ſua depoſição, ſenão a vontade abſoluta do Principe, ſempre o gratificão, e lhe conferem poder de diſpor de alguns empregos de judicial em algumas Provincias, cujà juriſdicção lhe confião: iſto lhe produz huma renda ſufficiente para poder ſubſiſtir com abaſtança, e decencia. O credito, e authoridade do Mufti ſobre o eſpirito do Sultão, lhe dá tanta veneração, e reſpeito em todo o Imperio, que os mais poderoſos, e maiores Senhores o buſcão, e lhe fazem ſala, e procurão ancioſamente o ſeu patrocinio, e amizade.

CA-

CAPITULO IV.

Da Circumcisão.

A Circumcisão não he recebida pelos Turcos como artigo de Fé exprimido no Alcorão, mas sim como antiga tradição, que estava em uso entre os Arabes, Orientaes, e Egypcios: estes a reputavão como precaução necessaria nos tempos quentes, para prevenir certos accidentes de molestia, mortificação, incommodo, e porcaria, a que a circumcisão remedeia efficazmente. Os Turcos não circumcisão seus filhos, sem ao menos chegarem á idade de sete annos: mandão fazer esta operação por hum cirurgião. A ceremonia da circumcisão tem sua differença segundo os paizes, mas em toda a parte, aonde se pratica, he considerada como sinal de que o circumcisado foi admittido no número dos verdadeiros fiéis.

Os nomes, que os Turcos põem ordinariamente a seus filhos, quando

se

ſe circumciſão, são: *Amat*, bom, *Amurat*, vivo; *Hibraim*, Abrahão; *Iſmael*, quem Deos ouve; *Sſuph*, Joſé; *Machmud*, deſejavel; *Muhamel*, louvavel; *Muſtapha*, ſantificado; *Scander*, Alexandre; *Selim*, pacifico; *Seremeth*, diligente; *Solimão*, pacifico, &c.

CAPITULO V.

Das Abluções, ou Purificatorios.

COmo Mahomet eſtiveſſe a pontos de morrer, foi conſultado por ſeus diſcipulos ſobre o que havia de mais eſſencial nos mandamentos, que elle deixava: Mafoma lhes recommendou a paz, e lhes diſſe, que o melhor meio de a conſervar era ter continuado, e ſummo cuidado na limpeza de ſeus córpos, e haver aſſidua cautéla em ter ſempre clauſuradas, e ſeparadas ſuas mulheres. Eis-aqui como *Mr. Boulainvilliers* explica a relação, que ha entre eſtas couſas, que parece não terem nenhuma. A ſeparação

ção das mulheres, qual eſtá em uſo por todo o Oriente, he meio ſeguro para as excluir das intrigas do governo, e para evitar em ſua propria origem as tempeſtades, e funeſtas conſequencias dos males ſemelhantes aos que ellas tão frequentiſſimamente tem cauſado no mundo. Quando não ſe occuparem em ſuas caſas, ſenão do cuidado de agradarem a ſeus maridos; a paz, e harmonia familiar ſerá conſervada em todo o ſeu comportamento; bem como o ſerá no Univerſo, quando as paixões immoderadas das mulheres lhe não augmentar a deſordem, e perturbação. O meſmo ſuccede a reſpeito da limpeza: a attenção, que houver para a conſervar, receando huns ter parte, ou participar das manchas dos outros, fará que os Muſulmanos ſe apartem, e fujão dos que não profeſsão a Religião de Mahomet, e daqui ſe ſeguirá huma ſeparação propria para manter a paz: ſeparação, que ſupprimirá muitas diſputas inúteis, deſavenças; e diſcurſos arriſcados, capazes de ſuggerir a perturbação

tur-

turbação, o desassocego, a ambição, e a desordem entre os circumstantes: separação em fim, que produzirá a quietação, e tranquillidade particular, que fazem que o homem goze de si mesmo com preferencia a todos os seus bens.

Para conservar a limpeza, he que o falso Profeta ordenou as ablucões, e purificatorios, que já de tempo immemorial estavão em uso na Arabia; porque sendo ahi o calor em summo gráo, e os vestidos desproporcionados á qualidade do clima, pois erão rarissimas as fazendas de linho, tinhão necessidade de usar com frequencia do banho. Era este o unico meio de se verem livres da porcaria, de que os córpos se cobrem por effeito da transpiração. Além de que, a impetuosidade dos ventos, e subtileza das areias cobrem de poeira muitas vezes no mesmo dia aos homens, que vivem continuamente no campo. Motivo este, que faz que os Arabes, aonde as agoas são raras suspirem pelos lugares aonde ellas são abundantes, para fazerem

suas

ſuas abluções com mais facilidade. Quando os Muſulmanos ſe achão em partes, aonde de todo não ha agoa, podem purificar-ſe com o pó da terra da maneira que diremos.

Os Turcos pois crêm que a agoa, de que usão para ſe lavar, os purifica das manchas de ſeus peccados, do meſmo modo, que os alimpa da immundicia de ſeus córpos. Elles tem tres eſpecies de purificatorios, a ſaber: o *Abdeſto*, o *Gouſte*, e o *Tabareto*.

O *Abdeſto* conſiſte em lavarem as mãos, e os braços até ao cotovelo, os pés, as fontes, o cocuruto da cabeça, as orelhas, as faces, o interior do nariz ſorvendo a agoa, e os dentes: ſerve de preparação para orar a Deos, para entrar na Meſquita, e para ler o Alcorão. Mas quando o tempo eſtá rigoroſamente frio, e que não podem, ſem perigo, deſcobrir ſeus pés, então he baſtante indicar eſte genero de purificação com hum ſinal externo, como he o de molhar o roſto das chinelas; mas ainda que o frio ſeja extremo, nunca os Turcos

ſe

ſe diſpensão de fazer nús em pêlo todas as outras abluções do Abdeſto naquellas partes do corpo em que ſe fazem.

O *Gouſte*, he quando ſe banhão depois de terem commercio com ſuas mulheres. Em quanto ſe não banhão, dão a cada hum o nome *Giunab*, que quer dizer homem, cujas orações diante de Deos são abominaveis, e com quem os outros homens não devem tratar.

O *Tabareto*, he quando ſe lavão depois das evacuações naturaes do homem. Neſta ceremonia empregão os tres ùltimos dedos da mão eſquerda, e avalião como peſſoas impuras todos os que não praticão o Tabareto.

Segundo o Cathecisſmo Muſulmano ha ſeis actos meritorios na ablução. O primeiro he dirigir ſua intenção. O ſegundo he lavar com boa ordem, a ſaber: I. As mãos até aos pulſos. II. A cara. III. As mãos até ao cotovello. IV. O cocuruto da cabeça. V. Os pés até aos tornozelos. O terceiro he principiar o purificatorio pe-

pelo lado direito. O quarto he principiar a lavar pelo lado esquerdo antes do direito estar secco. O quinto he esfregar a cabeça. O sexto finalmente he esfregar o pescoço. Eis-aqui agora o que, segundo o mesmo Cathecismo, faz invalida a ablução, e lhe impede o seu effeito: quando fica alguma nodoa, ou porcaria em qualquer parte do corpo: quando se tem alguma pustula, chaga, ou ferida, de que corra sangue, ou qualquer materia: quando succeda haver alguma nausea, ou vomito, algum delirio, ou algum desmaio. Fica outro sim sendo inutil, quando se leva a agoa á boca com a mão esquerda; quando, lavando-se o rosto, se mexe, e leva a agoa com precipitação tal, que ao cahir faz estrondo, e igualmente quando alguem se assôa, ou escarra na agoa: quando se lanção os olhos para as partes, que o pejo não permitte nomear, ou quando se falla, e trata dos negocios, e com commodidades proprias, familiares, ou alheas. Quanto á quantidade de agoa necessaria para fazer o

pu-

purificatorio, eis-aqui a maneira de se explicar o Cathecismo.

He necessario para a abluçaõ simples *Batman* e meio; e quatro Batmans para a abluçaõ geral. O Batman, he huma medida de agoa, que tem de pezo quatro arrateis e meio. No purificatorio simplez emprega-se meio Batman para lavar o tronco do corpo pela parte anterior, e posterior; outro meio Batman para lavar as mãos, e o rosto, e o terceiro he para lavar os pés. Na abluçaõ geral se empregão dous Batmans e meio para todo o purificatorio dos pés até á cabeça, e Batman e meio para a abluçaõ, que sempre se deve fazer antes da abluçaõ geral. Estas precauçoẽs de medida de agoa naõ se observaõ senaõ em casa, ou em lugares, aonde apenas ha agoa para os usos ordinarios; porque estando á borda do mar, ou de hum rio, naõ se experimenta damno em a desperdiçar. Sinco cousas obrigaõ a fazer a abluçaõ geral. I. Quando as menstruadas saõ interrompidas nestas molestias periodicas. II.

Quan-

Quando ſe lhes acaba o menſtruo. III. Quando tiverem paſſado os quarenta dias preſcriptos pela Lei depois dos partos. Os outros dous pontos pertencem a differentes eſpecies de impurezas, para cuja expiação o mandamento obriga a fazer a ablução geral, ou logo, ou ao menos antes da oração. A honeſtidade, e decóro da noſſa linguagem, e peſſoas não permitte relatar aqui toda eſta parte do Cathecismo Muſulmano.

Quando por falta de agoa eſtão obrigados a fazer a ablução com terra, devem praticar o ſeguinte para ſer valioſa. I. A terra deve ſer de boa qualidade, e limpa. II. Deve primeiro tocar com ambas as mãos na terra, e levantando-as logo, esfregar a cara. III. Deve ſegunda vez abaixar-ſe, e pôr as palmas das mãos ſobre a terra, esfregar os braços; e iſto he o principal. Eſta ablução fica nulla por tudo o que impede o effeito da ablução ordinaria. Se quando ſe eſtá em via para ir para lugar diſtante ſe faz oração depois de ſe haver fei-

to

to a ablução com terra, cumpre lavar-se logo com agoa, assim que se encontra, de outro modo fica nulla a ablução precedente feita com terra. Se no tempo, em que se ha de fazer a oração, se está distante da agoa a hum quarto de legoa, então se faz a ablução com terra, mas se ha menor distancia, esta ablução de nenhum modo he permittida.

CAPITULO VI.

Das Orações dos Musulmanos.

MAfoma chama ás orações columnas da Religião, e chaves do Paraiso. Ordenou, que se fizessem sinco vezes cada dia. A primeira ao amanhecer, ou no diusculo: a segunda ao meio-dia: a terceira de tarde a igual distancia do meio-dia, e do occaso do Sol; a este tempo chamão os Mahometanos *Asré*: a quarta depois de Sol posto: a quinta á hora e meia depois de noite. Os Turcos estão persuadidos de que nada ha no

mundo , que os deva estorvar , ou prohibir de fazer suas orações, ainda quando se tratasse de executar as ordens do Sultão, de apagar o fogo, que abrazasse a propria casa, ou de repulsar o inimigo, que intentasse escalar a cidade. Fazem muito diversas posturas, quando rezão: encaixão as mãos huma na outra em cima do estomago, curvão seus corpos, assentão-se sobre os calcanhares, e recitão hum certo número de bençãos, e louvores a Deos, que contão pelas juntas dos dedos, olhando para suas mãos abertas, como se lessem em algum livro: depois disto se prostrão, tocão a terra com a testa, inclinão a cabeça para huma, e outra parte, &c. Suas orações consistem principalmente em louvar a Deos em todos os seus attributos, ao que elles ajuntão em certas occasiões rogativas pela vida dos seus Principes, pelo bem dos seus estados, e para obterem a divisão, e guerra entre os Christãos.

O Cathecismo Musulmano, de que já fallámos, prescreve doze cousas,

que

que os Turcos tem para si, que são de preceito divino nas suas orações. Seis destas cousas se fazem de fóra da oração, e as outras seis quando a oração se faz. As que se fazem de fóra, são; dirigir a intenção; dizer *Deos he grande*; purificar-se; voltar-se para o Sul, ou para onde está Méca, e Medina; fazer a oração em parte limpa, e propria, e cobrir cuidadosamente o que a honestidade prohibe descobrir. As que se fazem no tempo da oração, são: levantar; recitar alguma cousa do livro da Lei; inclinar-se; prostrar-se; assentar no fim da oração, e saudar os que estão para a direita, e para a esquerda; completas todas estas formalidades, a oração ficará tambem no seu gráo de perfeição.

Quando algum demora a sua oração, ou quando, fazendo-a, falta a alguma das obrigações, de que temos fallado, cumpre que se prostre mais huma vez, que de ordinario; sem o que a oração não será válida. Se o *Iman* por haver faltado a alguma for-

malidade está obrigado a se prostrar; os mais assistentes não são obrigados a fazer o mesmo. Convém saber, que o celebrado *Iman* está posto no alto da Mesquita em frente de todos os que assistem á oração, e que elle a faz em voz alta, para ser ouvido, e seguido de todo o congresso, ou já seja nas orações que recita, ou nas diversas posturas, e visagens, que faz. Os que em suas orações se propõe a imitar Mahomet, dizem ao principio: *Meu Deos, eu recorro a vós; em nome de Deos clemente, e misericordioso, Amen: Soccorrei-me, meu Deos. Oh meu Deos! ouvi-me.* O Iman he quem diz estas ultimas palavras, e o povo responde: *Deos, louvores vos sejão dados.* Estas derradeiras palavras são, repetidas quando se inclinão; repetem-se tambem, quando se prostrão; e quando se levantão dizem: *Deos he grande.* Em todo este tempo praticão as acções seguintes: levantão as mãos: levão as mãos ás orelhas, esfregão com a mão por cima dos vestidos a parte inferior do embigo; cru-

zão

zão as mãos, pondo a direita ſobre a eſquerda, (as mulheres devem pollas ſobre ſeus peitos) põe as mãos ſobre os joelhos, quando ſe inclinão; inclinão-ſe de todo, e apartão os joelhos de maneira, que a barriga lhes não toca quando ſe proſtrão; apartão ſuas mãos das partes dianteiras das coxas das pernas; aſſentão-ſe ſobre o pé eſquerdo, e nunca ſobre o direito; diſpõe de tal ſorte ſeus pés, que os extremos dos dedos ficão voltados para o Sul. No Cathecifmo Muſulmano chama-ſe a tudo iſto rezar á imitação de Mahomet.

As mulheres nunca vão ás Meſquitas para fazerem ſuas orações, por não cauſarem diſtracções aos homens. Quando os Turcos eſtão no campo, aonde não ha Meſquitas, querendo fazer oração, voltão-ſe para a parte de Méca, que fica para o meio-dia. As orações na ſeſta feira são mais extenſas, que nos outros dias, em commemoração da perſeguição de Mafoma, que foi em outro ſemelhante dia. Muitos obreiros, e artifices não

tra-

trabalhão, nem os negociantes abrem ſuas lojas até ao meio-dia. A fugida de Mafoma para Medina he, como já diſſemos, chamada Egyra. Eſta he o principio, ou termo das Eras vulgares na Turquia.

CAPITULO VII.

Da Predeſtinação.

OS Turcos crêm a Predeſtinação ſem reſtricção alguma. Dizem que o deſtino de cada hum eſtá eſcripto no Ceo, que ninguem póde evitar a ſua boa, ou má fortuna, nem por prudencia, nem pelo maior esforço, que fazer poſſa. Eſta opinião he conſequencia, ou effeito da perſuasão do que Mafoma contou, que víra no terceiro Ceo, e eſtá de tal modo impreſſa no eſpirito do povo, que os ſoldados não tem difficuldade em exporem temerariamente ſua vida nas occaſiões mais arriſcadas.

Nenhum delles teme a peſte, nem foge ás moleſtias epidemicas, porque to-

todos eſtão perſuadidos de que Deos tem contado os dias dos humanos, e determinado de toda a eternidade o que lhes ha de acontecer; de ſorte que os Turcos viſitão com tanta indifferença os peſtilentos, como os gotoſos, os febricitantes, &c. Muitas vezes deſpem os que morrem tiſicos, ou de lepra, e ſem eſcrupulo veſtem logo alli meſmo ſeus veſtidos: tão preoccupados eſtão deſta opinião! *Narſipo*, ou *Taktiro*, he o nome que dão a eſte deſtino.

CAPITULO VIII.

Das Feſtividades dos Turcos.

A Principal de todas as feſtividades he a que elles chamão *Bayran*, ou Bairão: dura tres dias logo depois do ſeu Ramazão. Todo aquelle triduo ſe paſſa em bailes, jogos, divertimentos continuados: então he o tempo das reconciliações, ſaudações, dadivas, e preſentes. Os principaes Miniſtros, Officiaes, e Nobreza do Im-

Imperio, que se achão em Constantinopla concorrem, ainda noite escura, ás portas do Serralho, para acompanharem o Grão-Senhor, que ao romper do dia passa a cavallo entre meio delles para ir fazer a oração do diusculo em Santa Sofia, que he a principal Mesquita da cidade. Depois de se recolher da oração, e já dentro no Serralho recebe, estando assentado em seu Throno, o Grão-Visir, e o Mufti, que para lhe renderem vassallagem, vão em frente, hum dos Officiaes maiores do Imperio, e o outro, dos Sacerdotes, e Doutores da Lei. O Bairão deve começar logo, que apparece a Lua depois do Ramadão. Publíca-se esta festa em Constantinopla por descargas de toda a artilharia. Em quanto ella dura não se accendem as alampadas, que estão nas torres, e zimborios das Mesquitas; soão os tambores, e trombetas, e cada hum não cuida senão em se divertir. Os Turcos tem outra festividade, que elles chamão *Donanma*: sua duração he segundo a vontade do Princi-

cipe. Celebra-se quando se ganhão certas batalhas, em final de alegria; pelo nascimento dos Principes, na sua circumcisão, e convalescença.

CAPITULO IX.

Do Ramazão, ou Ramadão.

HUm dos pontos essenciaes, e dogmaticos da Religião dos Turcos, ou de Mafoma, he a observancia do mez do *Ramadão*, ou do jejum, que dura todo este mez. A ninguem he permittido, durante aquelle tempo, nem comer, nem beber, nem fumar, nem tomar o cheiro de cousas odoriferas, nem ter copula com mulheres, nem finalmente metter cousa alguma na boca por minima que seja, em quanto o Sol gyra por cima do horizonte; mas chegando ao seu occaso, e em tempo, que as alampadas, que estão em torno das torrinhas da Mesquita, estão accesas, então já lhes he permittido comerem. Empregão a maior parte da noite em fes-

festins, e banquetes. Chamão a este mez ſanto, e ſagrado; e dizem, que naquelle tempo eſtão abertas as portas do Paraiſo, e fechadas as do Inferno. Eſte jejum he de recommendação tão ſevera, que ſe algum Mahometano o infringe, e principalmente Turco, eſtá ſujeito a perder a vida. Os enfermos, e itinerantes tem licença para comerem, com condição porém de que ſe devem lembrar dos dias do Ramadão, que não cumprírão, ficando obrigados a ſatisfazerem á Lei, quando a ſua ſaude, ou os ſeus negocios o permittirem.

O Cathecismo Muſulmano diz, quando falla em geral do jejum „ Se „ huma moſca, ou moſquito entrar pe- „ la voſſa boca, ſe vos mandardes „ ſangrar, ou deitar ventoſas, nada „ dito quebrantará voſſo jejum; do „ meſmo modo a unção do oleo, ou „ uſardes do Surmé. Tambem vos he „ permittido maſtigar pão para o met- „ terdes na boca de algum menino, a „ quem queirais alimentar; mas ſabei „ que o deveis dar todo ſem engu-

„ lir

» lir a minima parte que ſeja ; de
» outra ſorte commettereis hum pec-
» cado. Conhecei pois o que infrin-
» ge o jejum, e o torna inválido. Se
» o homem tem commercio com mu-
» lher, he inconteſtavel, que que-
» brantou o jejum, e ſe o faz de
» propoſito dileberado, eſtá obrigado
» para expiar eſta culpa, a abſter-ſe
» deſte commercio em outro dia, que
» for livre, e de mais a fazer algu-
» ma penitencia » Quando falla do
jejum voluntario, diz: » Se vos obri-
» gardes a jejuar, e por qualquer
» neceſſidade infringirdes voſſo jejum,
» a Lei vos obriga a jejuardes em ou-
» tro dia. Infringe-ſe o jejum, quan-
» do ſe maſtiga, ou come pedras,
» terra, panno de têa, ou papel, e
» então deve começar ſegunda vez o
» jejum, ſem com tudo ſe ficar ſu-
» geito a penitencia alguma; mas ſe
» maſtigar, ou comer alguma couſa
» comeſtivel, cumpre jejuar em ou-
» tro dia, e fazer a penitencia, que
» vamos declarar. Deve-ſe dar huma
» vez bem de comer a ſeſſenta po-
» bres,

» bres, ou jejuar sessenta dias, ou dar
» liberdade a hum escravo para sa-
» tisfazer deste modo á justiça divina.
» Fica a arbitrio eleger huma destas
» tres penitencias, além da qual se
» jejuará hum dia, no qual se fará
» maior, e mais austera penitencia,
» que de ordinario. »

O *Surmé*, de que acima fallámos, he huma preparação de antimonio, de que os Orientaes usão para tingir de negro as sobrancelhas, como o fazia *Jesabel*, segundo a Escriptura.

O tempo do Ramazão he regulado pelo curso da Lua, e todos os annos vem onze dias antes que o precedente; de sorte, que com o tempo, este jejum corre todos os mezes do anno. He mais toleravel para os Turcos, quando succede vir nos dias de inverno, por serem pequenos, que vindo no verão, porque então he muito custoso, e pezado para a plebe, que vendo-se obrigada necessariamente, a trabalhar, todavia se não atreve, nem a metter huma pinga de agoa na boca para se refrigerar. Podemos dizer, que

que o Ramadão he a quaresma dos Turcos, elles a observão durante toda huma lua, e então as Mesquitas estão cheias de alampadas, e parecem capellas ardentes. Naquelle tempo augmentão os Turcos suas esmolas, que consistem em dinheiro, e viveres, como arroz, manteiga, mel, azeite, carne &c., que mandão, ou vão destribuir pelas suas visinhanças, ou por outros pobres; o que dá lugar a estes de rogar a Deos pelos seus bemfeitores, gritando pelas ruas da cidade: *Oxalá que Deos encha de bens os que fartão meu ventre.*

CAPITULO X.

Do Ze-Kiate.

ESte artigo da lei consiste em fazer esmolas. Cada particular he obrigado a dar sinco por cento de tudo o que possue para os pobres; mas os Turcos he o preceito que menos observão: quasi ninguem ha, á excepção dos mesmos pobres, que cumpra

pra este mandamento. A avareza estorva os ricos de se privarem de huma parte de suas rendas; e a politica não quer que se saiba em que ellas consistem, como se saberia pelo calculo exacto do *Ze-Kiate*.

CAPITULO XI.

Do Matrimonio.

OS Arabes tinhão sempre conservado entre si a Poligamia, e a pluralidade de mulheres lhes era permittida, sem exclusão das concubinas, avaliando por mais venturosa a familia, em que annualmente havia maior número de partos. Todavia Mafoma não lhe pareceo, que o número indeterminado de legitimas mulheres fosse compativel com a boa ordem, harmonia, e tranquillidade familiar, e prevenio todos os funestos accidentes, que daqui se seguirião, reduzindo-as a certo número. Obrigou as mulheres, sem excepção de condição, a viverem no retiro, e na dependencia de

de ſeus maridos, a quem deo todo a liberdade, e permiſsão de as caſtigar, quando ſe quizerem ſubtrahir á ſua obediencia; e o mais, que diremos. Mandou que as mulheres andaſſem ſempre cobertas de modo, que nem a ponta do pé, nem a cara, nem o peſcoço lhe appareceſſe; em huma palavra, todas as leis a reſpeito deſta ametade do genero humano, que em outros Paizes governa, e domina a outra ametade, são cruéis, injuſtas, e grandemente penoſas.

Como os Arabes erão eſpecie de Filoſofos, que tinhão huma vida muito retirada, e que não ſe entregavão aos prazeres, nem aos divertimentos, que ha nos jogos, nos eſpectaculos, nos circos, e banquetes, excogitou o Profeta Anti-Chriſtão modos de lhes tornar agradavel ſua ſolidão. Para ver ſeu projecto executado, não pode deſcubrir melhor meio, que o de permittir-lhes com limite a continuação da pluralidade de mulheres, e de obrigar eſtas á inteira ſubmiſsão a ſeus maridos; mas o malvado

Ma-

Mafoma querendo fazer a felicidade apparente de huns, fez realmente a desgraça de outras; e em summa de ambos os sexos. Elle mesmo julgava, que a pluralidade de mulheres contribuia para a propagação do genero humano; mas enganou-se, porque a experiencia prova, que os dominios, aonde não he permittido mais de huma mulher em matrimonio, não são menos povoados, que aquelles, em que a poligamia está admittida.

Com tudo o Matrimonio he reverenciado pelos Turcos como cousa santa, o que não obstante, os seus Sacerdotes quasi não tem parte na ceremonia, que se pratíca nesta occasião. Na presença de hum Juiz secular, ou civíl jura o marido, e obriga-se a receber certa pessoa por sua legitima mulher, e a dar-lhe em caso de morte, ou de divorcio, certas, e determinadas rendas, ou pensão, de que ella poderá dispôr á sua vontade. Os contratos matrimoniaes não são assignados senão pelo Juiz, o qual lhe põe o seu sello: as escriptu-

pturas não fazem menção senão dos nomes dos contrahentes, e das arras, que a mulher deverá receber em devidas circumstancias: a mulher não comparece; he representada por hum homem, que faz as vezes de procurador. Os parentes, e amigos acompanhão o esposo até casa da consorte, e dous delles vão todo o caminho com os alfanges nús na mão alçados por cima da cabeça do noivo, segundo elles dizem, para estorvar os maleficos; mas já hoje corre noticia de que este uso está abolido. Os Mahometanos podem ter quatro mulheres, contra o rumor popular, que affirma, que elles podem ter quantas podem sustentar. Mas a lei permitte-lhes o terem as escravas, que puderem comprar, com tanto que não faltem ao que devem a suas legitimas esposas. A lei manda, que a legitima mulher seja admittida no leito de seu marido ao menos huma vez em cada semana, e que o marido satisfaça ao dever conjugal. Se elle o recusa fazer, tem ella direito de o pôr em justiça.

 Os

Os Turcos considerão como proprios, e legitimos, assim os filhos, que tem das suas escravas, como os de suas mulheres; e huns, e outros gozão dos mesmos privilegios, com tanto que os pais tenhão declarado por livres os primeiros em seus testamentos, sem o que ficão reduzidos ao número de escravos.

A lei de Mafoma permitte, que a mulher viuva, ou repudiada, ou divorciada caze até terceira vez, e não mais; de sorte que só póde passar a quartas nupcias com algum dos tres maridos, que antecedentemente teve. O divorcio na Turquia se faz judicialmente em presença do Juiz, que formaliza o acto, e o regista. Entre os Turcos ha duas sortes de divorcio. O primeiro consiste em separar o homem, e a mulher da mesma casa, e leito, continuando sempre o marido a provella de tudo o necessario. O segundo obriga o marido a dar á mulher as suas arras; de sorte que ella fica desde então perdendo todo o direito á pessoa, e bens do marido; e

em

em certos casos póde tornar a casar. Se o marido se arrepende de se haver desquitado de sua mulher, e outra vez a quer receber, não lhe he concedido, sem que primeiro consinta, que outro goze della em sua mesma presença. As circumstancias, e modos, que precedem o torpe acto, que cobre de vergonha, e confusão ao marido, são outros tantos desaforos, e obscenidades, que a honestidade christã não permitte declarar; apenas diremos que, ainda depois de tão vil acção, fica á eleição da mulher escolher hum dos dous, e raras vezes succede, que não escolha o que já era seu marido, e desta sorte vai de novo viver com elle.

Quando as mulheres estão desgostosas de seus maridos, e que requerem a dissolução do seu matrimonio, vão ellas mesmas perante o Juiz á Audiencia; descalção huma das suas chinelas, e a virão de solla para cima, para assim darem sinal do que não se atrevem a dizer. O Juiz manda vir logo á sua presença o marido; ouve

as razões de ambos, e se a mulher teima em querer dirimir o matrimonio, he condemnada em perder o seu dote, ficando livre para poder casar com outro. O marido tem o mesmo privilegio, mas está obrigado a pagar o dote do contrato á mulher repudiada.

CAPITULO XII.

Do Vinho.

O Falso Profeta nem sempre procurou ajustar o seu systema de Religião com as inclinações, e affectos dos seus compatriotas. Muito bem conhecia elle, que os Arabes gostavão extremamente do vinho, e sabia os funestos effeitos deste licor, por cujo motivo lhes prohibio o seu uso. Attribue-se porém esta prohibição a huma violenta disputa, que o excesso de vinho excitou certa vez entre as suas tropas. Dizem outros, que tendo Mafoma passado hum dia inteiro em companhia de muitos sequazes seus, aon-
de

de tudo foi barulho, paſſatempo, e alegria, encontrou no dia ſeguinte naquelle meſmo lugar grandes motivos de conſternação, provindos das brigas, e pendencias, que entre ſi tiverão os que ſe embebedárão. O certo he, que as razões, que obrigárão o Legislador Arabe a prohibir o uſo do vinho, forão as terriveis deſordens, que o exceſſo deſta bebida pode occaſionar. Não obſtante eſta prohibição, eſte licor he communiſſimo entre os Turcos: públicamente o bebem ſem temer o eſcandalo. Os que eſtão em cargos públicos são mais acautelados, e eſcondem-ſe quanto podem da viſta do público, receando, que pareça, que as faltas, que commettem, provenhão do uſo do vinho. Em Conſtantinopla vende-ſe públicamente, e ha grande número de tabernas, como adiante ſe verá.

CA-

CAPITULO XIII.

Da Carne de Porco.

A Attenção, que Mahomet deo á conservação da saude dos Arabes, o obrigou a lhes prohibir a comida, e uso da carne de porco. Todos sabem, que os pórcos nunca podem ser bem creados, nem nutridos em territorios, em que as producções, e colheitas são minguadas, e apenas dão para a subsistencia de seus habitadores. Como os matos, bosques, e pastagens são rarissimos na Arabia, não se acha naquella parte do mundo nenhuma especie de nutrição propria para os pórcos, de que podemos concluir, que semelhante especie de animaes deve ser malissimamente creada, e sugeita ao mal de gafeira. Por consequencia bem longe de que a carne de porco seja delicada, e appetecivel, ou de que lhes possa servir para dar gosto, e temperar outras viandas, e iguarias, ella deve ser de máo

sa-

ſabor, e muito damnoſa á ſaude. Ainda a fóra da proxima diſpoſição, que os pórcos tem para a gafeita, a qual póde augmentar, e vir a ſer effectiva por falta de alimentos convenientes á ſua eſpecie, e communicar-ſe aos outros animaes, e mórmente aos homens, que ſe nutriſſem della, o ſalobro, e ſalgado das agoas, e do mantimento, de que ſe uſa na Arabia, deve conſtituir os habitadores aſſás ſuſceptiveis de todas as enfermidades de cutis, e por conſeguinte de lepra. Os Turcos são pouco infractores deſte preceito.

CAPITULO XIV.

Das Meſquitas.

AS *Meſquitas* são os Templos, ou Igrejas dos Mahometanos: são ordinariamente de figura quadrada, e tem ao entrar para a porta principal hum pateo, cujo pavimento, ou ſolho he de marmore branco, e em torno delle reinão galarias baixas,

xas,

xas, cuja abobada está sustentada por columnas do mesmo marmore. No centro do pateo ha huma grande fonte, ou chafariz, aonde os Musulmanos se vão lavar, segundo o mandamento da lei, antes de entrar na Mesquita; o que elles religiosamente observão, e com particularidade na Turquia, ainda mesmo nos mais rigorosos frios de inverno, lavando as partes com que elles crem, que tem offendido a Deos, e isto á vista de todo o mundo.

As paredes das Mesquitas dos Turcos, e igualmente as abobadas são branqueadas com cal, á excepção das partes, em que o nome de Deos está escripto em caracteres Arabigos. O pavimento está todo coberto de ricas tapeçarias da Persia, sobre as quaes se prostrão os Turcos, quando fazem oração. Em todas as Mesquitas ha grande número de alampiões, ou alampadas pendentes, de que muitos são de crystal, com outras curiosidades, que de Reinos estrangeiros forão enviadas ao Grão-Senhor. Não ha cousa

ſa mais linda, que a viſta de todos aquelles alampiões, quando eſtão acceſos. Em quanto dura o Ramazão, todas as Meſquitas eſtão cheias de alampiões, que logo á noite ſe accendem, e ha tal Meſquita, que então gaſta em azeite acima de tres quartinhos de ouro por dia. Não ha Nação alguma, que faça tão grandes fundações como os Turcos. Ha Meſquitas edificadas por particulares, que tem mais de quarenta mil cruzados de renda annual. Cumpre notar, que pela lei de Mahomet, não podem ſer fundados, nem Meſquitas, nem Hoſpitaes ſenão com dinheiro, e bens adquiridos legitimamente. Quanto aos Principes Ottomanos, não podem, meſmo por lei, fundar genero algum de Meſquita, ſem que elles peſſoalmente tenhão conquiſtado aos Chriſtãos tanta renda, quanta he preciſa para ſubſiſtencia da Meſquita, que elles querem fundar. Em todas as Meſquitas ha hum cofre, aonde ſe guarda o remanecente das rendas. Os Turcos chamão *Haſna* a eſte cofre, ou theſouro. O Grão-Senhor não

lhe póde tocar, senão para defender a lei, sem encarregar a sua consciencia, e violar as leis do estado.

Os Turcos são magnificos nas Mesquitas, e em todos os monumentos, que edificão em honra de Deos, e que são destinados para o seu serviço. Elles o são não sómente ácerca dos edificios, mas tambem pelo que pertence ás rendas, que lhes destinão. As principaes Mesquitas são as da fundação Real. O chefe dos Eunuchos negros das mulheres do Sultão tem a superintendencia dellas, com poder de dispor de todos os empregos, e cargos Ecclesiasticos, que lhes estão annexos. Isto augmenta muito o seu grande credito, e a sua renda; porque ha grande número de Mesquitas Reaes em todo o Imperio. As de Constantinopla são, Santa Sofia, as dos Grãos-Senhores, Mahomet, Bajazet, Selim, Solimão, Hamet, e outros. As rendas destas casas Reaes correspondem em tudo á magnanimidade, e grandeza de seus fundadores. As rendas Ecclesiasticas, e as applicadas

ao ſerviço de Deos montão á terça parte das terras do Imperio. Huma parte das ſuas rendas ſerve para ſuſtentar os Sacerdotes, e a outra para ſoccorro dos pobres, e orfãos. Santa Sofia, edificada pelo Imperador Juſtiniano, e reedificada depois por Theodoſio, era a Metropolitana da antiga Byſancio, e a Igreja Capital do Patriarca da Grecia. Ella ainda hoje exiſte; e veio a ſer a principal Meſquita de Conſtantinopla. Os Turcos não bolírão nas ſuas rendas, antes pelo contrario de tal ſorte as augmentárão, que hoje igualão as mais ricas fundações religioſas de toda a Chriſtandade. O Sultão faz ſer mais ſumptuoſa, e magnifica a Meſquita Santa Sofia; he como foreiro a ella, e cada dia lhe paga quaſi dez cruzados do noſſo dinheiro pelo terreno, em que algum dia eſtava parte da cerca, e jardim daquelle memoravel templo, e em que hoje eſtá edificado o *Serralho.*

Aos edificios ſumptuoſos, que compõe as Meſquitas Reaes, ſe ajuntão

Col-

Collegios, aonde se dogmatiza, e ensina a lei: outros edificios se lhes unem, em que se fazem cozinhas para fazer de comer para se dar aos pobres, aos estrangeiros, e aos viajantes. Muitas terras, muitas villas, e aldeas; e em summa, Provincias inteiras são destinadas para a subsistencia das Mesquitas; arrematão-se, e andão de renda por certo preço. Além disto, ha rendas, que se pagão em trigo, em azeite, e em outras producções. As renras cobrão-se algumas vezes como ordinariamente se cobrão os tributos, a fim de ser mais facil a cobrança. As povoações, e terras applicadas para a sustentação das Mesquitas gozão de muitos privilegios: são izentas das vexações, e oppressões dos Bachás, e de aquartelarem a gente de guerra, e de aposentadorias. Por esta causa assim a Milicia, como os Ministros da Policia, do Ecclesiastico, e Grandes do Imperio buscão outro caminho em suas digressões, receando o incommodo dos habitadores, e por decóro, e respeito aos lugares destinados para o uso divino.

As

As Meſquitas, fundadas pelos particulares, tem ordinariamente ſuas rendas em dinheiro, procedido dos legados teſtamentarios, ou das doações, que lhes fazem os devotos em ſua vida. Eſte dinheiro ſe dá a juro de dezoito por cento, e fazem diſto as Meſquitas huma renda ſegura, e certa, e permittida por lei, porque a uſura não he condemnada na Turquia, quando ſe trata da utilidade dos lugares conſagrados á Religião; em outro qualquer ſentido, e occaſião he conſiderada como couſa abominavel.

Proximo ás Meſquitas fazem os Turcos edificar humas capellinhas de figura quadrada, que hão de ſervir para ſeu jazigo. O tumulo tem quaſi quatro pés de altura, e ſete de comprimento; eſtá ſempre coberto com hum panno grande de veludo verde, ou de ſetim deſta meſma cor, que arroja por terra: alli conſervão ſempre dous caſtiçaes de braços, todos de prata, e em cada hum duas velas; e em torno do tumulo muitas cadeiras raſas, aonde ſe aſſentão os que lem o

Al-

Alcorão pela alma do defunto. Ao pé da grande campa estão outros muitos tumulos de menor grandeza, todos de marmore branco, e armados como o grande. Em huma das cabeceiras de cada tumulo está esculpido hum turbante de marmore do mesmo tamanho, que era o de que usava aquelle, cujo corpo alli se acha depositado. Os jazigos menores são para os filhos, e parentes do bemfeitor, que edificou a Mesquita. Em huma das capellas de Constantinopla ainda hoje existem os quinze tumulos dos irmãos de Mahomet III., a quem elle mandou cortar a cabeça, para se firmar seguramente na posse do Imperio Ottomano. Denomina-se *Capella dos Turbantes*.

CAPITULO XV.

Dos Emiros.

ASsim se appellidão certos Turcos, cujo número he espantoso, e que dizem ser parentes de Mafoma.

ma. O ſeu teſtemunho em juizo val o de dez peſſoas: trazem todos hum turbante verde, que he a cor conſagrada ao ſeu Profeta. Os Emiros ſão muito reſpeitados entre os Turcos, e gozão de muitos privilegios: além de outros tem o de não poderem ſer ultrajados, maltratados, ou feridos, ſem que ao aggreſſor deſtes delictos ſe lhe corte a mão direita. Ainda que poucos haja, que eſtejão em eſtado de provar, que deſcendem de Mafoma, não deixão todavia de ſerem protegidos quando tem alguns pretextos, que os authorizem para arrogarem a ſi eſta honra, ou que o *Nakibo* os quer favorecer; e para que iſto ſe faça ſem eſcandalo, lhe dão huma arvore de géração delle até Mahomet. O *Nakibo* he o cabeça dos Emiros, tem ſeus Officiaes, e Sargentos, e he ſenhor de baraço, e cutélo ſobre todos os que eſtão debaixo das ſuas ordens; mas nunca faz a affronta aos da ſua familia de os mandar matar públicamente. Os Turcos não ignorão que a ambição, e deſejo de fazer

zer novos ſubditos, facilita o Nakibo ao abuſo de fazer Emiros: por eſta cauſa são muito menos eſtimados do que erão em outro tempo, e já os Turcos não fazem eſcrupulo de os deſancar, e de os tratar com abjecção, quando elles são inſolentes, depois de lhes haver tirado o ſeu turbante verde, e de o ter beijado com reſpeito: eſta ceremonia os livra do caſtigo. O ſegundo Official dos Emiros chama-ſe *Alemdar*, ou *Alendaro*; eſte he quem leva o Eſtendarte verde de Mahomet, todas as vezes que o Grão-Senhor apparece em acto público, e ſolemne. Os Emiros podem entrar, e poſſuir todas as eſpecies de cargos, e poucos ha, que ſe appliquem ao commercio, a não ſer o dos eſcravos, ou captivos, para o qual tem muita inclinação.

CAPITULO XVI.

Dos Emaums.

ESte vocabulo ſignifica Sacerdote, ou cura de almas. Os Emaums são como, ainda que mal comparados, Parochos de freguezias, a quem ſe confia a direcção das Meſquitas. Devem ſaber ler o Alcorão, e ſerem bem reputados nas ſuas viſinhanças, antes de irem exercer aquelle emprego. He tambem neceſſario, que já tenhão ſervido o cargo dos que aviſão, e chamão todos os dias o povo de cima das torres ás horas deſtinadas para as orações públicas, proferindo repetidas vezes em altas vozes eſtas palavras: *Deos he grande: Deos he grande; eu reconheço, que não ha outra divindade ſenão Deos; e confeſſo que Mahomet he o Profeta de Deos.*

Quando qualquer Emaum morre, o povo da freguezia apreſenta hum ao primeiro Vizir para occupar o lu-

gar do defunto, asseverando que tem todas as qualidades requisitas para satisfazer dignamente : em virtude daquella attestação he admittido no lugar vago ; e para se vir na certeza da verdade de semelhante deposição, se lhe manda ler alguns capitulos, ou versos do Alcorão em presença do primeiro Vizir, que o approva, e lhe cede authoridade, e poder de ir occupar o lugar do morto, e de servir naquelle emprego. Esta he toda a formalidade, e ceremonia, que se pratíca na recepção de qualquer Emaum; porque os Turcos não crem, que elle receba caracter algum do Sacerdocio, que os destinga do mais povo. De sorte que quando os Emaums já não estão exercitando estes cargos, tornão para o número de leigos. O seu vestido não he differente do da mais gente, á excepção do Turbante, que he hum tanto mais largo, e pouca differença no franzido, e encrespado, e no modo de o trazer. O seu officio he chamar o povo para os actos da Religião, levallos

pa-

para a Mesquita nas horas destinadas, e ler todas as quintas feiras certas sentenças tiradas do Alcorão. São rarissimos os Emaums, que se atrevão a prégar: deixão este emprego aos *Seighs*, que são hum genero de Monges, de que ao diante fallaremos.

O Mufti nenhuma jurisdição tem sobre os Emaums pelo que pertence ao governo; porque entre elles não ha nem superioridade, nem Jerarquia. Cada hum he independente na sua Parochia, e não póde ser admoestado, inquirido, ou castigado por pessoa alguma ácerca da Religião: não estão sujeitos senão aos Magistrados pelas cousas civeis, e criminaes.

Os Ecclesiasticos Turcos, e os Jurisconsultos são muitissimo estimados na Turquia, como se póde conhecer pelas qualidades, que lhe dá o Grão-Senhor, quando lhes escreve, e lhes envia suas ordens. Eis-aqui como elle lhes falla: *Vós, que sois a gloria dos Juizes, e dos homens sabios, thesouros profundos de eloquencia, e de excellencia, &c.*

CAPITULO XVII.

Dos Religiosos Turcos.

TAmbem como nós tem os Turcos ſeus Moſteiros, e differentes Ordens Religioſas. Pouca he a conformidade ácerca do tempo de ſuas fundações, e de quem forão ſeus fundadores, o que ſómente ſe ſabe he que elles fazem profiſsão de huma vida auſtéra, e recoleta, do deſprezo das honras, e das delicias do mundo, e de total applicação ás couſas divinas: chama-ſe-lhes *Dervichés*, ou *Derviſes*, que ſignifica *Pobres*, porque na verdade vivem em ſumma pobreza. Affectão humildade, modeſtia, e caridade para todos em geral: usão de camizas de têa muito groſſa, e veſtem-ſe de panno eſcuro muito groſſo, que ſe aſſemelha ao noſſo borel; alguns andão embrulhados em huma manta branca; trazem huma eſpecie de gorra muito alta, e larga; he feita de pelle de camelo de côr eſ-

bran-

branquiçada ; trazem ſempre nuas as pernas, e o peito deſcoberto, e muitas vezes põe nelle ferros em braza por devoção : andão cingidos pela cintura com huma correia de couro em pelo ſem ſer cortido.

De mais dos jejuns ordinarios, que ſe obſervão entre os Turcos, os Derviches jejuão tambem á quinta feira, e neſſe dia não lhes he permittido comer couſa alguma antes de Sol poſto. Tem grande quantidade de ceremonias, que todas são ridiculiſſimas ; e o que entre elles ha de ſingular vem a ſer, que na Turquia ſó os Derviches fazem uſo ordinario do vinho, e da agoa-ardente. Tem Moſteiros nas partes mais conſideraveis do Imperio Ottomano ; mas a ſua principal caſa he em *Conbi* na Natolia, aonde ha mais de quatrocentos Religioſos. Eſta caſa he a cabeça das Ordens, e governa todas as outras, por eſpecial privilegio, que lhe foi concedido por Ottomão I., Imperador dos Turcos.

Todas as terças feiras, e ſextas

o superior do Convento faz hum sermão, em que explica aos seus Religiosos alguns versos do Alcorão, ou alguns lugares dos escriptos dos seus Fundadores. Durante este tempo, todos os Derviches estão assentados no chão á maneira dos nossos alfaiates, e fórmão, por antiguidade, huma especie de grande meia lua em frente do Prégador. Estão todos com os olhos baixos, cabeça quieta, não escarrão, e nem se assoão; parecem estatuas, tal he o silencio, e firmeza, com que estão. Neste estado ouvem com maravilhosa attenção os absurdos, e extravagancias, que seus Superiores ajuntão ás do seu Profeta. Por mais extenso, que seja o Sermão, nenhum delles se move. Acabado o Sermão todos os Derviches fazem sinal de reverencia, inclinando-se com muita modestia, e gravidade ao seu Superior, e se pőe a andar á roda com tanta velocidade, que apenas se póde ver por casualidade o semblante de algum; e em quanto dura esta ridicula dança, hum de seus confreires toca flauta.

As-

Assim que esta se cala, parão elles repentinamente, e ficão firmes em pé, sem se lhes entontecer a cabeça; tão acostumados estão áquelle exercicio. Querem imitar nisto a hum dos seus Fundadores, que esteve naquelle estado quinze dias a fio sem descançar, nem comer; e que ficando, segundo elles dizem, extatico, teve prodigiosas revelações, e recebeo do Ceo as Regras da sua Ordem. Os Derviches fazem voto de pobreza, de castidade, e de obediencia; mas se depois de recebido algum, não obstante ter professado, elle acha que não póde observar a regra, nem guardar continencia, obtem facilmente licença para sahir do Convento, e para casar. Todavia elles mesmos publicão, e dizem que a experiencia lhes tem feito ver, que os que daquelle modo deixárão o serviço de Deos, sempre encontrárão no seculo desastrados successos.

Os Noviços são empregados nas cousas mais abjectas, e pelo decurso do tempo entrão outros, que substi-

tuem

tuem seus lugares: habitão dous em cada cella: occupão-se alguns a ensinarem a ler, e a escrever em Idioma Turco, Arabe, e Persa; outros em fazerem galanterias para divertimento do povo, e finalmente alguns se empregão na Arte Magica, e em esconjurar os espiritos malignos. A maior parte delles segue suas inclinações, e entregão-se á preguiça, a qual tem o seu imperio naquelle, e em outros semelhantes Paizes do mesmo, ou igual clima.

Os Derviches são muitissimo perigosos, quando na rua encontrão algum Christão, e que o seu diabolico zelo os inflamma, e transporta; porque então não tem dúvida de os sollicitar, e obrigar a fazerem-se Musulmanos, ou não querendo, de assassinallos. Estes assassinios passão no Imperio por acção de zelo, e por facto tão despiedado, ainda recebem louvores. Pede a prudencia, que todo o Christão ande prevenido, e se esconda, quando os vê; o que fazem por não se expôrem á morte. Quando os

Der-

Derviches tem fome, em qualquer loja, ou na praça, pegão no que lhes faz conta, ou naquillo, de que gostão, sem ninguem se lhes oppôr; porque se recebe como honra, e se espera que o Ceo recompensará o lesado. Entrão francamente por toda a parte, ainda mesmo em casa dos potentados, e nobres em acto de companhia, ou assembléa, e tomão assento: apparecem depois com huma grande fiada de certa miçanga, que terá de comprimento tres varas, e estendendo-a de sorte, que todos lhe peguem, dizem sobre hum dos gráos algum dos attributos de Deos; como por exemplo: *Deos he grande.* Passa este gráo ao immediato, e assim successivamente, e todos vão repetindo o mesmo, e acabada esta roda, o Derviche diz sobre o gráo seguinte: *Deos he justo*; e assim continúa em cada hum dos gráos, pelos attributos de Deos, até que acabando de gyrar todos os gráos da enfiada, ou se levanta, e se retira, ou se espera o café, depois o faz com tão pouca ceremonia como entrou.

Chal-

Chalveti, ou Calvecio, e Naksbendio forão os primeiros Mahometanos, que fizerão regras para aquellas especies de Religiosos. Elles forão as duas fontes, donde manárão, segundo attestão os Turcos, todas as differentes Ordens Religiosas, que povoão o Imperio Ottomano. Contão-se muitas, e a sua differença he serem mais, ou menos ridiculas, mais ou menos extravagantes, e visionarias. Sem entrarmos nó relatorio individual de todas, fallarei em particular de alguma dellas.

CAPITULO XVIII.

Dos Cadriz, ou Cadritas.

OS Cadritas compõe huma das seis Ordens Religiosas, que procedem de Chalvecio. Os que professão nesta Ordem estão obrigados a fazerem gradualmente hum noviciado de jejum, e de abstinencia. Dá-se-lhes á entrada huma vara de páo de salgueiro, que ainda fresca peze quatro-

cen-

centas drachmas, para trazerem effectivamente pendurada na cintura: regulão o mantimento de cada dia pelo seu pezo; de sorte que a porção do pão, que hão de comer, vai diminuindo á medida, que a vara se secca, e peza menos. Cada hum destes Religiosos está obrigado a estar solitario em huma cella quarenta dias em cada anno, e nem ao menos ha de ver gente. Alli se applica todo o tempo á meditação, e se occupa em observar os sonhos, que teve; de que ao depois dá conta ao Superior. Este os explica como entende, e advinha, ou crê adevinhar desta maneira as cousas futuras. Eis-aqui huma ceremonia, que se pratíca durante a noite de todas as quintas feiras, entre todos estes Religiosos. Põe-se todos em movimento andando á roda, ao som de hum instrumento feito á maneira de flauta, e repetem sem descontinuar a palavra *Hai*: repetem-na tantas vezes, tão prolixo tempo, e com tal violencia, que cahem redondamente no chão como mortos. Dizem elles,

que

que isto he para imitarem o seu Fundador, que pronunciava esta palavra com tão grande vehemencia, que se lhe abrião as veias do peito, e esguichavão sangue, com o qual ficava escripto na parede esta palavra *Hai*. Facilmente lhes concede o Superior licença para se embebedarem com agoardente, para poderem continuar, e acabar a sua dança com mais força, e vigor.

CAPITULO XIX.

Dos Calenderos.

ESTES Religiosos da Turquia pertendem ganhar o Ceo por caminho totalmente opposto ao dos outros; entregando-se de tudo á relaxação, e á licenciosidade: gostão muito da alegria, e do prazer sensual, expulsão de si fóra quanto podem a melancolia, e a tristeza, e vivem sem anxiedade, e com desafogo: empregão todo o tempo em comer, e beber, e para fartarem sua intemperança, e go-

golotoneria vendem tudo o que tem, e ainda o mais preciofo. Quando eftão em cafa de peffoas ricas, moldão-fe por ellas, vivem a feu modo, e gofto, e efquadrinhão maneiras de agradar a todos os familiares por meio de facecias, contos, e jovialidades, fó para que fe lhes dê bem de comer. Todos elles tem para fi, e dizem, que a taberna he tão fanta como a Mefquita, e que fervem tão bem a Deos naquelle genero de vida brutal, como os outros no jejum, e na mortificação.

CAPITULO XX.

De outras peffoas empregadas no ferviço da Religião.

AInda afóra os Sacerdotes, e Religiofos, de que fallámos, ha entre os Turcos os Guizeconfos, os Alfaquitas, os Doagitas, ou Hanifizitas, os Santões, os Mefgidgibaquitas, os Seigbitas, os Taslimães, os Mierdgidgitas, e os Mutevelios.

Os

Os *Guizeconsos* são os que lem o Alcorão nas Mesquitas pelas almas dos seus Fundadores, quando esta foi sua intenção. De mais, lem a certas horas do dia livros traduzidos do Arabe em Turco, que tratão da sua Religião, e da sua crença, e os explicão em fórma de Cathecismo aos rudes, e aos ignorantes. Além destes tem livros de Poesia na linguagem da Persia, e da Arabia, cujos versos são rimados com bom metro, e incluem muito boas moralidades, que elles citão agradavelmente, quando he occasião.

Os *Alfaquitas* são os Doutores da Lei de Mahomet: tem sobejo credito entre os Turcos; respeitão-nos como pessoas sagradas: estão sujeitos ao Mufti, de quem dependem.

Os *Doagitas* são Sacerdotes a quem está encarregada a porta do *Divan*. Antes de a abrirem, fazem suas orações pelas almas dos Imperadores defuntos, e pela prosperidade do reinante.

Os *Hanifizitas*, são os protectores

res, ou defensores do Alcorão; elles o sabem todo de cór: os Turcos os considerão, e honrão como pessoas sagradas, e como depositarios da lei do seu Profeta.

Os *Mesgidgibaquitas* são Sacerdotes, que ha no recolhimento das mulheres do Serralho, e que servem a Mesquita, aonde ellas vão fazer suas orações.

Os *Seigbs*, ou *Seigbitas* são os Prégadores das Mesquitas. O Sultão tem hum particular, a quem chamão o Grão-Prégador de sua Alteza. Tem grandissima estimação, e credito na sua Corte. Os Seigbs passão ordinariamente a sua vida em Conventos.

Os *Talismães* são os que vão todas as manhãs ao Serralho, logo que as portas se abrem: todos formando hum circulo se põe de joelhos em huma pequena Mesquita, cada hum com seu livro na mão, e lem em voz alta huma especie de Psalmo, que he tão extenso, que gastão perto de huma hora em recitallo. Os Turcos tem mui grande devoção, e fé nesta ora-

são,

ção, e crem que, em a dizendo quarenta vezes, alcanção de Deos tudo o que lhe pedem; motivo este, porque o Grão-Senhor manda que todos os dias, quarenta daquelles Sacerdotes rezem aquelle Psalmo por sua tenção, e depois de morto fazem-lhe o mesmo sobre a sepultura, para salvação da sua alma. A sua paga corresponde a trinta reis por dia.

Os *Mierdgidgitas* são os que tem cuidado da limpeza, e de ter tudo em boa ordem na Mesquita do Grão-Senhor. São Officiaes dos Eunuchos brancos do Serralho.

Os *Montevelios* são os recebedores das rendas das Mesquitas. O Grão-Senhor he como hum Administrador geral de todas ellas, e em lugar de deixar possuir toda a renda a hum particular, regula o número de pessoas necessarias para o serviço de cada Mesquita, e lhes assigna huma certa pensão sufficiente para sua sustentação. Os remanecentes das rendas são enviados para Constantinopla pelos Montevelios, e são depositados na

For-

Fortaleza das ſete Torres, aonde ficão guardadas com todo o cuidado. O Grão-Senhor não ſe atreveria a bolir nellas ſem encarregar a ſua conſciencia, e offender a lei, menos que não foſſe para empregar aquelle dinheiro em favor, e defenſa da ſua Religião; mas como os Turcos conſiderão todos os Principes da terra, á excepção do ſeu Sultão, como infiéis, ou herejes, o Grão-Senhor não faz guerra aſſim offenſiva, como defenſiva, que não ſeja avaliada como guerra da Religião, e facilmente conſegue approvação do Mufti para ſe ſervir daquelles theſouros no tempo da guerra.

CAPITULO XXI.

Das differentes Seitas dos Mahometanos.

HA infinito número de Seitas differentes entre os Turcos; mas ha duas principaes, que dividem em dous partidos diverſos os Mahometa-

nos. Huma he abraçada, e defendida pelos Turcos, e outra pelos Persas. São denominadas a Seita dos *Sunnitas*, e a seita dos *Alitas*. Os Turcos dizem que *Abube-Kero*, *Osman*, e *Omar*, succedêrão legitimamente a Mahomet antes de Ali, ao qual pertence rectamente o direito de successão a Mafoma, segundo a opinião dos Persas. Os Turcos accusão os Persas de terem corrompido o Alcorão, e os Persas rejeitão como apocrifos, e faltos de authoridade os tres famigerados Doutores da lei de Mafoma, *Abube-Kero*, *Osman*, e *Omar*, que os Turcos venerão muito. Pelo que respeita a outras Seitas particulares, podemos dizer, que ha outras tantas na Turquia, quantos são os cabeças, ou mestres de Escola. Não ha visionario, ou pedante algum, que não tenha para si, que póde ensinar a seus discipulos qualquer opinião singular. Mas todavia tomão muito sentido em não atacarem, e em não offenderem algum dos finco pontos principaes, que, segundo elles, constituem o verdadeiro Mahometano. Dis-

Distinguem-se quatro Seitas principaes, ou quatro differentes Escolas entre os Mahometanos orthodoxos. A primeira, cujo nome he *Haniffe*, he a de que mais commummente se faz profissão na Turquia, e na Tartaria. A segunda chamada *Chafei*, he seguida pelos Arabes. Os habitadores de Tripoli, de Tunes, de Argel, e de outros Póvos da Africa professão a terceira que se donomina *Malechia*. A quarta chama-se *Ambelia*, e não está introduzida senão em alguns lugares da Arabia. Os que fazem profissão destas quatro Seitas, são reputados por Orthodoxos, e não differem entre si senão em algumas ceremonias, que observão em suas orações, e nas abluções, e em alguns artigos da lei civil.

CAPITULO XXII.

Da Peregrinação da Méca.

ESta peregrinação he de preceito para todos, a quem ſua pobreza, moleſtia, ou grandes cargos do eſtado não impoſſibilitão, ou de algum modo eſtorvão de fazer. O número dos Peregrinos, que fazem eſta jornada, monta em cada anno a mais de ſincoenta mil. Os Mahometanos Turcos ajuntão-ſe em Damaſco; os da Perſia em Babylonia; os do Egypto, e da Barbaria no Grão Cairo; e todos elles ſe ajuntão ao depois ſobre o Monte Arefat, que eſtá nos arredores de Méca, aonde fazem hum ſacrificio em memoria do de Abrahão. Paſſa em proverbio entre os Turcos, quando ſe falla neſtas devotas jornadas, *Peregrinação, e Negocio*; quer dizer que na peregrinação da Méca ha ordinariamente dous objectos a hum tempo: a Religião, e o commercio, hum ſerve muitas vezes de

pre-

pretexto ao outro, porque muita gente não vai a Méca senão para negociar com os Persas, Indianos, e Africanos, que em desmesurado numero alli se achão no tempo do *Bayrão*, e passão huma parte da sua vida em fazerem aquella romaria. O mais consideravel de todos os Peregrinos tem por nome *Soraamino*. He nomeado pelo Grão-Senhor para levar todos os annos sinco mil *sequins*, hum Alcorão coberto de ouro sobre hum camêlo, e o panno de arraz preto, que sua Alteza envia para cobrir o exterior do Templo de Méca. Quando este se põe, tirão-se os do anno precedente: os Peregrinos os despedação, e nenhum ha que deixe de trazer, como reliquia, algum pedaço para sua casa. O camêlo, que leva o Alcorão, vem enfeitado de flores, quando volta; e feita esta jornada, fica isento de trabalhar todo o restante da sua vida.

A Peregrinação da Méca, que nós chamamos *Caravana*, está expressada no idioma Turco pelo vocabulo *Hai*.

A

A lei obriga todos os Mahometanos a fazerem esta jornada huma vez na vida, ou a mandarem alguma pessoa em seu lugar, quando por justas razões elles proprios não podem ir. O Grão-Senhor paga effectivamente, a mil soldados, só para acompanharem esta Caravana. Divide-se em seis turbas, ou córpos; as quatro do meio são os Peregrinos, e as outras duas soldados para os guardar: nunca a Caravana descança toda junta; porque, quando os que vão adiante descanção, os que vão atraz se adiantão, até que sejão os primeiros. Se acontece que os Arabes os atacão, e cativão alguns, a Caravana vai sempre seguindo seu caminho, e não se demora, nem se lhes dá dos que os Arabes levão. Manda-se sempre hum Official para dispôr as jornadas diarias, que ordinariamente não excedem a duas leguas, e doze viadores marchão adiante vestidos de côr vermelha, para ensinar o caminho. Cada Peregrino tem hum camêlo, de que se serve para levar suas provisões; porque quasi se

não

não achão viveres em toda a eſtrada, e apenas agoa de quatro em quatro dias; a qual he guardada, e protegida por fortalezas, pelo receio que ha de que os Arabes arruinem os póços para atenuar deſte modo os viajantes.

CAPITULO XXIII.

Obrigações dos particulares, que fazem a Peregrinação da Méca.

PAra haver a preparação neceſſaria para eſta Peregrinação, deve cada hum começar por intenção recta, e pura, arrepender-ſe dos ſeus peccados; pagar ſuas dividas; reconciliar-ſe com ſeus inimigos; entregar os penhores, que tiver em ſeu poder; deixar á ſua familia com que ſuſtentar-ſe até á ſua vinda, e todo o dinheiro, que gaſtar nos preparativos, que fizer; e todo o que levar para os gaſtos da jornada, ha de ſer bem adquirido. O Peregrino, quando ſahe de ſua caſa, abaixa duas vezes a cabeça, e re-

recita o *Fateba*. Esta palavra significa: *Principio*, *Abertura*, he o nome do primeiro capitulo do Alcorão: esta oração he tão commum entre os Musulmanos, como entre nós a Oração Dominical. Os Turcos dizem o *Fateba* no principio das suas orações, nos seus casamentos, ao entrar em qualquer empreza, e geralmente em todas as occasiões, em que querem implorar o soccorro de Deos. Eis-aqui a traducção della: *Em nome de Deos clemente, e misericordioso, louvores sejão dados a Deos, Senhor dos dous mundos, clemente, e misericordiosa. A vós, Senhor, estamos sujeitos, e imploramos vossa assistencia. Dirigi-nos no caminho recto, como fizestes a graça de dirigir os vossos escolhidos, e não como os réprobos.* Depois de ter dito esta oração, o Peregrino despede-se da sua familia, e lhe diz as palavras prescriptas pela lei, que são as seguintes: *O Senhor vos conserve, e vos proteja; elle vos livre de todo o mal, vos perdoe todas as vossas culpas, e vos en-*

encha de bens, para qualquer parte que fordes. Tem obrigação de dar esmola antes da sua partida, porque esta boa obra attrahe a benção de Deos. Quando monta a cavallo faz ainda outra oração, na qual, afóra de outras súpplicas, pede a Deos, que em toda a sua jornada o livre *de homens tristes, e cabisbaixos.* Quando chega á pousada, deve dizer: *Meu Deos fazei-me achar huma pousada de benção: vós sois, Senhor, o melhor de todos os descanços.* Repete estas mesmas orações em todo o tempo das suas jornadas, e deve dar descanço á sua cavalgadura as mais vezes que puder, e ter lembrança de se desmontar para jantar, para cear, e na subida, e descida dos montes, ou ribanceiras. He preciso que se prive de dormir sobre a cavalgadura, que trate bem todos os seus companheiros, e todos os que no caminho lhe perguntarem, ou pedirem alguma cousa, que não escandalize ninguem, nem ainda mesmo aquelles, que lhe exigirem suas provisões, nem lhes

lan-

lance em rosto o que a elles lhes falta.

Tendo chegado ao lugar, aonde se ajunta a Caravana da Méca, e quer vestir o *Ibrão*, especie de habito de devoção, faz huma ablução, cobre todo o corpo com duas grandes toalhas novas, ou lavadas, corta as unhas, rapa, ou tosquia o pelo das partes inferiores, arranca o dos sovacos, esfrega-se com certas drogas, faz duas reverentes venias, inclinando-se todo, e veste o seu habito. O *Ibrão* he de tres maneiras. O primeiro chama-se *Karem*, e este he o que se veste, quando algum se propõe o ir a Méca, e ahi offerecer hum sacrificio. O segundo he denominado *Mofredo*, que he o que se veste, quando na Peregrinação da Méca, não ha tenção senão de assistir ao sacrificio público, que lá se faz, sem fazer algum particular. O terceiro chama-se *Motmettaa*, e serve para os que méramente querem fazer algum sacrificio. Antes de se revestirem, devem dirigir sua intenção, e dizer: *Eu resolvi-me a offere-*

re-

recer hum sacrificio, e eu o offereço ao Deos grande. O Peregrino revestido do *Ibrão*, entra desta sorte na Cidade de Méca, e dá sete voltas ao redor do Templo, e faz os celebrados sete *Sais*. (1)

Cada volta que o Peregrino dá em torno do Templo, he acompanhada de huma oração, que elle vai rezando. Quando entrão no Templo, andão muitas vezes ao redor delle, e sempre a rezar. Eis-aqui em summa o que elles dizem, em quanto andão gyrando: *Oh Deos piedoso! perdoai-me Senhor; fechai os olhos ao que vós sabeis; pois vós sabeis o que nós não sabemos. Oh Senhor da antiga casa! livrai-me do fogo do Diabo malissimo, e execrando; da malicia dos vi-* ven-

(1) He como passeio, ou procissão, que fazem entre dous lugares de Méca, em commemoração do caminho, que *Agar* fazia entre os dous lugares no deserto, quando, depois de ser expulsada da casa de Abrahão, buscava agoa para seu filho *Ismael*, sem se ousar de ir mais longe, temendo algum accidente, que em sua ausencia lhe matasse, ou maltratasse seu filho.

ventes, e das astucias, e ciladas do Anti-Christo, e dos tormentos da morte, e da sepultura. Estas derradeiras palavras são allusivas a hum ponto de Fé dos Mahometanos, como ao diante se verá, quando fallarmos da sepultura delles.

Entretanto que os Peregrinos da Méca offerecem a Deos suas orações, fazem toda a diligencia por se compungírem, e excitar dor: se as lagrimas lhes vem aos olhos, he final de que suas súpplicas são ouvidas, e aproveitão-se daquelles instantes para então encommendarem a Deos todas as pessoas de sua amizade, e conhecimento. Quando se retirão de Méca, não lhes he permittido divertirem os olhos para outra parte que não seja o seu Templo até o perderem de vista. Se de Méca querem ir a Medina, aonde está depositado o corpo do seu Profeta, renovão com pouca differença as mesmas ceremonias; e depois de satisfazerem a éste essencial preceito da sua Religião, tornão a vir para suas casas em paz, e alegria.

CA-

CAPITULO XXIV.

De algumas particularidades da Religião de Mafoma na Turquia.

OS Turcos fazem hum ſacrificio, que elles chamão *Corbam*. Conſiſte em degollar carneiros ſobre o ſepulchro dos mortos, e em dar a carne aos pobres. Crêm que eſta ceremonia allevia as almas, a quem ainda falta que expiar no outro mundo algumas culpas. Fazem tambem hum Corbam no tempo da Caravana da Méca.

He crença univerſal em Turquia, que aſſim que qualquer corpo ſe lança na cova, com elle deſcem dous Anjos negros, que o acompanhão na ſepultura. Ao primeiro chamão *Gnanequir*, e ao ſegundo *Mogir*. Dizem que hum tem na mão hum martello, e o outro ganchos de ferro para introduzirem de novo a alma no corpo do defunto: que ſendo reanimado aquelle corpo, o interrogão ſobre a ſua vida paſſada, e ſobre o artigo

de

de ter ſido bom Muſulmano. Se lhes não dá boas contas de ſua vida, o que tem o martello lhe dá tão grande pancada, que o enterra abaixo de ſinco braças. Mas dando ajuſtada razão de ſuas acções, os dous Anjos negros deſapparecem, e vem dous brancos em ſeu lugar, que ficão guardando o corpo até ao dia de Juizo.

Os Turcos, e mais Mahometanos appellidão-ſe *Muſulmanos*, que ſignifica *Fiéis*, porque não crêm que haja outra lei verdadeira, ſenão a que elles profeſsão.

A palavra *Char-allba*, que quer dizer Juſtiça de Deos, he de tal veneração para os Turcos, que ninguem ha, que ſe poſſa izentar de comparecer, nem ainda o meſmo Grão-Senhor, quando he citado por eſtes vocabulos, porém ſó o Mufti tem direito de uſar delles para com ſua Alteza Imperial.

Ha na Turquia huma eſpecie de veneração ao camêlo, e tem os Turcos para ſi, que he peccado mortal por-lhe grandes cargas, ou fazello tra-

ba-

balhar mais que hum cavallo. A razão, que dão para isto, he, que este animal he muito commum nos lugares santos da Arabia, e que he elle, que leva o Alcorão quando se faz a Peregrinação da Méca. Os que governão estes animaes, depois de lhes dar de beber em huma bacia, servem-se da babugem que lhes sahe da boca para esfregarem as barbas, pronunciando com extremosa devoção estas palavras: *Hadgibaba*, *Hadgibaba*, que significão: Oh Pai Peregrino, oh Pai Peregrino. Os Turcos tem tambem subejo respeito ao jumento, porque Nosso Senhor Jesu Christo, que elles contemplão, e respeitão como hum grande Profeta, se servio delle, quando andava no mundo.

He quanto em resumo podemos dizer da Religião dos Turcos, e lei de Mafoma, passaremos agora a dar tambem huma succinta noticia da Policia, e Milicia do actual Imperio Ottomano.

Os Turcos não se fizerão Senhores dos vastos dominios que possuem, senão com a espada na mão, e unica-

camente á força de armas. Mas aquella grandeza de alma, e altiva magestade dos seus primeiros Imperadores tem perdido muito da sua primeira grandeza, e esplendor. As forças de terra tem diminuido muito, e as maritimas tem-se reduzido a miseravel estado.

CAPITULO XXV.

Da Milicia terreste dos Turcos.

OS Turcos distinguem tambem as suas Tropas em Cavalleria, e Infanteria. A Cavalleria he a parte mais numerosa da Milicia Ottomana: he de tres sortes: huma que tira sua subsistencia de certas terras, ou de certas rendas, que o Sultão lhe concede; a outra recebe a sua paga em dinheiro de contado; a terceira he aprompada para o Grão-Senhor pelas provincias. Os primeiros tem os nomes de *Zaims*, e *Timariotes*; os segundos *Spahis*, e os terceiros são especies de Tropas auxiliares.

CA-

CAPITULO XXVI.

Dos Zaims, e dos Timariotes.

ESTAS duas especies de gente de guerra são como Barões em certos Paizes, ou como os nossos Commendadores, e Padroeiros, que possuem certos dominios concedidos pelos Principes. Ha muito pouca differença entre os Zaims, e os Timariotes; forão instituidos pelo mesmo fim, e tem as mesmas obrigações. Parece porém que os Zaims tem mais algumas utilidades, e distinção que os outros. A sua renda monta de cem mil réis até dous mil cruzados. Em todas as expedições militares estão elles obrigados a servirem com suas tendas, que devem ser acompanhadas de cozinhas, de cavalhérices, e de outras casas necessarias, e proporcionadas aos seus teres, e á sua qualidade. São obrigados a pôrem hum cavalleiro armado por cada quarenta mil réis, que o Grão-Senhor lhes dá de renda. Este caval-

leiro chama-se em linguagem Turca *Gebelu*. Os Timariotes estão obrigados a terem, e levarem tendas de campanha menores que as dos Zaims, e a aprompitarem o mesmo número de homens com menos renda. Huns, e outros estão dispostos em regimentos commandados por Coronéis. Quando marchão vão com bandeiras, ou estandartes, e timbales. Os seus Coronéis tem acima de si os Pachás, e os Governadores de Comarca, e estes são commandados pelos Governadores das Provincias. Quando todas estas tropas estão encorporadas, então se fórma *parada*, cujo lugar, e horas são determinados pelo General, que ordinariamente he o Grão-Senhor, o Grão-Vizir, ou qualquer outra Personagem eminente, que tem a qualidade de Vizir.

Os Zaims, e os Timariotes nunca são dispensados de servirem em pessoa, quando o Grão-Senhor commanda o exercito. Se estão doentes, mesmo na cama são levados em liteiras, se ainda são meninos, nem por isso

são

são dispensados, pois vão sempre dentro em cabazes grandes, ou cestos em cima de cavallos, e desde o berço os acostumão á fadiga, ao perigo, e á disciplina militar.

Como alguns destes homens de guerra não são mais que usufructuarios de suas rendas, e bens, e outros, que morrem sem filhos legitimos, as suas terras vagão para a Coroa. Todos aquelles bens, tendo ordinariamente augmentado muito pelo cuidado, e industria dos que os possuião, o Principe os dá a outros, segundo o seu valor actual, que muitas vezes chega a ser o dobro do que se acha lançado no registro do Imperador. Por este meio o Grão-Senhor vai sempre augmentando o número dos seus soldados. Pelo que, quanto maior número delles morre em huma batalha, tanto mais lucra o Sultão; e na distribuição que faz, gratifica muitos com a porção, que pertencia a hum só. He certo, que esta especie de milicia ha de montar a cem mil combatentes.

Em tempo de guerra se aggregão

à estas tropas certos voluntarios, que os Turcos chamão *Gionullu*, e que se mantém á sua custa, na esperança de alcançarem, por alguma acção de nome, o lugar de algum Zaim, ou de algum Timariote, que morre na guerra. Estes soldados são ordinariamente valentes, destemidos, e proprios para se aventurarem a todo o risco nas acções mais temerarias.

Quando os Timariotes, e os Zaims estão já velhos, estropiados, ou invalidos, podem doar suas terras a seus filhos, ou aos parentes mais proximos. A prática de alguns lugares do Imperio, quando morre na guerra algum Timariote, ou Zaim, he repartir os bens, e as rendas do defunto pelos filhos, que lhe ficão, que recebem partes iguaes; mas quando as rendas não correspondem a quarenta e oito mil reis da nossa moeda, passa tudo ao primogenito: se pelo contrario acontece morrer de sua morte natural, o Governador da Provincia dispõe das suas terras, vende-as, ou dá-as a quem lhe praz. Em outras partes he de usança pas-

passarem aquelles bens por successão de pais a filhos.

O Vocabulo *Timariotes*, nasce de *Timars*; que são á maneira de commendas destinadas em parte para a mantença da gente de guerra, a quem se dá como em feudo. A' medida que os Turcos subjugárão, e conquistárão Provincias aos Christãos, eis-aqui a ordem que ácerca disto observárão. Apoderárão-se do dominio do Principe vencido, de tudo o que pertencia á Igreja, e dos bens, predios, e riquezas dos que tinhão morrido na peleja, e dos que se tinhão retirado. A maior parte de todos aquelles bens foi dividida em *Timars*, e a outra foi destinada para conservação, e augmento das Mesquitas, e para subsistencia dos que as servem. Tudo o que sobeja depois de feitas todas as despezas annuaes, e indispensaveis dos cargos da Provincia, vai remettido ao thesoureiro da Provincia, que tem sua residencia na Corte. Pelo que, toda a vasta extensão das grandes regiões, que estão debaixo do dominio

do

do Grão-Senhor, todas as heranças, todos os castellos, todas as praças fortes &c., lhe pertencem de propriedade. Elle sómente he quem dispõe de tudo, e ninguem ha que possua cousa alguma, que não seja por effeito de sua munificencia. Não he todavia porque as terras, possuidas na Turquia pelos militares, não possão passar de pais a filhos; mas não gozão dellas senão como usufructuarios. Sempre o Sultão reserva para si o direito de propriedade, e he Senhor de os desapossar, e de as dar a quem lhe praz.

CAPITULO XXVII.

Dos Spahis.

OS *Spahis* são outra especie de Cavalleria Turca, que he paga á custa do Grão-Senhor. Podemo-la reputar pela Nobreza do estado, por serem mais bem educados, e civilisados que os outros Turcos. São de dous modos. Huns levão hum Estandarte ama-

amarello, quando vão em marcha, e outros vermelho. Suas armas são hum alfange, e huma lança, com huma especie de dardo de comprimento de dous pés ferrado na ponta. Despedem esta arma com subeja força, e destreza, e algumas vezes correndo á rédea solta a arremeção para diante, e a tornão a apanhar na carreira. Armão-se tambem de huma espada, que vai preza ao lado da sella do cavallo: a sua folha he larga, e direita, e servem-se della quando lhes parece conveniente, em lugar do alfange, principalmente no calor da acção. Muitos ha entre elles, que levão arcos, frechas, pistolas, clavinas, ainda que não avaliem em muito as armas de fogo. Outros armão-se de coletes de malha, capacetes de ferro pintados da mesma côr que o seu Estandarte. Quando principião a pelejar, gritão muito, dizendo: *allah*, *allah*, e forcejão, quanto podem, para romperem as fileiras do inimigo; mas se, fazendo até terceiro esforço, o não conseguem, esmorecem, e retirão-se.

Os

Os Spahis da Asia são muito mais bem montados, que os da Europa; mas estes ultimos são mais destros, e mais valentes, por causa das guerras que tem continuamente com os Christãos, e Potencias visinhas. Os Spahis erão em outro tempo mais ricos, e mais poderosos, que presentemente. Hoje são tão pobres, que estão reduzidos a accommodar-se dez, ou doze em huma tenda ridicula, para o que todos contribuem, e a fazerem bolsa para sustentar dous, ou tres cavallos, e hum macho para a sua bagagem, e provimento de todos. O seu soldo não he regular, vencem pelo nosso dinheiro de hum tostão até setecentos e vinte por dia. A differença deste soldo procede da differença dos lugares, donde sahírão antes de entrarem naquelle corpo, e da especie de trabalho, a que os tinhão applicado. Huns forão creados, e educados em diversos Serralhos, aonde se ensina á mocidade os principios da guerra, e da literatura: outros forão cozinheiros, ou rachadores de lenha no

Ser-

Serralho do Grão-Senhor; muitos ha, que são tirados dos lavadeiros do Imperador, das fábricas dos Turbantes, do laboratorio, da thesoureria &c. Estes ultimos recebem maior pagamento que os outros.

Os filhos dos Spahis conseguem facilmente do Grão-Vizir alistarem-se nos livros de registro do Grão-Senhor; mas o seu pagamento, que deve ser ao menos a razão de cento e dez, ou seis vintens por dia, he tirado da renda de seu pai. Depois de estarem alistados, estão nas circumstancias de serem adiantados em remuneração dos seus serviços, se tem fortuna, e industria.

Na exaltação do Principe, ou acclamação do Grão-Senhor, sempre se augmenta por fórma de gratificação o soldo aos Spahis; e quando o Sultão vai pessoalmente á guerra, dá huma ajuda de custo em dinheiro a cada hum delles, que ordinariamente são cem *francos*, para comprarem arcos, e frechas.

Esta Tropa de Spahis em tempo de guerra não he outra cousa mais,

que

que huma multidão confusa de homens sem freio, nem disciplina. Não tem regulação, não tem companhias, nem regimentos; marchão em chusma, e combatem sem ordem.

Os Spahis fazem suas sentinellas a cavallo quando estão de guarda ao Grão-Senhor: a cada guia da tenda do Imperador se posta hum dos Spahis a cavallo, e hum Janizaro a pé; o mesmo se pratíca com o Grão-Vizir: os cofres do exercito são guardados por Spahis. Estes não recebem pagamento senão de tres em tres mezes: o seu soldo nunca augmenta em tempo de guerra; mas em recompensa disto, o Grão-Senhor lhes manda dar no exercito todos os viveres pelo mesmo preço que em Constantinopla; o que os allivia indizivelmente. Não lhes he prohibido casar; mas raras vezes o fazem, porque são menos bem avaliados. Conta-se no Imperio Ottomano mais de vinte e quatro mil Spahis.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Terceira especie de Cavalleria no serviço do Grão Senhor.

OS *Juruklerose* são huma especie de milicia, que ha em Romania, e cujas rendas passão de pais a filhos: chegão a compôr quasi mil e trezentas familias. Outros ha que se denominão *Ogicksos*, que quer dizer *Chamines*, que poderão montar a sinco mil casas. Estes homens estão obrigados a se quintarem todos os annos, ou a darem sinco pessoas de cada trintena, as quaes tem o nome de voluntarios. Estes devem-se ir unir aos Tartaros, para fazerem correrias na Russia, na Polonia, ou em outros lugares. Huns aos outros se rendem todos os annos. Os vinte e sinco que ficão, não são obrigados a servirem em pessoa na guerra; mas em caso de necessidade, devem mandar hum ou dous homens em seu lugar. O seu principal exercicio he servir a artilhe-

ria,

ria, ter cuidado na bagagem, e nas munições, aplainar os caminhos, e concertar as pontes para a passagem do exercito.

O Egypto fornece de tropas ao Grão-Senhor por differente maneira de todo o mais Imperio. Confia-se este Reino a doze *Beys*, que tem o commando absoluto de toda a milicia. Cada Bey conserva quinhentos homens de guerra, que lhe servem de guardas, e que fazem parte da sua comitiva. Aquelles doze Capitães governão vinte mil cavalleiros, que são pagos á custa do paiz. Os cavalleiros tem obrigação de escoltarem os Peregrinos que vão a Méca, e de conduzirem seguramente á Corte Ottomana o tributo de seiscentos mil Sequins, que paga o Egypto ao Grão-Senhor. São tambem obrigados a estorvarem as invasões dos Africanos, que habitão nas montanhas, e que muitas vezes sahem de seus rochedos seccos, e áridos, para invadirem as terras pingues, e ferteis do Egypto. Além do numero de homens, de que

aca-

acabo de fallar, ha ainda mais no Egypto dezoito mil Timariotes, dos quaes se mandão todos os annos tres mil para Candia para o serviço do Sultão. Os Tartaros, os Valachos, os Moldavos, e os habitadores da Transilvania são obrigados a darem gente de guerra ao Grão-Senhor todas as vezes que elle lha pede. Os Tartaros envião-lhe cem mil homens debaixo do commando do seu *Tartarbão*, quando o Sultão governa o exercito, mas quando este he commandado pelo Grão-Vizir, o Tartarbão manda seu filho, ou, se este não póde ir, o seu primeiro Ministro com quarenta, ou sincoenta mil homens. Quanto aos Principes de Valachia, de Moldavia, e da Transilvania, nunca são dispensados de irem servir pessoalmente, levando comsigo cada hum sete ou oito mil homens.

Ha outra gente de guerra na Turquia chamada *Arcangizos*, que não tem soldo, nem *Timares*, e que servem sómente para serem isentos dos tributos ordinarios que se impõe no

Im-

Imperio, ou na esperança de alcançarem algum posto, ou emprego no exercito, quando vagar. O Grão-Senhor se serve delles para arruinar os paizes inimigos, assim em tempo de guerra, como em tempo de paz. Sempre estão aquartelados nas fronteiras, para pontual, e continuadamente estarem fazendo correrias nos Dominios dos Principes visinhos, e para incommodar, e atenuar seus vassallos. Quasi sessenta mil homens desta especie de tropa guarnecem as fronteiras da Europa, e outros tantos as da Asia. Ordinariamente se dá o commandamento dos Arcangizos a Capitães pobres, que servírão bem, para deste modo se lhes facilitar meios de se enriquecerem. Em tempo de guerra manda o Sultão augmentar o número desta tropa, segundo lhe parece.

CAPITULO XXIX.

Infanteria Turca.

OS *Janizaros*, os *Chiaus*, os que são empregados na Artilheria, e outros destinados para o serviço dos Governadores, e dos Bachás, fórmão os differentes córpos, que compõe a Infanteria Turca.

CAPITULO XXX.

Dos Janizaros.

OS *Janizaros* fórmão a força mais consideravel do Imperio depois dos Spahis: he denominada *Milicia nova*, não obstante trazerem sua origem de Ottomão I. Mas como Amurat III. lhes concedeo grandes privilegios, a Historia dos Turcos não faz menção delles senão desse tempo por diante. Elle foi, verdade seja, quem fez leis para a sua policia, e para sua mantença.

Os

Os Janizaros ao principio não passavão de sete mil, e hoje montão a quarenta mil; e mais ainda, se quizermos contar os que tomão a qualidade de Janizaros, e gozão de seus privilegios, porque então excedem a cem mil, os quaes não recebem paga, nem tem seus nomes alistados; porque querem ser exemptos de pagar muitas imposições; e de alguns deveres públicos, dão certa somma, e fazem presentes todos os annos aos officiaes, que os protegem, e que os fazem passar por Janizaros.

Esta Milicia em outro tempo não se compunha senão de Christãos, que, captivados na sua infancia, tinhão sido instruidos no Mahometismo; porém isto já não se pratíca; porque hoje não se recebe para Janizaros, senão Turcos naturaes. Antes de passarem a Janizaros, está estabelecido por lei, que, sem excepção de pessoa, vão ter certos exercicios para se habilitarem, sem o que, nenhum entra em tempo de paz, e ainda em tempo de guerra, se a necessidade não obriga ao con-

contrario. Os exercicios, em que se empregão estas especies de noviços militares, são penosissimos, e os mais capazes de fortalecer o corpo, e de o acostumar ao trabalho, como por exemplo, cortar, e rachar madeiros; carregar com grandes pezos; soffrer o frio, e o calor; serem humildes, obedientes, vigilantes, e pacientes; em huma palavra, a tudo o que os póde fazer capazes de supportar todos os incómmodos, e fadigas da guerrra.

A maior parte destes *Agiamoglanos*, que he o nome, que se lhes dá na Turquia, está aquartelada nos jardins, ou hortejos do Serralho do Grão-Senhor: sua occupação he cultivar a terra, plantar arvores, concertar, e fazer os instrumentos ruraes, e se a occasião o pede, fazerem as cousas mais abjectas, e as mais penosas, até que a necessidade, que ha delles para a guerra, obrigue seus Officiaes a aliviallos. Então vão alojar-se nos quarteis dos Janizaros, que estão em Constantinopla. Para ahi serem admittidos

não he preciso mais que chamallos por seus nomes em presença do commissario, que lhes assenta praça nos registros do Grão-Senhor. Quando vão a este acto, todos marchão em huma fileira, indo os mais idosos adiante, e cada hum vai pegando nas abas do vestido do que lhe antecede. Ainda bem seu nome não está lançado no livro de registro, quando já correm acceleradamente para o guarda do seu quartel, o qual dá em cada hum sobre a nuca hum brando cachação, para fazer conhecer desta maneira, que todos elles lhe estão sujeitos, e este he o modo de fazer os Janizaros.

Entre estes *Agiamoglanos* alguns ha, que não ganhão mais de hum *Aspre* por dia: esta moeda equival a sete, ou oito réis do nosso dinheiro, outros tem quatro, ou finco, e alguns chegão a ter sete *Aspres* e meio; e quando o favor dos Officiaes he grande, monta o soldo a doze Aspres, que he o mais que póde ganhar por dia hum Janizaro.

Além do vencimento diario em

di-

dinheiro, são os Janizaros sustentados á custa do Grão-Senhor. A certas horas reguladas se lhes dá a cada hum arroz, vaca, e pão. São commensaes todos em refeitorio. O Grão-Senhor os farda todos os annos, e dá a cada hum huma farda de lã grossa muito quente, e muito cómmoda: este fardamento he distribuido por elles em cada quartel no mez do Ramadão. Como os Janizaros vivem fartos, ensoberbecem-se, são amotinadores, insolentes, e estão sempre dispostos para excitarem sedições, quando o menor descontentamento, que tem de seus Officiaes, lhes offerece occasião. Se isto alguma vez succede, principião a mostrar o seu resentimento na assembléa pública do *Divan*, aonde regularmente se devem achar quatrocentos, ou quinhentos todos os domingos, segundas, terças, e quintas feiras de cada semana, para acompanharem o seu General.

Naquelles dias se lhes dá de comer das cozinhas do Sultão. Quando não estão descontentes, jantão com

todo o focego; mas fe pelo contrario eftão eftimulados, empurrão os pratos, derramão o comer pela meza, e dão a conhecer defta fórma, que elles tem mais defejo de fe vingarem dos Miniftros, que de fe affentarem á meza. Eftas acções são ordinariamente feguidas de difcurfos infolentes; mas o Grão-Senhor, e os officiaes que têm obfervado, que aquelles motins tiverão muitas vezes peffimas confequencias, não perdem a occafião de os apaziguar, dando-lhes logo huma leve fatisfação, ou fazendo-lhes grandes promeffas.

O General defta Milicia chama-fe *Aga*, ou *Janizar-Agafi*, fempre he tirado da camara do Imperador; porque importa muito não conferir efte cargo, fenão a peffoas de confiança, para que eftas ganhando a vontade dos feus primeiros Officiaes, eftes focceguem os animos dos feus foldados; o que affim tem fuccedido milhares de vezes.

O *Aga* nunca fahe fóra em Conftantinopla fem fer acompanhado de hu-

huma guarda de quatrocentos, ou quinhentos soldados deste corpo, sobre quem tem mando absoluto. Antigamente o *Aga* era elegido pelos Janizaros, e sahia desta mesma tropa; mas como acontecesse entre elles ácerca disto, e em certa eleição, grande tumulto, e disputa, supplicárão ao Grão-Senhor que quizesse eleger o seu Aga de entre os seus Aulicos, ou pagens honorarios, o que lhes foi concedido com tanta mais facilidade, quanto deste modo o Sultão se fazia Senhor de hum dos cargos mais consideraveis do estado. Quando o Aga se faz amar dos Janizaros, póde tudo entre os Turcos, e nestas circumstancias não ha official mais poderoso, que elle na *Porta*; mas a politica do Grão-Senhor busca ardilosos meios de fazer que os Janizaros estejão de má fé com o Aga, para assim estorvar a união, e boa correspondencia, que póde haver entre aquella tropa, e o seu chefe.

A tropa Janizara tem dez Officiaes principaes, que são: o General, ou

Aga,

Aga ; o Tenente General ; o Quartel-Meſtre, ou Inſpector da bagagem dos Janizaros ; o Guarda-Mór das aves, ou grous do Grão-Senhor ; o Guarda-Mór dos grandes cães do Sultão ; o Guarda dos ſabujos, ou cães de caça ; o Capitão de Archeiros ; iſto he, dos Janizaros armados de arcos, e frechas ; o Capitão Bailio, ou da Nobreza, que anda a par do Imperador, quando apparece em público ; o Pagem-maior, ou Commandante dos Pagens, e o Intendente Geral dos Janizaros, que julga de todas as deſavenças, e letigios deſta Milicia. Deſtes dez Officiaes Generaes, ſó os dous primeiros não são promovidos dos Janizaros : para augmentar o ſeu poder, e a ſua authoridade, o Grão-Senhor lhes dá rendas, e outros cargos.

Os Janizaros não tem quarteis em outra parte, ſenão em Conſtantinopla : os que não são caſados, ahi tem o ſeu alojamento, e cada quartel tem hum Inſpector, que em tempo de guerra occupa o lugar de Tenente da companhia. Os outros Officiaes

de

de cada quartel, são: o comprador, ou dispenseiro; o Alferes, ou Porta-Estandarte; o cozinheiro; o aguadeiro, e o sob-cozinheiro. O cozinheiro he quem vigia, e observa os Janizaros, e que os castiga, quando commettem alguma falta. O sob-cozinheiro he obrigado a ir avisar os Janizaros casados, para alguma acção militar, quando he necessario, ou para irem á presença dos seus Superiores.

A maior parte dos Janizaros vivem no estado de celibato, posto não terem objecção para casar; mas como o casamento he hum obstaculo invencivel ao seu adiantamento, e á sua fortuna, poucos casão. Na Corte Ottomana se está persuadido de que o embaraço de huma familia não se confórma, nem convém de modo algum ao serviço do Imperador. Em tempo de paz estão os casados dispensados de toda a obrigação, á excepção de em todas as quintas feiras virem aos seus quarteis, ou de apparecerem aos seus Officiaes, quando estes os mandão avisar.

Os

Os Turcos avalião, e respeitão esta Milicia como a mais valente, e mais bem disciplinada: este o motivo, porque os Janizaros fazem sempre o principal corpo do exercito. Em tempo de paz são mudados algumas vezes de quartel, para assim os divertir, e apartar da ociosidade, temendo que haja algum levantamento; vão destacados para Hungria, Rhodes, e para outras partes: alguns montão guarda ás portas, e ás entradas das ruas de Constantinopla, para impedirem as violencias, que seus camaradas quererião fazer aos Christãos, aos Judeos, e a outras pessoas. Para reprimir as desordens, anda o seu General ordinariamente a cavallo pelas ruas, acompanhado de trinta, ou quarenta meirinhos; e quando acha algum em falta, ou commettendo crime, o manda prezo á sua ordem, e depois de examinado o delicto, lhe impõe o castigo, segundo a gravidade da culpa, até o mandar degolar, ou metter vivo em hum sacco para o deitarem no mar; mas a execução de-

desta ordem he sempre em segredo, receando que por ella se não excite alguma sedição.

Em cada Provincia tem os Janizaros seus Coronéis. Estes abusão frequentissimamente da sua authoridade, concedendo com torpeza, e venalidade a particulares os privilegios de seus córpos. As armas ordinarias dos Janizaros são a espada, e a espingarda: combatem em confusão, e sem ordem á maneira dos Spahis, com differença sómente de que algumas vezes fórmão batalhões triangulares como antigamente os Romanos. Esta tropa não he tão vistosa como os Spahis, mas são mais bem reputados que estes; porque o seu número he maior, tem mais união, e são mais fiéis entre si. A' medida que fazem algum bom serviço, se lhes augmenta o soldo, o que os estimula muito a obrar bem: além disto a certeza, que tem de que tornando-se inválidos no serviçio, hão de sempre vencer soldo, e irão para o númeio dos *Oturaques*, os anima muito nas acções. Denominão-se *Otu-*

ra-

raques os ſoldados Turcos, que já são inúteis por ſua velhice, por algum deſar da guerra, ou por alguma cauſa apparentemente juſta. São iſentos de ſervirem, e de irem á guerra, não obſtante continuar-ſe-lhes ſeu ſoldo em quanto vivem. Os Officiaes fazem Oturaques pelos mais leves motivos; com tanto que ſe lhes dê dinheiro, ou dahi recebão alguma utilidade.

A' medida que os Janizaros caſados vão tendo filhos, o ſeu ſoldo vai tambem augmentando de hum aſpre por dia, para deſte modo ſe lhes ſubminiſtrar meio de os crear. Se morrem ſem filhos, o ſeu quartel he o ſeu herdeiro; e ainda quando os tem, ſempre o quartel participa da herança, e tudo, o que recebe, ſe mette no negocio, ou dá a juro para utilidade do meſmo quartel. De mais, o Grão-Senhor obriga a dar-ſe-lhes mais barato todas as couſas neceſſarias á vida. Quando os Janizaros vão á guerra, tem hum carro para a bagagem de dez ſoldados, e hum camelo para cada vintena de tendas de campanha.

Eſ-

Esta Tropa não entra de guarda no Serralho do Sultão, porém sómente ás portas, e ruas da cidade, e ainda que não tenhão mais arma que hum leve bordão na mão, nem por isso deixão de ser temidos, e respeitados sobre maneira de todos. As suas armas estão arrecadadas debaixo de chave, e não se lhes dão, senão quando vão á campanha, pelo grande receio que ha de que abusem dellas na cidade. Os dias em que estão de folga, exercitão-se em disparar frechas, e em atirar ao alvo com seus *arcabuzes*, e tem este exercicio em lugares destinados, que são grandes terrenos que estão no recinto de seus alojamentos.

Escolhe-se entre os Janizaros trezentos, ou quatrocentos dos mais robustos, e mais experimentados; aos quaes se chama *Solaes*, para irem em torno do Grão-Senhor quando este vai á campanha. No dia da batalha vão armados de frechas, e não levão armas de fogo por não amotinarem o Imperador com o estrondo das armas, nem espantarem o seu cavallo. Ainda na

pas-

passagem dos rios o não desampárão, e passão a nado levando-o sempre no meio delles. Em cada passagem de rio lhes dá o seu Soberano huma ajuda de custo, ou premio, que vem a ser, hum cruzado a cada hum, quando a agoa lhes chega ao joelho, dous quando lhe chega á cintura, e tres quando excede a esta altura. Se o rio he procelloso então montão a cavallo, e a todo o risco ficão sempre responsaveis da pessoa do Principe; motivo porque sempre sondão o váo attentamente em qualquer occasião que seja.

Os Janizaros prestão dous juramentos quando assentão praça. O primeiro he de servir bem, e fielmente o Imperador: o segundo, de querer, e approvar tudo o que seus camaradas quizerem, o que os une, e liga de tal sorte, que no Imperio Ottomano não ha poder que se lhes compare. Quasi de ordinario não ha mais de quatorze, ou quinze mil na Capital; os outros estão de guarnição pelas fronteiras, aonde approvão sem-

pre

pre as desordens que seus companheiros commettem em Constantinopla.

CAPITULO XXXI.

Dos Chiaús.

OS *Chiaús* são huma especie de tropa, que trazem hum alfange, hum arco, frechas, e hum páo curto, grosso, e com huma chamorra em hum dos extremos. Os que servem o Grão-Vizir, e os Governadores, cobrem de folha de prata todo aquelle bordão: não assim os que servem os Bachás. O número desta Infanteria, he com pouca differença de mil homens, entre os quaes ha quarenta destinctos, os quaes são como correios, e postilhões do Grão-Senhor, assim para levar as ordens, e fazer conhecer a vontade de S. Alteza Imperial em seus estados, como para levar cartas aos Principes Estrangeiros. Ajuntão-se no Palacio do primeiro Vizir para receberem as commissões de que são encarregados, e ordinariamente se admit-

mittem a estes empregos os Christãos arrenegados, tanto para lhes dar modo de subsistir, como por causa da diversidade de linguas, que fallão. Os outros são á maneira dos nossos Officiaes de Justiça: são empregados ordinariamente nos letigios, e actos civís, que os particulares tem huns contra os outros. Elles fazem as citações, prendem, levão as partes á presença do Juiz; e se póde haver composição entre os litigantes, são elles os medianeiros, porque dahi tirão algum proveito. O seu salario monta de doze até trinta aspres por dia.

CAPITULO XXXII.

Dos Topchisos.

OS *Topchisos* são Artilheiros, assim chamados por serem derivados do vocabulo *Tope*, que significa peça, ou canhão de Artilheria. O número delles chega a mil e quinhentos, e estão distribuidos em sincoen-

ra e dous quarteis. O ſeu alojamento he nos ſuburbios de Conſtantinopla. Poucos, ou nenhuns ha bons na ſua profiſsão. Os Turcos bem conhecem, e confeſsão ingenuamente que carecem de bons Artilheiros: por eſta cauſa, quando na guerra fazem algum priſioneiro Chriſtão, que ſeja de Artilheria, o eſtimão mais, e o tratão melhor que aos outros priſioneiros, ſó a fim delle ſe conſervar: dão-lhe alojamento com os Topchiſos nacionaes em ſeus meſmos quarteis, e tem de ſoldo oito, ou dez aſpres por dia; mas a maior parte deſtes priſioneiros não ſe deixa attrahir daquelle bom tratamento, não eſpera ſenão a occaſião de deſertar para outra vez voltar para a ſua patria.

Os Officiaes dos Topchiſos são o Grão-Meſtre de Artilheria; o Chefe da Fundição, o Capitão dos quarteis de Artilheria, e o Commiſſario, o qual he ſempre hum Spahis.

As peças de Artilheria na Turquia são tão grandes, e tão boas como na Nação mais civilizada. Alguma

ma polvora se faz nos arrabaldes de Constantinopla, mas não he a mais bem reputada; os Turcos avalião em mais a que se fabríca em Damasco: as suas maiores balas chegão a ter quarenta pollegadas de diametro; mas ordinariamente são feitas de pedra, e não se servem dellas senão em praças maritimas.

CAPITULO XXXIII.

Das Gebesis.

OS *Gebesis* são espingardeiros, cujo nome se deriva do vocabulo Turco *Gebes*; isto he, couraça. Ha seiscentos e trinta na Turquia, e estão distribuidos em sessenta quarteis ao pé de Santa Sofia em Constantinopla. Empregão-se em alimpar, e concertar as armas do tempo passado; porque os Turcos as considerão, e respeitão como troféos das suas conquistas. O vencimento diario de cada Gebesi he de oito até doze aspres. Tem hum Commandante em chefe, e hum

su-

superior em cada quartel. Estes espingardeiros são necessarios em todas as expedições militares, e no dia da batalha elles são, que aos Janizaros distribuem as armas, cuja guarda lhes he confiada.

CAPITULO XXXIV.

Dos Delis, ou Delizos.

A Palavra *Deli* significa em linguagem Turca *Nescio*, ou *Doido*. Os Delizos são guardas do Grão-Vizir, e ordinariamente se contão de cem até quatrocentos, segundo a magnificencia de tratamento do Vizir. Cada hum ganha por dia de doze até quinze aspres. Todos são naturaes de Bosnia, ou de Albania, e o seu vestuario he ridiculissimo. São mui bem apessoados, e de desmarcada estatura; o seu fallar he arrogante, e suas conversações versão sempre sobre combates, e acções de valentia. Marchão a pé pela cidade, indo adiante do primeiro Vizir para lhe desempedir o

caminho, quando elle vai ao Divan. Mas em tempo de guerra, se o Vizir vai á campanha, e elles o seguem, então vão a cavallo de huma maneira pomposa, e correspondente á grandeza de seu corpo, e ao seu pezo. Suas armas são lança, espada, acha de armas, e alguns trazem de mais pistolas na cintura. São naturalmente mais fiéis que os Turcos. Tem hum chefe, que vigia sobre elles, e lhes inspira amor, e fidelidade ás ordens do Grão-Vizir.

CAPITULO XXXV.

Dos Seghbans, e dos Sirigias.

OS Governadores das Provincias, e os Bachás occupão sempre esta milicia. Os Seghbans guardão a bagagem da cavalleria, e os Sirigias a da infanteria. Aquelles servem a cavallo á maneira dos Dragões, estes servem a pé com espingarda, e espada como os Janizaros. Além da comedoria que se lhes dá, tem de sol-

do

do o que correſponde a quatorze, ou dezoito toſtões cada mez. Os Governadores, que muitas vezes ſe rebellárão, formárão córpos déſta eſpecie de tropa para ſe oppôrem aos Janizaros, e para os combater.

CAPITULO XXXVI.

Dos Mulhagitas, e Beslitas.

OS Mulhagitas, e Beslitas são famulos dos Governadores, e Bachás. Os primeiros são muito déſtros em jogar o dardo, ou diſparar ſettas, que he muito uſual entre os Turcos. Como eſta deſtreza he muitas vezes recompenſada, os Turcos fazem deſte exercicio huma das ſuas principaes occupações. Sempre os Imperadores Ottomanos tiverão muito goſto de ver aquelle exercicio, e aſſiſtem com frequencia aos combates, que os Bachás ordenão entre a ſua meſma tropa. Eſta peleja com tanto calor diſputa de tal ſorte a honra da acção, perante o ſeu Sultão, que chega a

igualar a crueldade dos antigos Gladiadores. Os Beslitas são criados de pé, que, porque são muito ageis, e correm como andarilhos, vem a ser muitas vezes Janizaros.

CAPITULO XXXVII.

Da maneira de acamparem os Turcos.

Agora diremos o que os Turcos executão quando marchão para a guerra, e quando acampão.

A' testa do exercito vão os Janizaros, e toda a milicia pedestre; as suas tendas rodeão a do seu General. No centro do arraial estão postos os magnificos pavilhões do Grão-Vizir, do Mórdomo da sua casa, do Chancelér do Imperio, do Thesoureiro Geral, e do Mestre das ceremonias. Os pavilhões occupão muito terreno, deixando no meio grande espaço vasio, no qual está collocado, e levantado hum grande docel, que fica inferior a hum grandissimo toldo, debai-

baixo do qual se fórma o Senado, se sentenceão as causas, e os criminosos, e se abriga a comitiva do Divan. No mesmo lugar está posto o dinheiro fechado em pequenos cofres postos em pilha huns sobre outros, e guardados por quinze Spahis, que ficão de guarda a elles de noite. Proximo a este quartel estão abarracados os Governadores, os Bachás, e outras pessoas de distincta qualidade, que com as de seu sequito fórmão huma parte consideravel do exercito. Na retaguarda delles estão acampados os Spahis, e os que são destinados para servirem a cavalleria, como os Seghbans, e outros. Ao lado direito do Vizir, fóra do acampamento, estão as munições, e a Artilheria.

Os pavilhões, ou tendas de campanha do Grão-Vizir, e das mais pessoas de qualidade, são de tal magnificencia, que melhor lhes compete o nome de Palacios. São de grandeza prodigiosa, guarnecidas interiormente de tapessarias de bordadura de ouro, e de prata, de moveis preciosos, e de

tudo o que ſe poderia deſejar para ornar, e guarnecer fauſtuoſamente qualquer ſala. Ainda que eſtes Palacios portateis, e toda a equipagem, que delles depende, pezem muito, e ſejão de difficil tranſporte, todavia os Turcos não deixão de marchar todos os dias ſinco, ou ſeis horas. A bagagem he tranſportada por cavallos, por machos, e por camêlos. Os homens de qualidade tem duas equipagens de tendas. Na veſpera do dia, em que o Grão-Vizir ha de marchar, mandão elles partir huma, de ſorte que quando chegão ao lugar em que ſe faz o acampamento, já achão as ſuas tendas armadas, e promptas. Eſtas grandes equipagens são cauſa de haver tantos cavallos, machos, e camêlos no arraial dos Turcos, e tantos milhares de homens, de que tem preciſão para uſo, e ſerviço dellas, que a deſpeza que ſe faz, he de quantia immenſa.

O uſo do vinho he prohibido aos ſoldados Turcos, ſob pena de morte quando vão á campanha. Eſta abſtinen-

ncia os faz fobrios, vigilantes, e obedientes, e concorre tambem para em feu arraial não haver alaridos, motins, nem pendencias, nem ainda nos lugares, por onde paſsão em tempo de marcha.

O campo dos Turcos eſtá tão aceado, e limpo, como a cidade de melhor policia. Fazem covas entre as barracas para às neceſſidades ordinarias; eſtas covas são engradadas por dentro de madeira; e quando ſe vão enchendo, deitão-lhes terra para as acabar de encher, e cobrir, e abrem outras em outro lugar, de ſorte que não ha o menor fetido no campo.

Quando o exercito marcha no Eſtio, ou em tempo de grandes calores, fazem partir as beſtas que levão a bagagem ás ſete horas da tarde: os Bachás, e o Vizir partem preciſamente á meia noite, e vão rodeados de tantas luzes, que a claridade iguala quaſi a do dia. Eſtas luzes não são nem de archotes, nem de tochas, mas ſim de huma eſpecie de vaſos de ferro, prezos em cada extremo de va-

ras

ras compridas de madeira, e em que dentro ardem lenhas oleosas, e bituminosas. Estes instrumentos não se assemelhão mal aos que se vê nos paineis, e tapessarias antigas, aonde estão representadas algumas acções da Historia Romana, ou para melhor dizer, dos Romanos acontecidas de noite.

CAPITULO XXXVIII.

Das forças maritimas do Imperio Ottomano.

AS forças navaes dos Turcos não são consideraveis: tem todavia em seus estados modo, e abastança para construirem náos, e aprompta- rem huma armada; mas as perdas que tiverão no mar, lhes fez perder toda a esperança de restaurar sua marinha, e podemos dizer que não tem senão *Galeras*. Não carecem de escravos para remar; os Tartaros os basttecem de grande número delles: em Constantinopla ha muitos particulares, que alugão os seus de verão a quarenta

ta mil reis por viagem. Se acontece fugir algum delles, tornão a remettello fielmente a seus alugadores. Quando estes escravos não bastão, fazem-se levas nas Provincias, que remettem rapazes fortes, e vigorosos. Cada vintena de familias apromptа hum, e á excepção daquella, de que sahe, as outras dezenove, tem obrigação de pagar os quarenta mil reis, que se lhe dá pela viagem. Quando recebem o dinheiro, dão fiador á promessa de servirem bem, e de não desertarem; como porém não estão acostumados ao mar, nem ao remo, não se tira delles grande proveito.

Outros ha que se offerecem voluntariamente, e que se obrigão a servir em todo o Estio pelos mesmos quarenta mil reis, e ração de biscouto. Os mais fortes de todos elles são os Serranos das visinhanças de Troia em a Anatolia.

Alguns Zaims, e Timariotes são obrigados ao serviço naval, e possuem terras com esta condição; mas como os não obrigão a ir pessoalmente,

man-

mandão certo número de criados seus, ou escravos á proporção do que valem as terras. Tambem alguns vão dos Janizaros, e dos Spahis, mas nunca vão dos melhores, nem dos veteranos.

As tropas auxiliares de que os Turcos se servem em suas expedições maritimas, são-lhes mandadas de Tripoli, de Tunes, de Argel, e das ilhas do Archipelago. Ha nestas ilhas quatorze Governadores, cada hum dos quaes tem huma Galera sua, que elle governa, e administrá á sua custa com as rendas de certas ilhas, que se lhe entregão. Sempre estas Galeras são mais bem esquipadas, e bastecidas que as de Constantinopla; mas não as expõe de boa vontade aos accidentes de hum combate, porque os Governadores as considerão como a melhor, e mais bem avaliada porção de seus bens. Os Governadores entregão-se muito aos seus prazeres, e mais cuidão em satisfazer a suas paixões, que em adquirir reputação pelas armas. Todas as prezas, que se fazem

na

na estação do Estio, em quanto as Galeras estão encorporadas na Esquadra, pertencem ao Grão-Senhor; mas as que se fazem em tempo de inverno pertencem aos Governadores.

Os artilheiros, que servem na Armada dos Turcos, são sobejamente ignorantes. São ordinariamente Christãos Francezes, Inglezes, Hollandezes, e outros; porque na Turquia se imagina que basta ser Christão, para ser bom artilheiro, e para manejar bem todas as especies de armas de fogo; e isto a pezar de toda a vergonha, e perda que tem experimentado por causa da ignorancia de semelhante gente, sem com tudo se terem desenganado.

O Almirante, ou Generalissimo da Armada naval dos Turcos se denomina *Capitão Bachá*. He este hum dos primeiros póstos, ou cargos do Imperio: tem debaixo das suas ordens hum Lugar-Tenente, e hum Intendente do Arcenal. Este ultimo he encarregado de todo o provimento, e munições da Esquadra. Como este cargo se com-

pra, á maneira de quasi todos os mais, rouba quanto póde, para se inteirar da somma que deo para entrar no emprego.

Os Capitães das Galeras fazem o mesmo, de sorte que não ha hum só daquelles Officiaes, que não roube seu amo em tendo occasião de o fazer. Estes Capitães são commummente arrenegados Italianos, ou pessoas que delles descendem, e forão creados, e mantidos no Arcenal. Estes Officiaes mandão a sua chusma em linguagem Italiana corrompida, a que os Turcos chamão *França*.

Como os Turcos julgárão, ainda que erradamente, que impossivel lhes era serem tão fortes, e poderosos no mar, como os Christãos, não constróem Navios senão de baixo bórdo, ou ligeiros, que lhes servem para correrias, piratagens, para abrazar, e incommodar as costas visinhas, e para transportar soldados, viveres, e munições para Candia, e para outros lugares, aonde tem praças maritimas.

CA-

CAPITULO XXXIX.

Do Governo Civil.

POdemos dividir o Governo civil em duas partes, judicial, e politico. A justiça se exerce em casos civeis, e criminaes: a policia tem inspecção sobre os commerciantes, obreiros, e sobre a ordem que se deve guardar nas feiras, e praças públicas. Fallaremos pois de cada huma destas cousas em particular.

CAPITULO XL.

Da Justiça do Divan em factos criminaes.

O Principal lugar, aonde se administra a Justiça, chama-se *Divan*, que no nosso idioma significa *Senado*, ou *Audiencia*. O de Constantinopla he denominado *Gran-Divan*, para o distinguir dos que ha em cada Governo da Turquia. Em todos os domingos,

gos, segundas, terças, e sabbados de cada semana ha Divan. O Grão-Vizir preside a elle acompanhado de outros Ministros que tem assento no Divan. Este Tribunal he em huma sala terrea, que está dentro do segundo pateo do Serralho: seu tecto he estucado com insignes molduras, e pinturas por dentro, e coberto de chumbo por fóra: o pavimento está coberto com hum tapete da Persia, sobre o qual se anda sem distinção de pessoas.

Todos os Officiaes Militares, de Justiça, e mais pertendentes, ficão no segundo pateo em quanto dura o Divan; e ainda que alli ordinariamente se achem sete, ou oito mil pessoas, todavia não se ouve vozeria, nem ao menos se percebe o minimo susurro. Os Janizaros estão na parte inferior do pateo ao longo das cozinhas, e não estão armados senão com huma cana da India, guarnecida de encarnado em ambas as extremidades, e no meio. O Divan dura quatro horas, e neste tempo o Aga ouve, e despacha

cha os requerimentos dos Janizaros; e para evitar a confusão, pois ordinariamente são mais de tres, ou quatro mil, nenhum póde sahir do seu lugar, sem ser chamado. Quando elles tem alguma cousa, que lhe dizer, ou que lhe propôr, o dizem, ou entregão seus requerimentos a hum de seus dous camaradas que alli servem de mensageiros delles para o Aga, e para a este entregar os requerimentos.

A' porta do Divan estão de guarda os *Capigis*, não para estorvar a entrada, porque ninguem se atreve chegar a ella; mas para receberem pontualmente as ordens, que se lhes communicão, e as darem á execução: he a elles que mais frequentemente o Grão-Senhor manda ir degollar os subditos, de quem tem alguma suspeita nas Provincias dos seus estados. Os *Capigitas* são encarregados das guardas das portas do Serralho. Ordinariamente alli se achão mil commandados por oito chefes. Quando ha Divan andão de huma para outra parte

te na ſala, e fóra della, para executar as ordens do Grão-Senhor.

Quando todos os Miniſtros tem formado o congreſſo do Divan, o Sultão vem a huma ſala, acompanhado do chefe dos Eunuchos brancos, do ſeu primeiro Camariſta, e de tres mudos, que eſtão atrás da porta para degollarem aquelles, que praz ao Sultão mandar matar. Logo que o Imperador toma aſſento em ſeu Throno, o chefe dos Eunuchos ſahe da ſala, e vai por huma galeria mandar abrir a porta que correſponde ao pateo principal do Divan; o que ſerve de ſinal ao Superior dos Janizaros para elle ir dar conta do ſeu procedimento ao Sultão. O Aga ſe levanta inſtantaneamente, e atraveſſa todo o pateo acompanhado de quatro Capitães da ſua tropa. Quando eſtá já para entrar, voltando-ſe para elles, lhes pede que orem a Deos, para que o Grão-Senhor o não ache em falta, e tenha commiſeração delle: entrando ſe retírão aquelles quatro Officiaes para os meſmos lugares, que occupavão antecedente-

men-

mente. Se o Grão-Senhor achou que o Aga he culpado, ou que commetteo algum delicto contra o seu serviço, bate o pé, e este final serve de chamar os mudos, os quaes se arremesão ao desgraçado Aga, e lhe cortão a cabeça, sem outra alguma fórma de processo; o que tantas vezes succede que he para pasmar que ainda haja na Turquia quem queira acceitar aquelle emprego.

Depois do Aga vão os Togados á presença de S. Alteza ao mesmo lugar, mas não estão sujeitos a serem degollados, porque são Jurisconsultos. Ultimamente vão os Thesoureiros, o Grão Vizir, e os mais Vizires, para responderem de suas acções: todos estes não são mais privilegiados, nem isentos do furor dos mudos, que o Janizaro Aga.

Afóra deste meio, de que o Grão-Senhor se serve para mandar matar os seus Officiaes, usa de outro mais singular, e vem a ser: envia-lhes pela manhã algum presente, e algumas vezes o vestido, que trouxe no dia an-

tecedentemente; o que passa na mente dos Turcos pela maior honra, que elle póde fazer a qualquer vassallo. Depois de jantar dá hum bilhete escripto, e assignado de seu proprio punho a hum dos seus Officiaes, e o manda levar áquelle mesmo, a quem tanto honrou pela manhã: este bilhete he a sentença de morte daquelle infeliz, porque nelle lhe vai pedindo a cabeça, ao que o miseravel obedece com espantosa resignação, assim que o Official lho apresenta, dizendo: *A Real Cabeça do Imperador seja salva, e cumpra-se sua alta vontade*, e não pede mais tempo que o necessario para fazer sua oração.

CAPITULO XLI.

Do Grão-Vizir.

HE do modo que acabamos de expôr, que o Grão-Senhor administra justiça por si mesmo, quando lhe parece conveniente. O Grão-Vizir lhe dá conta da sua administração todos

dos os domingos, e terças feiras de cada semana; e quando em qualquer dia acontece alguma cousa de consequencia, elle o avisa por escripto, e da mesma maneira recebe as resoluções, e conhece as intenções de seu Soberano. Por este meio manda elle degollar os que quer, porque, expondo ao Grão-Senhor que algum dos seus Officiaes lhe não he fiel, e que merece morte, não encontra nunca opposição no Imperador, e livra-se por este modo de todos os seus inimigos.

O Grão-Vizir vai muitas vezes de noite visitar as prisões, e vai sempre hum algoz com elle, para mandar matar em sua presença todos os que acha culpados, sem mais processo, que a sua vontade. Encontrando alguem sem luz pela Cidade, depois da ultima oração; isto he, tres horas depois de anoitecer em tempo de Inverno, o manda enforcar, ou dependurar na primeira parte que encontra.

CAPITULO XLII.

De outros Juizes do crime.

HA outros dous cargos da Judicatura; o *Subassi*, ou Grão-Capitão de justiça, e o Grão-Juiz. A principal obrigação do Subassi he de ir visitar as prisões, e conhecer das causas dos presos para fazer o relatorio dellas ao Grão-Vizir. Quando o Principe sahe do Serralho, elle lhe toma a dianteira com sincoenta soldados para lhe franquear passagem livre. Este Ministro tem quatro Lugares-Tenentes nos quatro bairros principaes de Constantinopla, cada hum dos quaes tem muitos Officiaes de justiça subalterna á maneira de Escrivães, Meirinhos, Alcaides, Belegins &c. Duas prisões ha em Constantinopla, que cada huma tem hum pateo, e huma fonte, ou chafariz no meio: são de dous andares: os criminosos estão no debaixo, e os que estão presos por causas cíveis, estão no de cima, aonde

de os Judeos eſtão ſeparados dos Turcos, e os Turcos dos Chriſtãos; mas os que eſtão em baixo, eſtão todos juntos como gente, a quem o crime fez igual entre ſi.

O Grão-Juiz ſe denomina commummente *Stambol-Cadizi*: toma conhecimento indifferentemente do civíl, e do criminal, e ningem póde ſer condemnado á morte, ſe elle o não condemna. Tem debaixo das ſuas ordens quatro Lugares-Tenentes em quatro differentes bairros para adminiſtrarem juſtiça ás partes; mas póde-ſe aggravar delles, e appellar de ſuas ſentenças para o Grão-Juiz da cidade.

O ſupplicio, que ordinariamente experimentão os criminoſos na Turquia, he a empalação. Aqui relataremos o modo deſta deshumana, e horrenda execução. Chega o réo ao lugar do ſupplicio carregado com o páo, ou vara groſſa, com que ha de ſer empalado, e que tem quaſi oito pés de comprimento, redondo, aguçado em huma ponta; e da groſſura de ſinco a ſeis pollegadas. Os executores

O

o despem até ficar nú ; e neste indecente estado o deitão no chão de barriga para baixo: quatro delles, os mais vigorosos lhe prendem as mãos, e os pés, e lhos puxão, e estendem o mais que podem. Outro executor o rasga no orificio posterior com huma afiada lanceta, ou navalha de barbear, e presentaneamente lhe deita na ferida abundante quantidade de certa composição tão astringente, que de repente lhe faz vedar o sangue, então lhe mette a ponta aguda do páo pelo orificio; e batendo no outro extremo com huma grande massa de ferro, lho encrava no corpo, e lho faz sahir pelo peito, pelas costas, ou pelas espaduas, segundo o paciente lhe paga, ou lhe tem sido recommendado. O justiçado nem sempre morre no acto de o empalarem; muitas vezes ficão nesta dolorosa situação dias inteiros, e he o que faz que elles busquem acarear o executor. Estes estão já tão améstrados, que sabem empalar hum homem, sem lhe offender as partes nobres; e quando querem, o fazem pa-

padecer muito tempo. Acabada a execução, amárrão as pernas do padecente no páo, levantão-no, e cravando-o no chão em huma cova que primeiramente fazem, o deixão arvorado para servir de exemplo aos passageiros. Tem-se visto destes miseraveis estarem alguns ainda vivos tres dias em tão desesperado padecimento, pedindo incessantemente agoa aos espectadores, ou rogando-lhes a caridade de os acabar de matar.

CAPITULO XLIII.

Dos Juizes do civel.

TAnto as causas, ou acções civeis, como as criminaes, se tratão no Divan, quando são de maior importancia: eis-aqui pois a ordem, que então se observa. Todos os Officiaes de justiça concorrem para o lugar do Divan o mais cedo que podem, a fim de tratarem de seus negocios, de suas obrigações, e de fallarem com as partes, antes da chegada do Grão-Vizir:

não

não se abre a porta daquelle Regio Tribunal, sem que o *Doagi* tenha feito a sua oração. O Grão-Vizir he quem ordinariamente chega mais tarde, e vai sempre acompanhado de cem cavalleiros, e todos se prostrão por terra, quando elle chega. Os outros Vizires, e mais Togados o esperão á porta, e lhe fazem a decorosa honra de não entrarem primeiro que elle. Depois de cada hum tomar o seu lugar competente, o Secretario lê em voz alta todos os requerimentos, os despachos, escriptos, e resoluções do Grão-Vizir. Ainda que este muitas vezes por politica peça o parecer dos Ministros mais graduados assistentes, todavia nunca o segue, senão quando quer. A sala do Divan communicase com outra casa, aonde estão muitos Officiaes superiores dos Capigitas: estes são corretores, e como servos no serviço do Divan.

O Grão-Senhor póde saber tudo o que se effeitua naquelle Tribunal; porque, por cima do assento do Grão-Vizir está huma janella coberta de hum

véo,

véo, ou tafetá preto, aonde o Imperador vai algumas vezes ouvir tudo o que se diz, sem ninguem o ver: motivo este porque o Grão-Vizir obra sempre acautelado, e não se atreve a fazer injustiças.

O Grão Senhor dá de jantar aos que assistem ao Divan. O costume dos Turcos he comer no chão, mas quando estão no Divan, para não dar o incommodo de se levantar ao Grão-Visir, traz-se huma banquinha, sobre a qual se põe huma grande bacia de prata, da largura de seis para sete palmos, chata no fundo, que com os pratos dentro serve de meza. Ha sinco bacias differentes no Divan; a primeira he para o Grão-Vizir, e o Vizir immediato; a segunda para os dous *Cadilesquieros*, ou Super-Intendentes maiores da justiça; a terceira para os mais Vizires assistentes; a quarta para todos os Thesoureiros Móres; e a quinta para os Secretarios de Estado. Os Janizaros, e todos os Officiaes, que estão fóra da sala do Divan, comem com os pratos no chão á manei-

nei-

neira do Paiz. Ainda que o Grão-Senhor dê de jantar a tanta gente, elle o faz com pouco custo; porque os manjares não tem nada de delicados, e não são mais, que arroz cozinhado de differentes modos, gallinhas, e carneiro, e tambem alguns pratos de peixe. He incivilidade entre elles pedir que beber antes do Grão-Vizir ter bebido, e nenhum dos assistentes o faz.

A boa ordem que se guarda no Divan, he admiravel. Todos os pertendentes apresentão os seus requerimentos ao Grão-Vizir. Se o que se requer he de pouca consequencia, manda ao seu Secretario, que sempre fica a par delle, que lhe ponha o despacho, como pede: isto feito o envia logo ao Official, que he encarregado de os mandar entregar ás partes. Mas se o que pertendem he de ponderação, e de materia de consciencia, manda escrever em summa o que o requerimento contém, e o envia ao Mufti, o qual escrevendo em baixo o seu parecer, o torna a mandar ao Grão-Vizir. Se diz res-

refpeito puramente ao eftado, manda fazer hum refumo mais circumftanciado, que o que manda em outro cafo ao Mufti, e remette-o ao Sultão, para conhecer fua vontade. A efte refumo chamão os Turcos *Falquis*. Quando o Grão-Vizir quer apadrinhar a pertenção, efcreve em cima do Falquis o feguinte: *Parece-me que Voffa Alta Mageftade póde, obrando com juftiça, conceder o que fe pede.* Mas quando não eftá empenhado em favorecer; efcreve fómente ifto: *Cumpra-fe o voffo mandamento*; e fe algumas razões o demovem a não querer que fe faça, efcreve em papel feparado todos os motivos que lhe occorrem contrarios á pertenção. O Grão-Senhor lê todas as manhãs os *Falquis*, e por baixo declara por efcripto a fua vontade, e são outra vez remettidos ao Grão-Vizir, que artificiofamente moftra que o Grão-Senhor diz, occultando a fua peffima intervenção para o defpacho contrario. Quanto aos que são concedidos, o Grão-Vizir os envia ao Secretario para os

ex-

expedir, fazendo menção do consentimento do Grão-Senhor para lhes dar mais força, e todos são sellados com o sello do Sultão, o qual he formado de muitas letras Arabigas entrelaçadas. As Cartas-patentes do Principe, e todas as expedições do Divan são selladas com este sello.

CAPITULO XLIV.

Dos cargos, e dos diversos empregos da Judicatura.

O Primeiro cargo, ou emprego judicial, depois do Grão-Vizir, e do Mufti, he o dos *Cadilesquieros*. São dous, o da Europa, e o da Asia. Tem assento no Divan immediato ao Grão-Vizir. O Mufti deve ter exercitado este cargo com honra, e approvação, antes de chegar ao seu. A principal função dos Cadilesquieros he de vigiar que nos estados do Grão-Senhor se faça justiça. São elles quem dão as commissões aos Cadys, e aos Mula-Cadys para irem administrar a justi-

tiça em diverſas partes, tendo com tudo primeiro conferido com o Sultão. São denominados Juizes da milicia; porque os ſoldados tem o privilegio, á exclusão de todos os mais vaſſallos do Imperio, de não litigarem ſenão perante os ſeus Officiaes, e de não ſerem julgados ſenão pelos *Cadileſquieros*.

Os *Cadys* são Miniſtros, e Juizes na Turquia, devem ter grande conhecimento das leis do Imperio. He neceſſario que ao menos elles tenhão ſeis *francos* de rendimento na cidade que ſe lhes confia para a adminiſtração da juſtiça; mas quando a renda chega a vinte *francos* por dia, tomão o nome de *Mola-Cady*. Tem ſugeitos a ſi os *Naips*, que vão adminiſtrar juſtiça nas villas, e lugares inferiores da ſua juriſdição. Muitas vezes os Mola-Cadys paſsão a Cadileſquieros; e em quanto eſtão no emprego, são pagos pelas Provincias aonde eſtão empregados. Quando ſe retírão para Conſtantinopla, e o Sultão eſtá ſatisfeito da ſua adminiſtração,

con-

continua-lhes do ſeu Theſouro a meſma renda que tinhão. Appella-ſe das ſentenças dos Mola-Cadys para os Cadileſquieros, com tanto, que ſeja no civíl, porque no criminal não ha appellação, nem aggravo; e qualquer Cady tem poder de condemnar hum homem á morte como final ſentença. Eſta juſtiça tão prompta, e deſpiedada, he cauſa de haver poucos ladrões na Turquia a reſpeito dos que ha nos outros Reinos; porque eſtão bem certos de que huma, ou duas horas depois do latrocinio são infallivelmente empalados. Raras vezes ſe appella deſtes Juizes em caſos civeis; porque quando elles querem fazer alguma injuſtiça, formalizão o proceſſo de maneira que a parte, contra quem ſenteceão, nunca tem razão; e ainda que ſe faça examinar o proceſſo, como o não renovão, ſempre a ſentença ſahe confirmada. Além de que, o povo he tão pobre, que não póde fazer a deſpeza da appellação.

Os Cadys, e Mola-Cadys recebem as ſuas commiſsões dos Cadileſquieros,

ros, e eſtas commiſsões são triennaes; acabado eſte tempo, voltão para Conſtantinopla a dar conta da ſua adminiſtração. Quando eſtão de fóra algum tempo, ſem exercerem genero algum de emprego, repreſentão aos Cadileſquieros o tempo, que não forão empregados, e pedem huma commiſsão mais rendoſa que o antecedente de que ſahírão bem, ſegundo elles propõe; de ſorte que, ou ſeja por merecimento, ou por dinheiro, alcanção nova ordem, e nomeação para irem adminiſtrar juſtiça outros tres annos em alguma cidade mais conſideravel. Como nenhum ha que deixe de ſer empregado á força de dinheiro, todos ſe apoſtão a embolſarem-ſe delle por via de roubos, extorsões, e monopolios, que fazem nas Provincias. Por eſtes infames meios não ſó na verdade ſe embolsão, mas ajuntão, com que, expiando o ſeu tempo, poſsão comprar outra vez hum novo emprego; e oxalá que iſto acontecêra ſó na Turquia. Por eſta cauſa todas as ſuas Provincias eſtão arruinadas, e os particula-

tes

res opprimidos pela avareza, e cobiça dos que são nomeados para exercer a justiça.

Na Turquia não ha advogados, nem procuradores: cada hum defende a sua causa verbalmente. Os maiores processos não durão mais de dezesete dias, e o mais ordinario he terminarem-se logo. A julgação he sempre fundada no depoimento das testemunhas, e nenhum Christão póde depôr contra Turco. Senão ha testemunhas, a sentença firma-se no juramento do accusado; e para este effeito os Juizes tem sempre á vista de todos, e adiante de si o Velho, e Novo Testamento, o Alcorão, para cada hum jurar confórme a lei que professa, e a sua consciencia.

Os que são sentenciados por dividas, devem pagar alli mesmo, ou irem presos, se seus crédores se não querem fiar delles, nem estar pela fiança que elles dão; ainda que muito boa ella seja; porque as leis lho permittem assim. Quando o devedor vai preso, e que tendo levado muitas

pan-

pancadas por mandado do Juiz, tem completado cento e hum dias de prisão, então o Sultão, e o Juiz o declara absolvido; mas he permittido ao crédor o podello despir huma, ou muitas vezes que o encontrar, até que elle julgue que o vestuario, de que o despoja, cobre a sua divida; o que muitos praticão.

Os Officiaes de justiça são as creaturas mais felizes na Turquia; porque não estão sujeitos a serem degollados como os outros Officiaes da milicia: o peor, que lhes póde succeder, he serem privados dos seus cargos, sem lhes offender seus bens, nem suas vidas: o Grão-Senhor não póde fazello, porque a lei os livra destas desgraças.

Os *Naipes* são tambem Officiaes de justiça, que adjuntos aos Cadys aprendêrão a prática judicial, e são denominados sábios na lei, e empregados em administrar justiça a alguns póvos debaixo da inspecção dos Cadys: sobem a este cargo quando tem a protecção dos Cadilesquieros.

Os *Muzideros* são especies de belegins, ou esbirros: cada Cady tem ordinariamente seis, que servem de ir avisar, ou chamar as partes, sem disto terem algum emolumento, nem sua alçada ser ao menos a de fazer citações em fórma juridica. Não escrevem, nem processão; mas reportão-se á sua palavra. Se a parte, que elle avisou, senão acha á hora destinada na Audiencia do Cady, he sentenciada á vontade da parte contraria.

CAPITULO XLV.

De algumas particularidades que pertencem á justiça.

NAs terras de Argel todos os filhos dos Turcos são excluidos, como incapazes da admissão a qualquer emprego que seja, por huma lei expressa, que não dá esta prerogativa senão aos que, nascendo Christãos, se fazem Turcos, ou que partírão das terras do Grão-Senhor para se fazerem membros da república. O Sultão con-

ser-

ſerva alli hum Bachá ; mas nenhuma influencia tem no Governo : tem cuidado ſómente dos Janizaros, e da tropa, que da parte do Imperador he mandada para Argel.

Chama-ſe *Quindi-Divan* a Audiencia, que o Grão-Vizir dá todos os dias da ſemana, excepto á terça feira deſde as tres até ás ſinco horas da tarde. Então ouve até ao mais aviltado de todos os Turcos, que ſe lhe apreſentão; por quanto, a entrada de ſua caſa he livre, e franca para qualquer vaſſallo do Imperador. Muitas vezes toma conhecimento de couſas inſignificantes, ouve attentamente os queixoſos, e condemna a ſincoenta, ou a cem paoladas o aggreſſor, ou o que não tem razão, que o abone, e alli meſmo á ſua viſta as leva o paciente na planta dos pés.

Os tributos que ſe impõe na Turquia, tem muita relação á juſtiça. Eſtes tributos são de diverſos modos, e cujos nomes são: *Avariſo*, *Caracbe*, *Caſſaro*: os que tem a commiſsão de arrecadarem huma parte deſ-

tes impostos, chama-se-lhes *Carasmae-sabegi*, e *Cassan*.

O *Avariso* he hum direito, ou taxa que se põe nos estados do Grão-Senhor, quando tem necessidade de homens para o seu exercito, ou para a sua armada naval. Neste caso os Mola-Cadys, e os Cadys estão incumbidos de mandarem para Constantinopla hum certo número de reclutas proporcionado aos districtos da sua jurisdição, e confórme lhes está determinado, ou tambem a somma de vinte e sinco cruzados por cabeça, segundo praz ao Principe. Em outro tempo o Grão-Senhor não costumava pôr este tributo, senão quando legitimamente lhe era necessario; hoje porém não he assim, porque pede os homens, ou manda fazer a finta indifferentemente, quando quer, ou quando necessita.

O *Carache* he o tributo, que os Christãos, e os Judeos pagão, para viverem na sua lei, ou em liberdade de consciencia. As mulheres são exemptas delle; mas os homens são tributa-

ta-

tários desde a idade de dezeseis annos. Este tributo não he o mesmo em todos os lugares do Imperio, he maior, ou menor segundo a bondade das terras em que elles residem. Ordinariamente se paga annualmente oito tostões por cabeça, alguns são taxados em dezeseis, e outros não pagão senão hum cruzado, que he a menor taxa que póde ter cada hum. O Sultão recolhe sómente deste tributo acima de dous milhões de cruzados.

O *Caffaro* he o que pagão os Christãos, e os Judeos para se lhes dar licença de subirem ao Monte Thabor na Galiléa. Cada hum paga hum cruzado em huma casa de guarda, e arrecadação, que está na falda do Monte. Distribue-se este dinheiro pelos que estão encarregados de terem sempre as estradas com segurança, e desembaraçadas, e que são responsaveis de todo o insulto, e maldades que nellas se commettem.

Os Turcos chamão *Carasmaezabegi* ao Official de registro do Tributo Real. Este tributo he o que se paga nas

nas differentes feiras, e mercados de Constantinopla. Nós fallaremos delle com mais extensão, quando fallarmos da *Policia*.

O *Cassan* he hum Official destinado para a arrecadação de todos os bens, que accidentalmente pertencem a sua Alteza Imperial; porque o Grão-Senhor herda todos os bens da gente de guerra, que morre sem filhos, e recolhe a si a decima parte dos bens de todos os seus vassallos, quando morrem, ainda que tenhão filhos varões: se lhes ficão femeas, herda os dous terços, porque o Grão-Senhor tem lugar de filho. Em todas as cidades de seus estados ha hum Cassan, a quem se vai dar parte, quando alguem morre, para elle ir fazer o inventario dos seus bens. Os herdeiros não se ousão de se lhe oppôr, nem se affoitão a sonegar cousa alguma, com medo de perderem todo o direito de succesção, se se viesse a saber. Conta-se tambem entre os bens, ou rendas casuaes do Imperador os presentes, que os Embaixadores dos Princi-

ci-

cipes Estrangeiros lhe fazem, e os que os seus Bachás lhe mandão, o que monta a mais de quatro milhões da nossa moeda. O Grão-Senhor he do mesmo modo herdeiro universal de todos aquelles, a quem elle manda degollar. Ha tal Bachá, que seus bens excedem dous, e outras vezes tres milhões.

CAPITULO XLVI.

Da Policia.

A Policia em Turquia consiste principalmente na ordem, que reina nas praças públicas, feiras, e mercados, na consideração que ha para a guarda, e segurança das cidades, e para a educação da moeidade.

CAPITULO XLVII.

Das praças, ou feiras.

HA duas ſortes de feiras em Conſtantinopla, o *Baiſtão*, e o *Schibazar*. O Baiſtão he o lugar em Conſtantinopla, aonde os ourives de ouro, e de prata, os contratadores, e corretores de joias, e pedras precioſas, os mercadores dos tecidos de ouro, e de outras mercadorias de maior eſtimação expõe á venda os ſeus effeitos. Eſte lugar conſiſte em duas grandes ruas dentro, em huma vaſta praça cercada de muros em que ha quatro entradas com duas ordens de portas, cujo eſpaço intermedio he coberto de abobeda. As ruas são tambem cubertas de abobedas ſuſtentadas por vinte e quatro columnas: de ambas as partes de cada rua eſtão em ſeguimento as lojas, á maneira de armarios, encravadas nos muros, e entre as columnas, não tendo de comprimento mais de ſeis palmos, e nove de largura cada lo-

loja : á entrada della se costuma pôr huma banca, ou fazer huma especie de balcão em que os negociantes expõe á venda suas mercadorias.

Quasi chegado a esta especie de mercado ha outro lugar de feira aonde se vendem as escravas. Os homens estão em lugar separado, e opposto ao das mulheres. Estas estão todas cobertas, e não se póde divisar dellas mais que a estatura: sabe-se a sua idade pelo que dizem as outras que as vendem; entra-se em preço com condição do comprador a regeitar se ella não lhe contentar: para este effeito ha hum lugar mais retirado aonde lha vão mostrar com o rosto descoberto: o comprador póde mandar examinar a escrava que compra a titulo de donzella, ou de virgem: tal he o torpe, e indecente commercio que ainda hoje no centro da Europa, e em meio das nações mais civilisadas, contra toda a modestia se pratíca. Antes de as expôr á venda, as mettem no banho para as fazer mais agradaveis, e para parecerem mais bonitas; mas succe-

cede muitas vezes neste particular o que acontece aos cavallos das feiras, que nem sempre se comprão os de melhor figura: tambem raras vezes se encontrão naquellas feiras mulheres bonitas; as melhores, quanto á boniteza, e formosura são as Judias, que as vendem. A maior parte das escravas que se vendem em Constantinopla, são Polacas, Moscovitas, Georgianas, e Circassianas: são muito claras, mas sem graça nenhuma, nem attractivo em seu semblante. Os mercadores enfeirão mais nas raparigas da Tartaria: o preço ordinario porque, cada huma he vendida, chega a quarenta mil réis, quando não sabe cantar, nem trabalhar em tapeçaria; augmenta porém á proporção da gentileza, formosura, e perfeições do corpo de que he dotada. Os Turcos podem tornallas a vender, quando já se não querem servir dellas, o que não obstante os grandes do Imperio tem muita attenção aos filhos, que tiverão de suas escravas, e por esta causa lhes dão a ellas alforria, passados alguns annos de

de escravidão, ou quando elles morrem.

O *Schibazar* he o mercado provisional das cousas necessarias á vida do homem. Em todos os dias ha mercado em Constantinopla: na quinta feira ha tres em diversas paragens, e os principaes são em terça, quinta, e sexta. No circuito destas praças estão ordinariamente mais de duas mil adellas. As lojas dos negociantes de Constantinopla excede o número de quarenta e oito mil, e estão divididas, segundo a diversidade das artes, e mercadorias em differentes lugares, e arruamentos para commodidade do público: os ourives, os contratadores de joias, e pedras preciosas, e os mercadores de tapeçarias de ouro estão, como já dissemos, no *Baistão*.

A Praça chamada *Seracisana*, he hum grande terreno da cidade, cercado de paredes altas com insignes portas, aonde ha perto de quatro mil artifices, que trabalhão em fazer jaezes para os cavallos, não só da tropa, mas tambem de apparato, e osten-

tentação dos particulares. Não há cousa mais linda, nem mais natural, e mais bem acabada, que as suas obras neste genero. Dalli sahem freios de ouro maciço, pegados a redeas de couro encarnado da Russia; estribos tambem de ouro cravejados de Turquezas finas; sellas riquissimas cheias de pérolas, e de outras pedras preciosas, e mais enfeites, e ornamentos para os cavallos do Sultão, do Grão Vizir, e dos principaes cortezãos, e nobreza do Imperio.

Os açougues estão fóra da cidade de Constantinopla. Ha huma especie de Almotacel, cuja obrigação he de vigiar, que se corte carne fresca, e sem cuja licença ninguem póde matar boi, nem carneiro algum, a não ser para celebrar sacrificio. Os Judeos comprão a elle a licença para se bastecerem das carnes que lhes são proprias. Se este Official por avareza, e amor do ganho fizesse levantar o preço ás carnes, era infallivelmente morto, e, em vida mesmo, feito em quartos que se porião sobre os açougues para exem-

exemplo. A' famosa feira, que nos mezes de Setembro, e Outubro se faz em Constantinopla, concorrem de Hungria mais de cem mil bois, e quarenta mil carneiros: não obstante esta abastança de gados, nenhum marchante, ou contratador de carnes tem licença para comprar, e só he concedida ao povo.

O Grão-Senhor põe taxas, e tributos consideraveis em todas as feiras, e mercados, e em todas as corporações dos negociantes, artifices, e obreiros de Constantinopla. Só o que se cobra dos adélos excede a vinte mil cruzados da nossa moeda. Os contratadores de joias, e os mercadores dos tecidos de ouro pagão a quatrocentos mil réis cada hum: os ourives a oitenta mil réis, os outros mercadores á proporção. A venda dos escravos faz de rendimento annual ao Grão-Senhor perto de trinta mil cruzados. As tabernas, cujo número he mais de mil e quinhentas, e que públicamente vendem vinho aos Judeos, e aos Christãos, e occultamente aos Tur-

cos,

cos, rendem todos os annos para o Sultão huma somma indizivel; e se acreditármos o que achámos escripto, chega quasi a quarenta milhões de cruzados, para o que he necessario que cada taberna pague hum conto de réis de tributo annual. O despacho do peixe pescado nas praias do mar da parte de *Pera* rende sete, ou oito mil cruzados: o direito do trigo, farinha, e legumes monta a vinte mil cruzados. O mercado, em que se vendem as mercadorias, que vem do Cairo, rende dezeseis mil cruzados. O direito das especies, que se embarcão, chega a cento e quarenta mil cruzados, e o dos açougues passa de noventa. As vendas, e arrematações das casas, dos navios, dos barcos, e de todas as mercadorias de mar pagão dous por cento. Cada Turco, que embarca, dá oito réis para o Grão-Senhor; os Christãos, e os Judeos dão dobrado. O tributo, que pagão os Judeos de *Sequim* por cada varão, excede a cento e oitenta mil cruzados todos os annos. Além disto dão annualmen-

te

te de mimo ſinco mil cruzados para a confirmação dos ſeus privilegios, e duzentas moedas pela licença de enterrarem os ſeus mortos. Nas viſinhanças de Conſtantinopla, até a huma legoa de diſtancia, pagão todos os Chriſtãos os meſmos tributos; e para conſervarem as ſuas Igrejas, e hum Patriarca, dão mais oitenta mil cruzados. A taxa impoſta ás mulheres, que caſão, e para o que ha livro de regiſtro, monta a milhões; porque cada Turca paga ſinco toſtões da noſſa moeda, os Judeos oito, e os Chriſtãos doze. Todos eſtes tributos fazem hum rendimento annual para o Imperador de mais de duzentos milhões, afóra o que lhe vem das Provincias, e dos ſeus feudatarios.

CAPITULO XLVIII.

Das Alfandegas.

QUando as mercadorias chegão a hum porto, ou cidade, hum adminiſtrador, ou avaliador da Alfandega as vai taxar ſegundo as liſ-

tas

tas dos direitos que pagão, e faz memoria do nome de quem as recebe, para delle ſe cobrar o que ellas devem á Alfandega. O meſmo ſe pratíca a reſpeito de todos os generos que ſe exportão por mar, ſem todavia haver obrigação de os levar á Alfandega para ahi ſerem reviſtos, a fim de pagarem os direitos; porque ſe fião na verdade, e credito dos negociantes, e reciprocamente reina a boa fé, zelo, e diligencia. Iſto porém não impede que a Alfandega tenha guardas em todos os caes, para eſtorvar o furto dos direitos, e os contrabandos, que os commerciantes podem fazer; mas ſuccede ácerca diſto o meſmo, que nos mais eſtados, aſſim por negligencia, como por ſuborno dos guardas. Verdade he que, quando ſe deſcobre alguma deſtas couſas, o caſtigo he rigoroſiſſimo: os guardas são zurzidos a uſo Mahometano, e os commerciantes pagão o dobro dos direitos que deverião pagar pelo foral. Os generos, ou mercadorias não são confiſcados, e ficão ſempre a ſeu dono. Em outro tem-

po

po se quizerão os Turcos servir deste meio de confiscação para estorvar os contrabandos; mas os Ministros do Grão-Senhor, depois de prolixas considerações ajuizárão que era melhor desistir de semelhante pertenção, parecendo-lhes que assim ficaria o commercio mais livre.

CAPITULO XLIX.

Da guarda para segurança da Cidade.

CAda Mesquita elege tres, ou quatro homens para andarem de ronda de noite no seu districto; porque cumpre saber: as cidades da Turquia estão divididas em Mesquitas, bem como as nossas em freguezias. Os guardas andão pelas ruas, e são responsaveis por todos os roubos, e desordens, que acontecem nellas. Podem prender os que encontrão sem luzerna, depois de acabada a ultima oração; e todos os que, não obstante trazerem luz, trazem armas offensivas, ou defen-

ſivas. Nenhum militar raſo póde andar armado de qualquer modo que ſeja, e em qualquer tempo, noite, ou dia. Se alguem he morto por outro, ſeja de noite, ou de dia, e o matador não he logo preſo, todas as familias em contorno do lugar, aonde ſe fez o aſſaſſinio até á diſtancia, em que ſe podia ouvir a voz do morto, eſtão obrigadas a pagar o preço do ſeu ſangue ao Imperador, que he avaliado em duzentos mil réis. Eſte Principe promulgou eſta lei, para aſſim obrigar os póvos a temerem os crimes, e a prenderem os malfeitores. O meſmo ſe pratíca no campo, aonde as cidades mais proximas pagão os duzentos mil reis ao Grão-Senhor.

CAPITULO L.

Dos Collegios.

EM Conſtantinopla ha cento e vinte collegios, para inſtrucção da mocidade. Os collegiaes tem cada hum ſeu quarto, duas camas, huma banca co-

coberta de hum tapete fino, quatro pães cada dia, huma potagem, huma vela, e dous vestidos cada anno. No segundo anno dá-se-lhes de mais hum aspre por dia, e nos seguintes augmenta-se-lhes este premio á proporção dos annos de collegiaes, e do seu adiantamento. Como os Turcos não tem imprensas, os collegiaes trabalhão por dinheiro em copiar livros, e afóra disto tem seus partidos nas casas de pessoas qualificadas para lhes ensinar seus filhos, e de tudo isto lucrão muito. São muito privilegiados, o que assás concorre para serem muito mal procedidos. Não podem ser presos, qualquer que seja o crime que commettão, sem que o seu Geral esteja presente; porque só elle o póde fazer. Tambem na Caramania, Natolia, Grecia, Syria, Arabia, e Grão-Cairo ha grande número de collegios. Em tempo de Amurat III. o número de collegiaes passava de dez mil. Os Mestres, e Professores são pagos, e sustentados pelas rendas dos collegios aonde ensinão a mocidade.

CAPITULO LI.

Dos cargos, e principaes dignidades do Imperio Ottomano do Grão-Senhor.

O Poder deste Imperador he absoluto, e sem limites: a opinião que os Turcos tem de sua grande jurisdição, e authoridade, he huma especie de idolatria, que faz que elles o venerem como hum Deos. Os seus Cadys ensinão que elle he superior a todas as leis; isto he, que elle as explica, as corrige, e as deroga, quando muito lhe praz; que o que elle pronuncia he mesmo lei, e que he infallivel, quando as explica. Ainda que por condescender com o povo, consulte o Mufti, he necessario que este se conforme sempre com elle, porque de outro modo, está certo da sua deposição.

O poder absoluto no Soberano suppõe inteira, e perfeita obediencia nos vassallos: eis-aqui porque se empregão

gão todos os artificios, e manhas para inſpirar eſte principio aos que são educados no Serralho, e que são deſtinados para os importantes cargos do Imperio. Faz-ſe-lhes crer á força de perſuasão que não ha martyrio mais glorioſo que o de morrer pela mão, ou por mandado do Grão-Senhor, e que aquelle, que tem eſta felicidade, vai logo direito ao Ceo.

He coſtume quando ſe quer acclamar o Imperador, conduzillo com ſobeja pompa, e magnificencia a hum lugar, que eſtá nos arrabaldes de Conſtantinopla. Depois de ter chegado a elle, então ſe fazem preces, e roga a Deos que queira dignar-ſe de encher de luz, ſabedoria, e prudencia aquelle, que ha de occupar o throno, e exercer emprego tão glorioſo, e de tanta conſideração, e importancia. Acabadas as preces, o Mufti o abraça, e lhe deita a ſua benção, e o Grão-Senhor promette, e jura ſolemnemente de defender a fé dos Muſulmanos, e as leis do Profeta Mahomet. Depois diſto os Vizires, e os Bachás fazem-lhe hu-

ma profunda reverencia, beijão a terra, e a cauda de suas vestes reaes, e o reconhecem por seu legitimo, e verdadeiro Imperador. Acabada esta ceremonia, o tornão a conduzir com o mesmo magestoso apparato ao Serralho, que he a assistencia ordinaria dos Principes Ottomanos.

CAPITULO LII.

Dos Kulsos.

Entre os Turcos se chamão Kulsos, que vem á ser, escravos do Principe, todos aquelles que recebem ordenado, ou soldo, despachos, ou gratificações, e que tem algum cargo dependente da Coroa. O Grão-Vizir, e todos os Bachás são deste número, e esta qualidade he mais honrosa, e mais estimada que a dos outros vassallos. Todos os que são revestidos della, podem impunemente escandalizar, e maltratar o povo; porque nenhum particular póde reprimillos com violencia, ou offendellos em sua defen-

fença, sem, por lei, ficarem expostos a rigorosissimos castigos. A palavra *escravo* significa entre elles huma pessoa inteiramente dedicada á vontade, e ás ordens do Grão-Senhor; a fazer cégamente tudo o que elle manda, e, se possivel fôra, tudo o que elle tem no pensamento, sem restricção, nem repugnancia, ainda quando fôra desempenhar-se, não só hum homem, mas hum formidavel exercito, do cume das montanhas, por sua ordem, e unicamente para seu divertimento.

CAPITULO LIII.

Do Serralho.

ESte vocabulo traz sua origem de *Serrai*, que significa *Palacio* em linguagem Persiana. Esta mesma denominação tem todas as casas do Grão-Senhor, e as dos seus principaes Officiaes. O Sultão tem grande número de Serralhos assim nas visinhanças de Constantinopla, como nas Provincias distantes: os tres principaes são na

Bi-

Bithynia, em Andrinopoli, e em Constantinopla, por serem as tres partes do Imperio Ottomano, aonde os Imperadores estabelecêrão Corte, e de primeiro tiverão sua assistencia.

O Serralho do Grão-Senhor he como huma republica separada de toda a cidade: tem suas leis, e modos de viver totalmente particulares. Facilmente se conserva alli a boa ordem, porque os que lá vivem, não tem mais noções, nem conhecimentos, que os que dentro aprendêrão: ignorão absolutamente o que he liberdade. Os cidadãos não tem communicação, nem genero algum de correspondencia com elles; o que faz que suas inclinações, habitos, e costumes não tem alteração, ou mudança, e que tudo o que se passa no Serralho não se sabe, nem se conjectura fundamentalmente na cidade.

A vida ordinaria do Sultão naquella morada deliciosa, e solitaria, he, levantar-se ao romper da Aurora, para fazer sua oração antes de sahir o Sol, ao que he obrigado por lei como

mo todos os mais Turcos. Algumas vezes entra no banho, para se lavar, e purificar, mórmente quando passa as noites com algumas de suas mulheres. O banho precede á oração, a qual dura pouco mais, ou menos de hum quarto de hora, depois almoça, e vai fazer algum exercicio; e se he dia de conselho, vai por huma galeria coberta para a janella, que corresponde á sala do Divan, para saber o que ahi se trata, e não se retira senão a horas de jantar. Eis-aqui pois a ordem que se observa neste acto: sobre huma meza, que apenas tem palmo e meio de altura, se estende huma cobertura de marroquim encarnado, certos Ichoglanos trazem o pão, os sorvetes, e guardanapos para o Sultão, e depois de haverem provado os manjares, o Mórdomo-Mór, acompanhado dos seus Officiaes, os conduz da cozinha até á porta da sala de jantar; os Ichoglanos os recebem então, e os vão pôr sobre a meza do Grão-Senhor: os pratos, em que elles vem, ou são de ouro, ou de porcelana com

tam-

tampas de ouro. O Sultão come aſſentado no chão com as pernas cruzadas; e os que o ſervem eſtão aſſentados ſobre os calcanhares, e comem os ſobejos do Imperador, pondo os pratos no chão. Eſte Principe não tem meza delicada, ſeu alimento ordinario he arroz, carneiro, pombos, e gallinhas guizadas á maneira do paiz. Em quanto o Sultão eſtá á meza ſe lhes eſtão lendo as Hiſtorias de ſeus predeceſſores, ou a de Alexandre Magno, que eſtá eſcripta em linguagem Turca: algumas vezes o divertem os Nains, e os bobos com contos facecios, e de galanteria. Ao levantar da meza em domingos, e terças feiras, vai logo em direitura á ſala da Audiencia, para ſaber de ſeus Miniſtros o eſtado dos ſeus negocios, e depois faz a oração do meio dia. Nos outros dias da ſemana entretemſe com os ſeus Nains, com os Eunuchos, ou com ſuas mulheres, que fazem quanto podem para o recrearem, e divertirem: outras vezes vai paſſear pelos jardins, ou para melhor dizer,

hor-

hortejos, aonde passa o tempo conversando com o Mestre Jardineiro, e com os mais Officiaes subalternos. Mas por maior que seja a occupação, nunca falta a fazer as suas sinco orações que a Religião lhe prescreve.

Em todas as sextas feiras o Grão-Senhor monta a cavallo pelas dez horas do dia para ir á Mesquita. Os homens que vivem opprimidos, e vexados por não lhes fazer justiça o Grão-Vizir, vão esperallo ao caminho com seus requerimentos na mão, que o Imperador manda receber por hum dos seus Eunuchos. Alguns que recebêrão grandes injustiças, estão com huma vela accesa, ou luz posta sobre a cabeça, para darem a entender ao Sultão deste modo, que se elle lhes não fizer justiça, sua alma arderá no outro mundo, á maneira daquella vela, nos fógos do inferno. O Imperador vai ordinariamente acompanhado com sete, ou oitocentos cavalleiros, e quatro mil Janizaros. Quando entra na Mesquita fica em huma tribuna separado do povo. A maior parte das

ve-

vezes, acabada a oração, parte para a caça, atravessando toda a cidade, e então se vê na sua passagem hum dos mais lindos, e pomposos espectaculos de Constantinopla. Os Janizaros marchão adiante a pé, levando unicamente a sua cana da India na mão: são dirigidos por quatro dos seus chefes que vão a cavallo em frente delles, e o seu Aga vai cubrindo a retaguarda. Após elles vão os Capigitas a pé, seguidos de trezentos Chiaús a cavallo, vestidos de tecidos de ouro, e de prata, e seus cavallos ajaezados rica, e faustuosamente. Depois dos Chiaús seguem-se duzentos Officiaes ainda de maior luxo, e ostentação que elles: chamão a estes Officiaes *Mutaferacasos*, e são como gentil-homens da camara, que levão após si doze, ou quinze cavallos, cada hum dos quaes vai guiado por dous homens. Não se poderá ver cousa mais magnifica, por causa da riqueza de seus arnezes, que todos são cravados de pedrarias finissimas. Seguem-se depois os *Sulaques*, que são perto de quatrocentos,

e em meio delles vai o Grão-Senhor levando a par de si, e a pé o seu Estribeiro-Mór, que vai sempre com a mão posta sobre a sella do seu cavallo. Em todo este magestoso acto o Sultão conserva tal gravidade, que nem a cabeça move; mas o respeito do povo ainda sobrepoja a soberania do Imperador, porque ninguem ha, que se ouse de levantar a cabeça, nem de olhar para elle, o que não obstante de todas as partes concorre multidão de gente para o ver passar. Os Sulaques, que o cercão, vão fazendo rogativas pela felicidade do seu reinado, ao que o povo responde com voz submissa *Amen*.

O cavallo, sobre que vai o Grão-Senhor, quasi não tem acção, bem contra o ordinario dos cavallos Turcos, que o seu natural he serem fogosos, e briosos: verdade he que em todas as tres noites precedentes ao dia, em que elle ha de servir, fazem que elle não durma. O vestido do Imperador não tem differença dos mais, que levão os grandes da sua Corte, á exce-

cepção de duas maſſas de Heron, que o Sultão leva no ſeu turbante. Depois do Grão Senhor ſeguem-ſe os Vizires, e outros muitos Officiaes do Serralho. Quando o Imperador ſe acha já fóra das portas de Conſtantinopla, deſpede toda a comitiva, e manda ficar ſómente os que ſervem de o divertir. Se não tem mulheres comſigo manda ficar os Vizires, e com elles ſe entretem ſobre particulares ſeus, ou negocios de eſtado; quando porém com elle ſe achão mulheres, tambem os Vizires ſe retirão; e para que ninguem o encontre na eſtrada, vão montados, correndo á redea ſolta, vinte e ſinco, ou trinta mudos com o arco na mão para aviſar, e fazer retirar toda a gente. As carruagens em que as mulheres são conduzidas, são todas tapadas, não obſtante irem ellas com a cara cuberta; e para virem do Serralho para as carruagens, ſó a fim de o cocheiro as não ver arma-ſe com pannos de lona, ou de outra têa, hum corredor cuberto deſde a porta do Serralho até á portinhola da carruagem:

gem: os Eunuchos vão a cavallo de guarda a ellas, e nunca as desampárão.

A ordinaria caçada do Grão-Senhor he á alta volateria, e ás lebres, e para isto mais de trezentos Falcoeiros levão Falcões. O Imperador nunca sahe da estrada para caçar, e alli espera a caça, para o que manda soltar muitos Falcões. Como as carruagens das mulheres são feitas de modo, que os tectos são levadiços, elle lhas manda abrir por cima para ellas participarem daquelle recreio, sem todavia serem vistas. Algumas vezes o Sultão faz no Serralho suas caçadas, que não deixão de ser divertidas: manda buscar muitos pórcos montezes vivos, e os manda pôr juntos dentro de hum grande cercado, que por sua ordem se faz; e cujas paredes são portateis, como de lona, ou de outra materia semelhante: dá a cada porco o nome de algum dos Principes seus inimigos, e depois os mata a tiro de flexa. Os assistentes alegrão-se muito com isto, e cantão troféos, porque sendo os

Tur-

Turcos muito superſticioſos, ajuizão que a morte de qualquer daquelles animaes, he hum preſagio de que o Grão-Senhor ha de arruinar os Principes seus inimigos, cujos nomes tinhão os pórcos, que elle matou.

O Sultão ſahe raras vezes a cavallo; porque lhe he preciſo atraveſſar toda a cidade para ir ao campo, e teria grande conſtrangimento em apparecer amiudadas vezes ao ſeu povo; mas tem muitas portas no Serralho, que vão ter ao mar, por onde com todo o genero de liberdade póde ſahir ſem ſer viſto, e com effeito ſahe de dia, ou de noite, e vai a paſſeio com ſuas mulheres até outros muitos Serralhos que tem ao longo do mar. Para eſte fim conſerva muitas galiotas, e tem duas reſervadas ſó para a ſua peſſoa, muito douradas, e adornadas ás mil maravilhas: os patrões, e mais ſerventes aſſiſtem junto ás muralhas do Serralho, e tem obrigação de virem pontualmente quando ha neceſſidade delles.

CA-

CAPITULO LIV.

Discripção do Serralho de Constantinopla.

O Serralho do Grão-Senhor he o primeiro objecto, que se apresenta aos que vão por mar a Constantinopla: está edificado sobre huma collina que fórma o angulo, e o ponto de junção dos dous mares: os edificios occupão a altura da collina, cuja ribanceira, que se vai terminar á borda do mar, está dividida em hortas abundantes de arvores de todas as especies, e mórmente de cyprestes: o circuito do Serralho he de huma legoa, segundo a opinião vulgar: a sua área he de figura triangular, e está cercada de altas, e fortes muralhas que se continuão com as da cidade: tem muitas torres para ambas as partes dos mares, banhadas pelas suas agoas, e em que estão postadas muitas sentinellas armadas com espingardas para dispararem sobre as embar-

barcações, que se affoitão a aproximar-se áquelle lugar: ha hum caes guarnecido de pedras de canteria, que cerca todo o Serralho pela parte do mar, mas por onde ninguem passa: nelle se vêm muitas peças de artilheria montadas, que batem á flor d'agoa: o maior uso, que se faz dellas, he para annunciar a morte dos que são executados no Serralho. A' medida que se lanção os corpos ao mar se vai disparando a artilheria, correspondendo a cada cadaver hum tiro, para deste modo advertir o povo de que se fez justiça, e a fim de o reprimir, e de o conter em seus deveres pelo temor de que o mesmo lhe succeda. Sobre o caes, que fica da parte de *Galata* (*), está huma sala, cujo pavimento descança em cima de altas columnas de marmore, aonde o Grão-Senhor vai tomar ar, e donde se embarca na sua galeota, quando se quer ir divertir pelo canal. A extremidade do

(*) He hum dos arrabaldes de Constantinopla.

do caes para a parte das torres tem tambem outra casa assaz grande, assentada sobre arcadas de pedra lavrada: ambas estas casas tem todo o seu contorno guarnecido de rótulas. O Imperador ahi se vai divertir com as Sultanas: neste mesmo sitio ha huma fonte, ou chafariz, aonde os Gregos vão em dia da Transfiguração: he hum genero de devoção, que elles tem, e que tem muita parecença com o carnaval, o que serve de divertir muito o Sultão, e toda a sua Corte. O Serralho tem muitas portas para a banda do mar, mas nunca se abrem senão para o Grão-Senhor, ou para algum dos seus Officiaes maiores: para a parte da cidade não tem mais de huma, que fica ao pé de Santa Sófia. Esta porta he guardada por sincoenta Capigitas, ou porteiros, que não tem mais armas que humas varinhas delgadas na mão; he larga, e acompanhada de huma abobada tambem larga, e alta, que mais parece ser hum corpo de guarda, que entrada do Palacio de tão grande Principe como o

Imperador dos Turcos. Ella he que dá o nome a toda a ſua Corte, que para ſe dar a conhecer hum ſó vocabulo ſe lhe chama *Porta.* Entra-ſe por ella para hum grande pateo mais comprido que largo: o lado direito eſtá occupado por hum grande edificio, que ſerve de enfermaria a todos que aſſiſtem no Serralho. Os doentes são para alli trazidos em carrinhos puxados por dous homens. Da parte eſquerda eſtá o armazem do armamento; he todo coberto de chumbo, e diz-ſe que elle fora a Sacriſtia do Templo de Santa Sofia, donde, a ſer verdade, ſe póde julgar da grandeza, e magnificencia deſte edificio.

Neſte primeiro pateo ſe deſmontão todos os que vão ao Serralho, e aonde os ſeus cavallos ſe hão de conſervar em profundo ſilencio, e parece que os meſmos cavallos conhecem, e reſpeitão o lugar aonde eſtão; tal he o cuidado de cada ſervo que lhes pega, e do enſino que ſe lhes dá! Do primeiro pateo ſe paſſa ao ſegundo por huma porta eſpaçoſa, e menos

nos medonha que a primeira, e na qual estão de guarda outros sincoenta Capigitas. O segundo pateo he quadrado, e tem duzentos passos de comprimento. Reina em torno delle huma galeria em fórma de claustro, assentada sobre columnas de marmore: aqui he o lugar dos Janizaros, e de todos os concorrentes ao Divan. He necessario guardar silencio neste pateo ainda mais que no primeiro, sob-pena de castigo prompto, e rigoroso. Nas costas da galeria do lado direito está hum grande edificio, donde sahem nove zimborios cobertos de chumbo, que são das cozinhas, e officinas do Serralho. As cozinhas estão separadas do pateo por huma parede, que impede que dellas se receba todo o genero de incómmodo: ellas são todas de abobada, e cada huma tem no meio hum zimborio pequeno, e feito de modo, que dá claridade, e deixa sahir o fumo. A primeira cozinha he a do Imperador; a segunda a da primeira Sultana; a terceira a das outras Sultanas; a quarta a do Aga; a quin-

ta a dos outros Miniſtros, que com-
põe o Divan; a ſexta para os Icho-
glanos; a ſetima a dos Officiaes do
Serralho; a oitava para todas as mu-
lheres do Serralho: e a nona para to-
dos os Officiaes ſubalternos, que per-
tencem ao Divan. As viandas que ſe
prepárão neſtas cozinhas, são em gran-
diſſima quantidade; porque afóra de
quatro mil bois que ſe matão todos
os annos, e que ſe mandão ſalgar, e
ſeccar para provimento do Serralho,
o comprador eſtá obrigado a apromp-
ptar diariamente duzentos carneiros,
cem cordeiros, dez vitellas, mais de
mil aves domeſticas, e todo o peixe
neceſſario para os que o appetecerem.
A' eſquerda do pateo eſtão as cava-
lherices do Imperador. Os cavallos
de ſerviço para a familia do Serralho
eſtão em cavalherices á borda do mar.
Ninguem ha, á excepção do Sultão,
que ſe monte a cavallo, ou deſmonte
no ſegundo pateo, cujo centro eſtá
occupado por huma formoſa fonte
rodeada de cypreſtes, e ſycomoros, cu-
ja ſombra a faz mais delicioſa: eſte
he

he o fatal lugar em que tambem o Grão-Senhor manda cortar a cabeça aos Bachás, e a outros Officiaes de porte, que tiverão a desgraça de incorrerem na sua indignação. No fim deste segundo pateo á parte esquerda está a sala do Divan, e a porta por onde se entra para o Serralho, está á direita: não ha, nem póde haver no mundo porta mais ferrolhada, nem mais bem guardada que esta. São os Eunuchos brancos quem a guardão, homens de difficil accesso, desconfiados, e sanhudos o mais que se póde imaginar. Não deixão entrar cousa alguma sem examinarem bem, e muito bem o que, e ainda este exame realça em tudo o que sahe para fóra. He preciso ser expressamente chamado para chegar a esta porta, ou entrar por ella, e muitas vezes os que entrão não sahem senão por huma janella, por onde são lançados ao mar; o mesmo Grão-Vizir não entra sem ir desmaiado, e convulso; porque ninguem tem segura a vida em hum Paiz, aonde reinão a inveja, a ignorancia,

e

e a ambição ; e aonde os viſos de culpas experimentão com frequencia os meſmos rigoroſos caſtigos , e penas que os crimes atrozes. Quanto á eſtructura, ſymetria, e proſpecto do Serralho , he couſa muito inferior; porque os repartimentos de que ſe compõe , forão feitos por differentes Principes, que todos tiverão differentes deſignios nas obras que mandárão fazer; de ſorte, que ſe vê quantidade de edificios deſiguaes , irregulares, ſem ordem , e ſem proporção ; mas em recompenſa diſto são tão cómmodos, e tão bem praticados ; que por eſta cauſa ſe lhes diminue muito os defeitos exteriores. Todos os edificios são muito baixos, por conta dos ventos , que são tão impetuoſos neſta cidade , que ſeria muito arriſcado levantallos muito. Tem caſas proprias para cada eſtação do anno, e são tão bem preparadas , e guarnecidas com tal riqueza, e belleza , que a todos cauſa emulação eſta magnificencia dos Turcos. O Serralho ſecreto do Grão-Senhor eſtá dividido em tres partes:

a repartição do Grão-Senhor, a das mulheres, e os hortejos que são de grande extensão. Na primeira ha hum banho magnifico, assoalhado de marmore branco, e coberto de abobada tambem feita de marmore: em torno do banho ha muitas cozinhas lageadas, e de abobadas de marmore: cada huma tem duas torneiras, huma para agoa quente, e outra para ella fria, a fim de maior commodidade, e delicia dos que alli se lavão. Este banho serve para todos do Serralho; porque o Principe vai ordinariamente ao das mulheres, que ainda he mais rico, e mais agradavel. Tem tambem huma Mesquita pequena, aonde se vai fazer oração, e particularmente quatro Talismanos, Turcos naturaes, que vão effectivamente todas as manhãs ao abrir das portas do Serralho. O Grão-Senhor tem da parte de dentro do Serralho todos os Officiaes, que lhe são necessarios, e tudo o mais, que póde fazer suas delicias honestas, e satisfazer suas torpes paixões. Elle se entrega todo aos seus prazeres

res, ſem ter mais cuidado, que o de huma vida desleixada, languida, e effeminada. Encarrega o Grão-Vizir dos negocios de maior ponderação, e não toma conhecimento ſenão dos mais neceſſarios, ou dos que lhe podem dar goſto, e divertimento, paſſando deſte modo ſeus deſgraçados dias em contínua ſolidão com ſeus Ichoglanos, com ſuas mulheres, com os Eunuchos, com os mudos, e com os Nains, que o reverenceão como hum Deos, e que tremem, e ſe eſpavorizão ſó de olhar para a ſua ſombra.

CAPITULO LV.

Das Sultanas.

ESte he o nome das mulheres do Serralho, que tiverão filhos do Grão-Senhor; porque, logo que qualquer dellas eſtá prenhe, e que ſeu filho naſce, he reconhecida por Sultana. Dá-ſe-lhe caſa ſeparada com Eunuchos, e Matronas, e ſe lhe con-

ſi-

ſigna certa renda vitalicia. A que primeiro pario varão he a Sultana principal, ou Sultana-Rainha, a quem todas as outras rendem vaſſallagem, e á qual o Imperador confere algum dominio util, que ordinariamente he no Reino de Chypre, ou em alguma Provincia. Quanto ás outras mulheres que habitão no Serralho do Sultão, eſtão clauſuradas, e ſó o Grão-Senhor lá entra. Aſſiſtem todas juntas, e são vigiadas pelos Eunuchos pretos, que não deſcanção dia, e noite deſte peſſimo exercicio, e que as caſtigão ſeveramente pelas menores faltas. Debalde ſe canção a maior parte das vezes em pedir aos ſeus rigidos guardas, que as levem a paſſeio aos jardins; e ſe alguma vez o conſeguem, ſeus cruéis carcereiros não as deſampárão, e a certo ſinal que dão, todos os jardineiros, ou hortelões ſe cozem com as paredes, tendo levantado por diante de ſi hum toldo preſo nos páos que elles ſuſtentão com as mãos, a fim de haver ſeparação entre elles, e as mulheres, e para que elles as

não

não posſão ver. O ciume, e vigilancia dos Eunuchos he de tal qualidade, que ſe elles percebeſſem que alguns dos jardineiros olhavão para as mulheres pelos póros do toldo, alli meſmo lhes cortavão a cabeça, e ſemelhante procedimento não deſmerece a approvação do Sultão. Por eſta meſma razão he que as ſentinellas das torres fazem retirar a tiros de moſqueteria as embarcações que ſe aviſinhão ás muralhas.

Afóra dos Eunuchos, de que acabámos de fallar, tem as mulheres do Serralho huma regente, á qual ſe dá o nome de *Kadan-Cahia*, e outras muitas ſobregentes, que recebem os mandamentos da primeira, e são denominadas *Cadunas*: são mulheres velhas, cujo emprego he de vigiar ſobre o comportamento das raparigas: dormem com ellas na meſma ſala para ver o que fazem, e ouvir o que fallão. A primeira couſa que ſe propõe ás mulheres, quando entrão para o Serralho, he o mudar de Religião, e de profeſſarem a lei de Mafoma.

A unica ceremonia, que para isto se pratíca, he fazer-lhes levantar o dedo para o ar, e pronunciar algumas palavras.

Comem em grandes salas, em que tambem se ajuntão para trabalhar em diversas obras; depois então se retírão aos seus cubiculos em que se conserva luz toda a noite. As casas aonde ellas dormem, são á maneira de dormitorios dos nossos Religiosos. Huma Caduna vigia sobre dez mulheres.

A Kadan-Cahia tem obrigação de inquirir todas as mulheres que entrão no Serralho, de lhes ensinar tudo o que devem fazer, de lhes conhecer sua propensão, genio, e caracter para informar disto ao Sultão. Este Principe tem ordinariamente duas, ou tres mais de sua feição, que assistem em lugares separados, mas este brutal, e lascivo Turco, cujo magestoso, e respeitavel titulo elle tanto deslustra com seu procedimento venereo, sem offensa da pessima lei que infelizmente professa, não satisfeito com as que tem separadas, contínuamente está varian-

do,

do, e escolhendo novas concubinas: para isto manda aviso á Kadan-Cahia, que conduz todas as mulheres do Serralho a huma vasta galeria, por onde o Monarca ha de passar, e as põe todas em huma fileira, na qual se conservão sem nenhuma se atrever a fallar, nem a sahir do seu lugar; posto que lhes seja permittido o usarem de todos os adornos, e attractivos para se fazerem appeteciveis. O Grão-Senhor passeando na frente dellas examina qual mais lhe agrada, e lhe atira com hum lenço para sinal da sua eleição, e affecto, e então se retira. A Kadan-Cahia congratula a nova concubina, e depois a leva á camara do Principe: algumas circumstancias, que precedem á entrada da camara, o que se pratíca no dia seguinte, quando ella sahe, a disposição, em que se achava o Grão-Senhor, e modos, porque ella he recebida, não permitte a modestia, e caridade christã, que aqui o declaremos por não despertarmos a nossa sensualidade, nem estimularmos a dos nossos leitores. Direi

sim

fim que o Imperador lhe dá pela manhã todos os vestidos com que se recolheo, levando todas as joias, e dinheiro que tem nelles, e que nunca mais se ajunta com ella átê áquelle tempo em que se póde vir no conhecimento de estar, ou não prenhe.

As mulheres que por falta de formosura, ou de graça, e desgarre não são bem vistas do Principe, não são tão bem hospedadas, nem recebem mais que a paga ordinaria, que he de quatro até sete vintens por dia. São todas empregadas em obras de costura, em bordarem, ou em outras cousas semelhantes: o seu alimento usual he arroz cozinhado de differentes maneiras com carneiro, e galinhas, e a sua bebida em lugar de licor he agoa com assucar. O seu vestuario he á custa do Principe, e quando já vão cahindo na idade, ficão feitas Cadunas. As mulheres nunca sahem do Serralho, senão quando o Grão-Senhor as leva a passear comsigo; mas, á excepção da liberdade, e abstracção feita do torpissimo fim, porque são clausu-

ſuradas, pouco lhes fica que appetecer das couſas do mundo; tal he o paſſatempo, abundancia, e riqueza em que vivem, gozando da formoſura dos jardins, da belleza das caſas, e precioſidades dos moveis que as adornão.

Além das mulheres, que effectivamente aſſiſtem no Serralho, todos os grandes do Imperio, que tem eſcravas bonitas, fazem preſente dellas ao Sultão; porque acontecendo que o Imperador ſe affeiçoe de alguma, não he facil eſquecerem-ſe ellas de quem foi cauſa da ſua ſuppoſta fortuna, e lhes conſeguem os maiores cargos do Imperio: por eſte indigno meio eſtá o Serralho ſempre cheio de mulheres bonitas, e os empregos do Imperio em homens indignos.

Quando o Grão-Senhor vai ao Serralho das mulheres, todos os que o acompanhão ficão eſperando na primeira porta, cuja guarda eſtá encarregada aos Eunuchos negros, e vedada a entrada até aos meſmos Eunuchos brancos. Se alguma vez ſuccede adoecer

cer qualquer Sultana, he preciso licença do Principe para lá entrar o medico, o qual he sempre acompanhado de quatro Eunuchos negros, sem contar os que vão primeiro fazer retirar as mulheres para que o medico não veja alguma. A que está doente de tal sorte se cobre, e esconde na cama, que só o braço direito, coberto de hum crepe, ou fumo negro, fica de fóra, para se lhe tomar o pulso; mas o medico o ha de fazer tendo a cara voltada para a parte opposta, e ha de curalla sem nunca lhe perguntar cousa alguma. Só as Sultanas, e as mulheres, a quem o Imperador se affeiçôa particularmente, podem ficar no Serralho em caso de enfermidade: as outras são levadas para o antigo Serralho, aonde se conservão até estarem de todo boas.

Ainda que as mulheres, que vivem no Serralho, sejão de idade, caracter, genio, e sentimentos differentes, nem por isso deixão de viver em grande união apparente; e se entre ellas reina algum ciume, ou inveja,

he espantosa a sua dissimulação, e não deixão entrever nem os menores indicios de semelhantes paixões, por não se exporem ao castigo de serem mudadas para o Serralho velho. Todo o seu cuidado, e desvelo está em ver o modo, porque se hão de fazer amar do Imperador: não se descuidão de se ataviarem de exquisitos modos com magnificos vestidos, ricas joias, primorosos adornos, e agradaveis enfeites.

O que em Constantinopla se chama *velho, ou antigo Serralho*, he o o palacio, aonde em outro tempo assistião as Sultanas, antes de se edificar o Serralho em que habitão as actuaes: serve agora de habitação ás Sultanas dos Imperadores defuntos, e á todas, que cahem no desagrado do Grão-Turco reinante. He huma terrivel prisão, aonde aquellas desgraçadas mulheres passão amofinadas o resto de sua vida, quando não são concedidas por especial graça a alguns valídos do Principe, que as pedem, e que casão com ellas. Os seus guardas são Eunu-

nu-

nuchos negros velhos, de quem recebem tratamentos indignos. Este Serralho he grande, e cercado de altas muralhas, sem mais sahida para fóra, que a de huma só porta mui bem fechada, e guardada por Eunuchos negros. Logo que o Grão-Senhor morre, se envião para o Serralho velho todas as mulheres, que tiverão trato com elle, e todas aquellas, cuja idade, e figura não póde ainda agradar. Aquellas porém, que não estão nestas circumstancias, continuão da mesma sorte a ficar no Serralho, e para o mesmo fim, para que d'antes estavão. As Sultanas velhas, clausuradas no velho Serralho, tem occasião de chorarem a morte do Principe, ou a de seus filhos, que seus successores mandão matar; porque seria criminoso o chorar no palacio do novo Sultão, aonde tudo deve respirar alegria, e festejo pela sua acclamação, e subida ao throno do Imperio Ottomano. As Sultanas fazem quanto podem por amontoar riquezas, em quanto corre noticia que ellas são validas do Prin-

cipe; e quando depois estão encerradas no antigo Serralho, fazem divulgar, que são muito ricas, para ver se assim obrigão alguem a ir pedillas para consortes, pois só deste modo podem recobrar sua liberdade. O Grão-Senhor tem hospedaria no Serralho velho, e algumas vezes ahi vai passar alguns dias para se divertir.

CAPITULO LVI.

Dos Eunuchos.

OS Eunuchos empregados na guarda da clausura, em que habitão as mulheres, todos são Mouros. A maior parte tem o semblante desfigurado, e quasi todos são mutilados, de sorte que não lhes fica sinal algum de virilidade. Os grandes do Imperio tambem tem desta qualidade de gente em companhia de suas mulheres, e de suas escravas para segurança da sua fidelidade. Costuma-se pôr aos Eunuchos o nome das mais lindas flores, como por exemplo, Nar-

Narcisso, Rosa, Jasmim &c. para que da boca das mulheres, que os chamão, não saia palavra, que não seja honesta, e agradavel.

Ordinariamente ha cem no Serralho, e tem hum capataz que os governa, e em quem o Grão-Senhor descança ácerca da fidelidade das clausuradas. Os Eunuchos, que tem a cara menos disforme, são destinados para guardas da primeira porta; mas os que estão de vigia ás mulheres, e que conversão familiarmente com ellas, além de serem pretos, tem ainda outras disformidades consideraveis que os fazem horrendos, medonhos, e odiosos, a fim de que, tendo ellas sempre diante dos olhos semelhantes monstros, melhor lhes pareça o Grão-Senhor, e mais suspirem por elle. Dentro do Serralho ha tambem certo número de Mouras para servirem as mulheres: dous Eunuchos tem os principaes cargos, e a primeira authoridade no Serralho. Hum chama-se *Kutzlir-Agasi*, que quer dizer, Superintendente, ou capataz das mulheres:

o outro denomina-se *Capa-Agasi*, ou porteiro; este he branco, aquelle negro, e cada hum delles governa todos os Eunuchos da sua cor. He tal a subordinação, que reina entre os Eunuchos, que os mais moços venerão, e respeitão sobre maneira os mais velhos.

CAPITULO LVII.

Ichoglanos.

O Grão-Senhor não considera em seus Ministros nem o nascimento, nem as riquezas. Elle se serve com gente, que inteiramente lhe está dedicada, e que sendo-lhe devedora da sua creação, e educação, está obrigada a empregar no seu serviço toda a sua capacidade, e virtude, e a restituir-lhe por hum genero de retribuição toda a despeza, que fez em lhe illustrar o espirito, e alimentar o corpo; de sorte, que a póde exaltar sem causar ciume, e arruinalla sem perigo, nem temor. Pelo que

toda a mocidade destinada para os mais pingues, e honrosos empregos do Imperio, e a quem os Turcos chamão *Ichoglanos*, deve proceder de pais christãos, tomada na guerra, ou vinda de muito longe. Os Argelinos quasi nunca fazem presentes ao Sultão, em que não vão alguns rapazinhos christãos, que elles captivárão. Facilmente se conhece que esta politica está fundada em que os christãos aborrecerão, e terão aversão aos seus mesmos parentes, que tiverem sido educados com principios, e noções tão differentes das suas, e em que, quando elles vem de muito longe, com facilidade perderão reciprocamente a lembrança huns dos outros, de sorte, que os Ichoglanos, tendo perdido todos os habitos, e costumes, que antecedentemente tinhão, a lembrança, e amizade de seus parentes, procurarão anciosos satisfazer, e agradar a seu Senhor. Mas he necessario, que todos os que passão a ser Ichoglanos, sejão bem feitos, bem parecidos, e que não tenhão em seu corpo o me-

nor

nor defeito natural; porque os Turcos tem para si que he quasi impossivel, que huma alma infame resida em qualquer perfeito, e estimavel corpo. Por esta causa, não sómente no Serralho, mas tambem entre os Cortezãos, toda a mocidade de seu sequito he bem feita, e muito obediente, e respeitosa em presença de seus Senhores. Antes de se receberem os Ichoglanos, se apresentão os que o hão de ser ao Grão-Senhor, o qual os manda conduzir para algum dos seus Serralhos. Os que forão escolhidos para o de Constantinopla, sempre tem alguma particularidade, que os faz mais recommendaveis, e são os primeiros que sahem provídos nos empregos do estado. Ficão todos debaixo da inspecção, e governo do capataz dos Eunuchos brancos. Estes os tratão com incrivel severidade. Os castigos, que ordinariamente experimentão, são: pauladas nas plantas dos pés, grandes jejuns, e vigilias, e algumas vezes castigos ainda mais asperos; de sorte, que he indefectivelmente

necessario que todo aquelle, que passou por todos os differentes gráos do Serralho, seja homem extraordinariamente paciente, e capaz de supportar todas as sortes de fadigas, e de executar todas as ordens, e mandamentos. Os Turcos tem por maxima certissima, que he impossivel saber governar, sem ter aprendido a obedecer.

Quando os Ichoglanos se não mostrão flexiveis, e doceis ás instrucções, que recebem, ou são incorrigiveis, os Eunuchos avisão disto ao seu capataz: este depois de haver dado informação delles ao Grão-Senhor, os despede do Serralho, e manda para os Spahis, porque os Ichoglanos, assim expulsos, e os que pedem licença para se retirarem, por não poderem soffrer os máos tratamentos que lhes fazem, ou a grande sujeição em que os tem, perdem toda a esperança de serem elevados a empregos consideraveis.

Antes de irem os Ichoglanos para as differentes partes aonde devem ser instruidos, se lhes tomão seus nomes,

mes, o de ſua familia, e pais, e ſua idade; e tudo fica eſcripto em hum livro de regiſtro, no qual ſe lança tambem o vencimento diario do ordenado de cada hum, cuja copia vai remettida ao theſoureiro geral a fim de ſe lhes aprомptar em conveniente tempo ſeus pagamentos, que he a razão de ſinco aſpres por dia. Eſtando aſſim aliſtados, são diſtribuidos em duas eſpecies de Seminarios, a que os Turcos chamão *Oda*. O primeiro he compoſto de quatrocentos, o ſegundo de cento e ſincoenta. As lições são as meſmas em hum, e outro, e não ha genero algum de preferencia, que poſſa, ou deva elevar huns primeiro que outros aos empregos. A primeira couſa, que ſe lhes enſina, he a guardarem ſilencio, a ſerem reſpeitoſos, humildes, e obedientes; a terem a cabeça baixa, e as mãos cruzadas ſobre o ventre. Seus meſtres os cathequisão ao meſmo tempo, e inſtruem com ſobejo cuidado ſobre tudo o que pertence á Religião Mahometana, e lhes enſinão a ler, a eſcrever, e a fal-

lar

lar perfeitamente ſua linguagem propria. Tendo feito neſta algum progreſſo attendivel, ſe lhes enſina a fundamento a Arabiga, e a Perſica, que lhes vem a ſer neceſſarias, quando eſtão exercitando alguns governos nos lugares Orientaes do Imperio. Todas as ſuas acções são obſervadas diligentemente pelos Eunuchos, o que faz que em qualquer tempo que ſeja, nunca entre elles haja familiaridade, que não ſeja honeſta. Quando vão ás partes deſtinadas para ſatisfazer as neceſſidades da natureza, ou ao banho, ſempre os acompanha hum Eunucho, e nunca os perde de viſta, nem conſente, que nenhum de ſeus amigos lhes falle ſem licença do Capa-Aga, ou chefe dos Eunuchos. Tem ſeus dormitorios em grandes ſalas, aonde ha alampiões acceſos toda a noite; ſuas camas eſtão poſtas a par humas das outras, levantadas do chão ſobre madeira, e a cada ſinco, ou ſeis ſe ſegue a de hum Eunucho collocada de ſorte, que elle póde ver, e ouvir facilmente, ſe ſe diz, ou ſe faz algu-

guma cousa entre os Ichoglanos, que seja torpe, ou offenda a modestia.

Quando elles tem chegado a huma certa idade, e que são capazes dos exercicios, que requerem força, e vigor, se lhes ensina a manejar o espontão, ou lança, a disparar frechas, e a despedir o dardo. Passão muitas horas do dia nesta qualidade de exercicios, ou se appliquem a todos, ou a algum delles; e os Eunuchos os castigão severamente, quando vem que elles se esquecem, ou affrouxão. Muitos ha que empregão grande parte do tempo em armar os arcos para despedir settas: applicão-se a isto gradualmente, principiando pelos mais fracos, e leves, e acabando pelos mais fortes, e pesados: em consequencia deste exercicio chegão a armar arcos de força extraordinaria. Estas frequentes occupações os fazem vigorosissimos, e sobre modo proprios para a guerra. O manejo, dexteridade, picaria são os seus principaes exercicios, aonde aprendem a manejar todas as sortes de armas, mesmo a ca-

vallo: o Grão-Senhor gosta muito de os ver exercitar deste modo. Cada hum delles então se esmera no modo de se distinguir dos seus companheiros, para se fazer conhecer, e estimar do Principe, que he o meio de se adiantar mais depressa. Tambem ha dias destinados pelo Sultão para batalharem os Eunuchos brancos contra os pretos, o que rarissimas vezes succede, ou os Eunuchos pretos contra os pagens a cavallo; e isto he mais frequente; mas este barbaro divertimento poucas vezes se acaba sem derramamento de sangue. Os Ichoglanos aprendem, ainda mais a coser, a bordar, a fazer frechas, para assim serem mais uteis ao Grão-Senhor: em huma palavra são occupados em tantas cousas, que não tem occasião de estarem ociosos, nem de darem entrada á perguiça. Quando acontece que algum excede muito aos outros naquelle mister de que he, põe-se-lhe o appellido do mesmo mister, em que se destinguio, e por elle he conhecido nos governos, ou cargos de importancia

pa-

para que vai, quando ſahe do Serralho. Todos os que dão melhor conta de ſi, são mais attendidos, e paſsão primeiro para os grandes empregos de Palacio, que vem a ſer: I. Lavadeiros do Grão-Senhor: então mudão os veſtidos de panno para de ſetim, e téla de ouro, augmenta-ſe-lhes o ſeu ſalario com tres, ou quatro aſpres por dia, e ás vezes ainda mais: II. Depois paſsão para a theſoureria; dahi para o laboratorio, ou botica, aonde ſe guardão as drogas, os cordiaes, e as bebidas do Imperador. Deſtas duas ultimas claſſes são elevados por regular ordem á mais eminente do Serralho. Eſta claſſe he composta de quarenta pagens, que ſempre eſtão juntos á peſſoa do Sultão. Deſtes ſe eſcolhem doze, que poſſuem os maiores cargos da Corte; cada hum tem ſeu emprego: hum traz a eſpada ao Grão-Senhor; outro o ſeu manto Real; hum terceiro pega no eſtribo; o quarto traz agoa ao Imperador, ou para beber, ou para ſe lavar; o quinto lhe compõe, e enfeita o turbante;

o

que dos quarenta, de que fazemos menção, nenhum haverá, que deixe de ter abundante, riquissimo, e magnifico apparato, e dinheiro, quando sahe do Serralho, para ir tomar posse de algum cargo de consideração nas Provincias. Logo que algum destes vaga no Serralho, he substituido por outro da classe inferior. Nenhum sahe do Serralho para qualquer governo, ou emprego consideravel, sem ter contado quarenta annos de idade; e só por especial graça succede raras vezes o contrario. Quando se despedem do Serralho, vão primeiro visitar o Capa-Aga, ou capataz dos Eunuchos, e aos mais Officiaes principaes, a quem por decóro pedem licença, e se lhes recommendão em sua ausencia, pedindo-lhes o auxilio, e honra da sua amizade.

Até agora fallámos do modo de instruir os Ichoglanos, e de os avezar aos exercicios do corpo; presentemente saibamos como a alma se lhes cultiva. O estudo, e a meditação não são cousas estranhas no Serralho. Os

Pe-

pedagogos, ou meſtres encarregados da mocidade, primeiro que tudo lhe enſinão a ler, e a eſcrever, a fim de que por eſte meio ella poſſa ter conhecimento dos livros, que tratão das ſuas leis, e da ſua Religião, e mórmente do Alcorão. Para iſto ſe lhe enſina o Arabe; porque neſta linguagem eſtão eſcriptos todos os theſouros das ſuas leis, e da ſua Religião. Cumpre abſolutamente, que todo o Bachá, ou Miniſtro de eſtado a ſaiba; porque, por eſte meio ſe conſtitue capaz de ler, e anotar as eſcripturas, e as ſentenças de todos os Officiaes de juſtiça, que lhe eſtão ſubordinados, e de poder fallar judicioſamente da ſua Religião, quando a occaſião o permitte. Como o primeiro cuidado dos meſtres he de fazerem ſeus eſtudantes dignos do agrado, e applauſo do Grão-Senhor, pela elegancia, energia, e graça de ſeus penſamentos, e expreſſões, logo immediatamente depois de lhes enſinarem o idioma Arabigo, lhes enſinão o Perſico, porque nelle encontrão infinidade de palavras agra-

daveis, de doce, e ſuave inflexão, e accento, e de huma eloquencia, que ſuppre bem a falta de ſuavidade, e galanteria da linguagem Turca: enſinão tambem deſta ſorte a ſe formarem a exemplo dos póvos, cuja linguagem eſtudão, e a imitarem ſuas acções virtuoſas, e ſeu heroiſmo pela leitura dos romances, eſcriptos em linguagem Perſiana.

O vocabulo *Ichoglanos* ſignifica meninos, ou rapazes do collegio, são de duas claſſes: os primeiros, como acabamos de dizer, são deſtinados para virem algum dia a occupar os maiores cargos do eſtado; os outros são igualmente tirados das Tribus, que o Grão-Senhor uſurpa dos Chriſtãos, ou dos eſcravos que os Turcos fazem na guerra; mas são os mais malfeitos de corpo, ou os menos favorecidos dos dotes do eſpirito: chama-ſe-lhes *Azamoglanos*, que quer dizer, meninos, ou rapazes rudes: ſua occupação he nos exercicios mais aviltados do Serralho: logo os mandão para o trabalho dos jardins, e depois de

ahi

ahi terem ſervido bem por algum tempo, ſahem para Janizaros, quando tem aptidão para as armas, ou são empregados em diverſos uſos mecanicos para ſerventia do Imperador. Todos elles não são nem tão bem tratados, nem tão bem inſtruidos como os Ichoglanos: não depende ſenão delles o aprenderem a ler, e a eſcrever, porque o Sultão paga a meſtres para proveito dos que ſe quizerem aproveitar delles. Os Azamoglanos não tem ordinariamente ſenão huma via para chegarem aos grandes cargos do Imperio, que he chegarem a ſer *Boſtangi-Bachi*, ou Mórdomo dos jardins do Serralho.

CAPITULO LVIII.

Mudos, e Naims.

ALém dos Ichoglanos, e Azamoglanos, o Sultão tem outra eſpecie de gente em ſeu ſerviço, que são os Mudos, e os Naims. Os primeiros dormem na camara dos pagens,

e de dia estão em lugar destinado para aprenderem a fallar, e a entender por sinaes. Esta qualidade de linguagem he muito usada na Corte do Grão-Senhor, aonde he faltar ao respeito o fallar em presença do Principe, ainda mesmo em voz baixa, ou ao ouvido.

Ha oito, ou nove destes Mudos, que se chamão *Mudos validos*, por serem admittidos a estarem de guarda á camara do Imperador, e pelo divertirem com muitas visagens, e bobices.

Os Naims tem tambem sua habitação no Serralho com os pagens, e são destinados, como os Mudos, para divertimento do Grão-Senhor. Se entre elles se acha algum, que seja surdo, e mudo, e que de mais seja Eunucho, he sobremaneira estimado.

CA-

CAPITULO LIX.

Dos Visires.

DEpois de haver fallado do Grão-Senhor, do seu Serralho, e das pessoas que o compõe, vamos fazer a succinta narração dos principaes cargos do Imperio; começarei pelo do Vizir. Já disse delle alguma cousa quando fallei do modo, por que os Turcos administrão a justiça; mas aqui he o lugar de dar a conhecer as outras funções annexas a este respeitavel emprego. O Grão-Vizir he denominado na Turquia *Vizir-Azem*; he o primeiro, e principal Ministro da Porta: governa todo o Imperio, e dispõe de todas as honras, e de todos os cargos, menos os da Magistratura: elle sómente escreve a todos os Embaixadores dos Principes estrangeiros, e a todos os Ministros de estado, e lhes responde a seu alvedrio, e sem sujeição a alhea vontade. Finalmente, todos os negocios de maior ponderação

ção

ção do civil, e criminal, elle os termina, e resolve, segundo lhe praz. Vai ao Divan quatro vezes na semana, aonde se ajunta com os outros Ministros, sem ser obrigado a tomar, nem a seguir o parecer delles. E para o dizer em huma palavra, a sua authoridade he absoluta; e bem se póde affirmar que mais he elle o Imperador, que o mesmo Grão-Senhor; de sorte, que se o Grão-Vizir não estivesse sempre a perigo de se lhe cortar a cabeça, seria certamente mais feliz, que seu legitimo Soberano.

Quando o Grão-Senhor não vai pessoalmente á guerra, vai ordinariamente o Grão-Vizir commandar com poder absoluto. Se a guerra he para a parte da Persia, o Sultão cede todo o seu direito das Provincias da Asia a favor do *Vizir-Azem*, que por esta causa goza do poder de conferir nellas todos os cargos, e de nomear os Governadores: o mesmo se pratica, quando os Turcos fazem a guerra para a parte da Europa; o que obriga multidão de gente a ir servir

nos

nos exercitos, com esperança de alcançar alguns daquelles cargos, ou daquelles governos.

O Grão-Vizir he o primeiro da Milicia, e quer preceder aos Cadys, ou Jurisconsultos do Imperio, e aos Ministros da Religião: elle nunca visita o Mufti, e este vai visitallo com frequencia; o que não obstante todos os Imperadores fazem melhor gasalhado, e venerão mais o Mufti, que o Vizir. Diremos de passagem, que tempo houve em que se suscitárão grandes pendencias acerca de preferencia entre os Militares, e Magistratura; mas o Grão-Turco terminou esta contenda declarando, que dahi para diante o lugar mais honroso dos primeiros seria á mão esquerda, e dos segundos á mão direita, de sorte, que quando concorrem estes dous corpos, cada hum vai tomar o seu lugar competente mais honroso: mas todavia os homens de guerra são mais estimados, e mais bem avaliados entre os Turcos.

A unica ceremonia que se pratica quan-

quando se quer fazer hum primeiro Vizir, não consiste em mais, que em se lhe entregar em mão propria o sello do Grão-Senhor, no qual está gravado o nome do Imperador. Em virtude deste sello, que o Vizir traz sempre em seu seio, está revestido de todo o poder do Imperador em seus vastos dominios, e póde, sem observar nenhuma formalidade, desfazer todos os obstaculos, que se oppõe á liberdade de sua administração; mas tambem quando o Grão-Senhor o quer depôr, não faz mais que mandar-lhe pedir o seu sello, que o mesmo Soberano o dá a outro a quem quer elevar a esta dignidade. Qualquer Vizir, que descahio da graça de seu amo, se julga por muito feliz quando não se lhe pede senão o sello; porque muitas vezes se lhe manda que remetta juntamente a cabeça, ao que elle obedece pontualmente sem a menor resistencia. Como o cargo de Vizir-Azem he o mais consideravel do Imperio, he tambem o mais exposto á inveja dos Bachás que o pertendem:

são

são muitas as elevações, e quédas repentinas, que por maneira extravagante tem ſuccedido, e ſuccedem a todos os que chegão a ſer reveſtidos de tão mageſtoſa dignidade.

O primeiro, ou Grão-Vizir tem hum tratamento correſpondente á grandeza do que elle repreſenta: tem ordinariamente em ſeu Palacio mais de dous mil Officiaes, ou domeſticos. Quando apparece em acto público, leva diante de ſi tres caudas de cavallo penduradas, ou prezas a hum bordão alto com caſtão de ouro. Os tres principaes Bachás do Imperio, que são o de Babylonia, o do Cairo, e o de Buda, tem todos permiſsão de ſe ſervirem deſta inſignia de diſtinção, e de honra, nos lugares ſómente de ſua juriſdição: a nenhum dos outros he concedida, e apenas podem uſar de huma cauda.

O Grão-Vizir repreſenta o Sultão, e he o Doutor, e interprete das leis, e todos podem avocar ſuas cauſas para o ſeu Tribunal, cuja decisão termina todo o pleito; mas por maior

que

que seja a sua authoridade, não se estende a poder mandar cortar a cabeça a hum Bachá, de quem elle he considerado como irmão primogenito. Para isto tem necessidade da assignatura do Sultão, e cumpre que a tenha immediatamente delle mesmo. Não tem direito tambem de castigar os Spahis, nem os Janizaros, nem ainda outro qualquer militar sem participação do seu Chefe: as tropas tem conservado este privilegio, que os livra de infinidade de oppressões, e de violencias. Em tudo o mais he inteiramente absoluto, e domina tanto no Grão-Senhor, que quando quer proscrever, ou perder qualquer Official, que seja do Imperio, tem sempre prompta a assignatura do Imperador. Não se apresenta requerimento, pede graça alguma, ou se faz petição ao Grão-Turco, que não passe primeiro pelas suas mãos. Mas todavia se elle faz alguma injustiça consideravel, aquelle, que a recebe, tem direito, e liberdade de appellar para o Grão-Senhor da maneira que dissemos quando fallámos do Serralho.

As

As rendas do Grão-Vizir, produzidas pelos emolumentos do seu cargo, não excedem annualmente a vinte mil cruzados; a immensa riqueza, que este emprego produz para quem o serve, procede dos muitos, e consideraveis presentes, que elle recebe de todos os que occupão as primeiras dignidades do Imperio. Todos os que tem empregos fóra, e longe da Corte, tem seus agentes em Constantinopla, que ganhão a vontade do Vizir a poder de dádivas, e de presentes, a favor dos seus parciaes. Além disto, em certos tempos do anno todos os Bachás, e Governadores de Provincia lhe mandão presentes de muitissimo valor. Ultimamente acceita sommas consideraveis de toda a qualidade de pessoa que o quer subornar para obter o que pertende; de sorte, que até vende a mesma justiça, e faz venal toda a sua administração, de que se segue, que se este Ministro he avarento, como poucas vezes deixa de acontecer, o seu rendimento não se póde avaliar, e chega a igualar ao

do

do Grão-Senhor. Mas como o Principe não ignora todo este comportamento, tem muitos modos de lhe tirar grande parte dos seus thesouros. Ao principio lhe faz pagar grande quantia de dinheiro quando toma posse do seu cargo, o que obriga o novo Vizir a fazer dividas, que ao depois ha de pagar. Em segundo lugar, o Sultão, sobpretexto de amizade lhe faz frequentes visitas, donde nunca se retira sem que o seu Ministro lhe dê humildes signaes do seu rendimento, e vassallagem, offertando-lhe com boa acceitação dádivas dignas de hum tal Soberano. Muitas vezes tambem o Imperador lhe manda pedir cem mil cruzados, para remir certa precisão que elle diz que tem, e deste modo recolhe em si grande parte das rendas immensas do Grão-Vizir.

Não se lê na Historia dos Turcos, que este cargo começasse antes de Amurat III. Este Principe passando á Europa com *Lala-Schabim*, seu Governador, o fez Presidente do seu Conselho, e General do seu exercito, com

o qual conquiſtou Andrinopoli. Depois daquelle tempo os mais Imperadores tem conſervado eſte cargo; e quando fallão familiarmente com o ſeu Vizir, ainda lhe chamão *Lala*, que quer dizer Governador, ou Protector.

A' excepção do Grão-Vizir, ainda ha outros, que ſe chamão Vizires do Banco, ou do Conſelho, e que nenhuma authoridade tem no que pertence ao Governo: são ordinariamente peſſoas graves que exercêrão algum emprego, e que são inſtruidos nas leis: tem aſſento no Divan com o Vizir-Azem, mas não tem voz deliberativa, e não podem dar parecer, nem voto, ſem que o Grão-Vizir lho peça. O ſeu ordenado ſahe do theſouro do Principe, e não excede a dous mil cruzados por anno. Como ſua riqueza he pouca, tambem ha pouco quem ſuſpire por eſte lugar, e por eſta cauſa não eſtão ſujeitos aos terriveis effeitos da inveja, nem aos revezes da fortuna a que eſtão expoſtos os que eſtão elevados ás mais altas dignidades. Com tudo, quando ha

ha que deliberar sobre negocio de maior importancia, são chamados ao Conselho privado com o Mufti, e os Cadilesquieros, e então se lhes dá faculdade de fallarem, e de dizerem o seu parecer ácerca do que se trata.

CAPITULO LX.

Dos Bachás.

Esta palavra significa Commandante, ou Chefe. He huma qualidade, e titulo honorifico, que ordinariamente se confere aos principaes Officiaes do estado, sem indicar emprego algum. Ainda que esta qualidade seja huma das mais brilhantes do Imperio, todavia o Sultão, quando lhe parece, trata os Bachás como se fossem vís escravos. Muitas vezes lhes manda pedir a cabeça, ou os manda degolar, a fim de ser seu universal herdeiro, ou de os reduzir a estado de não poderem emprehender cousa alguma contra o Imperio, ou contra sua pessoa. Se seus defeitos, ou cul-

pas, que commettêrão não são de pena de morte, ou os manda açoitar por escravos, ou lhes manda cortar por seus bobos os rabichos de seus cavallos, o que os Turcos recebem pela maior affronta que se lhes póde fazer.

Não he a virtude, nem o merecimento, nem a nobreza do sangue quem faz os Bachás; he unicamente o favor do Sultão, que repentinamente póde fazer que o individuo mais abjecto do seu povo passe a gozar do maior gráo de nobreza do seu Imperio, e que os que estão condecorados nos principaes empregos vão para o número dos mais vís escravos. Esta politica Ottomana impede as sedições, e as rebelliões em todos os seus estados; pois como nelles ha muitas Provincias ricas, poderosas, e distantes, cujos Governos o Grão-Senhor póde dar a quem lhe praz, seria para temer, que os que as possuem, sacudissem o jugo, a fim de se apossarem dellas, como senhores absolutos, para si, e para seus descendentes. A politica dos Turcos se applica a prevenir estes generos de desgra-

graças, que poderião, perturbando o Imperio, causar finalmente a sua ruina. Pareceo-lhe pois que entre elles toda a Nobreza devia ser anniquilada, e não soffrer que os maiores cargos, e as grandes riquezas passassem por successão nas familias dos particulares. Por esta causa os Bachás, que, como dissemos no artigo dos Ichoglanos, forão creados no Serralho, sem conhecerem seus pais, nem familia, achão-se sem amigos, e sem arrimo quando dahi sahem para os seus Governos, e por consequencia estão desarmados, e incapazes de emprehender cousa alguma em prejuizo do Grão-Senhor. Para supprimir aos particulares os meios de amontoar riquezas, as quaes ensoberbecem os homens na Turquia, bem como nos mais estados, o Imperador se intitula primogenito de todas as casas abastadas, e poderosas; e em virtude disto se apodéra de todos os bens dos Bachás que morrem; e se a este ficão filhos, e alguma porção lhes dá, he a seu arbitrio, e por especial graça, ficando

dei-

deſte modo as grandes familias inteiramente arruinadas. Ainda ſe procede com mais ſeveridade ácerca da familia dos meſmos Ottomanos: ha grande vigilancia, e cuidado em ſe eſtorvar que elles cheguem a ſer elevados aos grandes cargos, para que não ajuntem riquezas que lhes poſſa excitar a ambição de aſpirarem ao Soberano poder, e de ſubirem ao throno. Motivo eſte, porque a lei fundamental dos Turcos prohibe que os filhos de qualquer Sultana, caſada com hum Bachá, poſsão ſer admittidos a qualquer emprego no Imperio. Pela morte de ſeu Pai, o Grão-Senhor tira do remanecente do defunto com que pagar as arras da viuva, que ordinariamente monta a cem mil cruzados, dá muito pouco aos filhos, e recolhe para ſi o mais como principal, e unico herdeiro.

O Sultão ainda tem outro meio para abater, e humilhar hum Bachá, e conſiſte em deſpozallo com huma de ſuas irmãs, ou parentes proximas; porque deſde o inſtante, e meſmo an-

tes de casar com ella, elle se constitue hum seu escravo: he preciso que elle se entregue totalmente a ella, e que se prive da liberdade de ter muitas mulheres. Se antes do casamento a Sultana lhe manda pedir dinheiro, pedrarias, ou joias, está obrigado a satisfazella sem mostrar o menor descontentamento. Regula-se-lhe quaes devem ser as arras, que elle deve consignar a sua esposa, e sempre as arbitrão o mais vantajoso, que he possivel para a Sultana. Parece-me que o leitor folgará de saber o que se pratíca nesta especie de contratos; eu o relato. Quando as arras estão reguladas em presença de Juiz competente, hum Eunucho negro encaminha, por fórma de agradecimento, o novo marido, até entrar na casa de sua mulher. Logo que a Sultana o percebe, tira o seu punhal, e com elle na mão lhe pergunta arrogantemente quem lhe deo a ousadia de entrar no seu domicilio: o Bachá lhe responde com mansidão, e humildade, apresentando-lhe a assignatura do Sultão, que approva o

seu

ſeu conſorcio. Então a Sultana ſe levanta, o trata com mais civilidade, e carinho, e ambos conversão familiarmente. O Eunucho pegando nas chinelas do Bachá as põe ſobre a porta da camara para dar a conhecer que elle fôra bem recebido. Ainda bem eſta ceremonia não eſtá acabada, já o pobre Bachá principia outra. Faz-lhe huma profunda genuflexão, inclinando-ſe até ao chão, e recuando alguns paſſos, recita-lhe huma oração, em que lhe teſtemunha a grande eſtimação que faz do ſeu merecimento, e peſſoa, e o quanto o ſatisfaz, e contenta a honra que recebe della ſe dignar de querer ſer ſua eſpoſa. Segue-ſe a iſto o ficar mudo, immovel, e ſem acção, mãos cruzadas ſobre o eſtomago, e na figura mais abatida, e humilhada que elle póde repreſentar, até que a Sultana lhe mande imperioſamente que lhe traga agoa, ao que elle obedece pontualmente indo buſcar huma taça, que anticipadamente, e para eſte effeito ſe põe na meſma caſa, e lha offerece de joelhos; maneira eſta, em

que fica, até que ella, tendo bebido, lha torne a entregar. Acabado este acto, trazem as servas da camara da Sultana huma meza baixinha, em que vem algumas iguarias, e o noivo convida, e insta com a Sultana, para que ao menos prove do que alli se lhe apresenta, ao que ella recusa obstinadamente, até que se lhe entreguem as prendas, e presentes, que lhe leva o Bachá, e que de antemão estão depositados na sala immediata. A' vista delles toda a sua altivez se abranda, e então cede aos rogos do seu novo esposo, põe-se á meza, come o que o Bachá lhe offerece, e depois torna a ir para o seu primeiro lugar. Então todos os assistentes se retirão, e ficão ambos sómente por espaço de huma hora para poderem conversar com liberdade. Passado este tempo, os amigos do marido o convidão ao som de instrumentos para ir festejar seu noivado na antecamara, aonde passão grande parte da noite em divertimentos. Ao amanhecer, quando ainda a Sultana está na cama, entra o miseravel

Ba-

Bachá muito devagarinho na camara aonde ella está deitada, e depois de se despir, levanta demansinho o cobertor pelos pés do leito aonde está de joelhos em toda esta acção, e pegando nos pés da Sultana os beja, e depois se introduz na cama, entrando por aquella mesma parte insensivelmente. Poucas horas depois, seus amigos o vem buscar para o levarem ao banho, e a Sultana lhe faz presente de toda a roupa, de que se ha de servir ao sahir desta celebrada ablução. Continuão a viver em consorcio, mas em público a Sultana affecta sempre muita distinção entre ella, e o Bachá: o seu punhal anda effectivamente ao lado, o que mostra a sua superioridade, e pede a seu esposo tantas cousas, e tão repetidas vezes, que finalmente lhe esgota seus thesouros. Os Bachás fogem quanto podem destas allianças, e não as contrahem quasi nunca, sem serem obrigados pelo gosto, e mandamento do Principe; porque além de que estas mulheres os tratão como escravos, po-

dem

dem repudiallos, quando o Sultão lho permitte, para desposarem outros, e muitas vezes lhes fazem cortar a cabeça. Ainda não he bastante mortificar, e empobrecer os Bachás, pois o Grão-Senhor, não poucas vezes, pesquiza efficazes meios de se desfazer de alguns, por desconfiança, e temor que tem de que a honra que obtiverão de estarem alliados á familia Real, haja de os ensoberbecer, e de lhes inspirar algum attentado contra sua vida, e pessoa. O expediente, de que mais se serve, he de os expôr na guerra ás acções arriscadas, e mórmente áquellas, em que quasi he impossivel não perecer.

CAPITULO LXI.

Os Berglerbeys.

ESte he o nome que os Turcos dão aos Governadores de Provincia. Os Berglerbeys são superiores aos *Sangiacos*, aos *Beys-Agas*, e a outros Officiaes. O Grão-Senhor lhes permit-

mitte tres insignias, a que em Turquia se chama *Tug*: são tres bastões com castões de ouro de desmarcada grossura, em cada hum dos quaes está pegada, ou presa huma cauda de cavallo. Os que são condecorados com este sinal de distinção, e honra, tem o nome de *Bachás* de tres caudas, para differença dos Bachás que tem só duas, e dos Sangiacos-Beys, que tambem denominando-se Bachás, não tem senão huma. A unica ceremonia que se pratíca quando qualquer Berglerbey toma posse do seu emprego, he levar adiante de si huma bandeira do Imperio, e ser acompanhado ao som da musica, pelo *Menalem*, que he hum Official destinado para esta função sómente. Os Governadores, ou Berglerbeys, a cujas ordens estão sogeitos muitos Sangiacos, são de duas sortes: os primeiros chamão-se *Hasile-Beglerbeys*; estes tem huma renda emprazada nas cidades, villas, e lugares da sua jurisdição. Os outros denominão-se *Saliane-Beglerbeys*; e cobrão seus estipendios dos dinheiros que se

recolhem nas Provincias dos ſeus Go-
vernos pelos Officiaes do Grão-Senhor,
de ſorte, que ſe póde dizer que são
pagos do theſouro do Principe. Os
principaes Beglerbeys da Aſia são os
da Natolia, ou Anatolia, de Caramania,
ou Cilicia, de Biarbekiro, ou
Meſopotamia, de Damaſco, de Sivas
cidade da Armenia, os de Erzrum,
de Tehildir, e de Karſo nas fronteiras
da Georgia, de Van, cidade da
Media, de Schehereſul na Aſſiria, de
Alepo, de Maraſco junto ao rio Eufrates,
de Chypre, de Tripoli na Syria,
de Trebizonda nas margens do
Mar Negro, e de Kiká. Os principaes
Beglerbeys da Europa, são os
de Romania, do Capitão-Bachá, de
Buda em Hungria, de Temiſvaro no
meſmo Reino, de Boſna em Miſnia.
Os da Africa são o Grão-Cairo, Begadata,
ou Babylonia, Habelch, Boſra,
Labſa, Argel, Tunes, e Tripoli
em Barberia.

Os Beglerbeys são obrigados em
tempo de guerra a dar hum homem
ao Grão-Senhor, por cada ſinco mil

af-

aſpres que tem de renda annual: elles porém não ſe deſcuidão de quererem agradar ao ſeu Soberano; e ou ſeja por eſta cauſa, ou por oſtentação, ſempre excedem muito o número, que devem dar, e ha tal, que lhe dá effectivamente ſeis, ſete, e até oito mil homens. De todos os Beglerbeys, ſinco tomão a qualidade do Vizir, ou de Conſelheiros de eſtado: eſtes são os de Anatolia, de Babylonia, do Grão-Cairo, da Romania, e de Buda: são tambem os mais poderoſos, e os mais conſideraveis do Imperio Ottomano. Todos os mais ſeguem a ordem de antiguidade da conquiſta, e da poſſe dos lugares, de que são Governadores. Quando os Governadores das Provincias acabão o tempo de ſua commiſsão, retirão-ſe outra vez para Conſtantinopla, aonde fallão ao Grão-Senhor huma unica vez para lhe dar conta da ſua adminiſtração. Depois, conforme a ſua reputação, e protecções, obtem outros Governos, ou algum cargo na Corte. Se a ſua conſervação não tem bom effeito nos primei-

meiros lugares, satisfazem-se com outra inferior commissão, ao que elles chamão *Arpanlico*, para esperarem melhor fortuna; de sorte que os Turcos não se envergonhão de acceitarem cargos de classe, e graduação menor que a de que sahírão.

Assaz difficultoso nos seria relatar aqui todos os meios, de que os Governadores se servem para, em pouco tempo, viverem na opulencia. Aproveitão-se de todos os bens confiscados por crime de desobediencia, ou rebellião, e outro si da venda dos cargos, e dignidades da sua Jerarquia Ecclesiastica que se achão vagos, ou supprimidos. Se alguem he accusado, ainda que falsamente, de qualquer crime, elles se apodérão de todos os bens do criminoso. De mais, os seus escravos são outros tantos piratas, que por seu mandado não cessão de roubar, e fazer ceremonias aos da sua Nação, e aos Estrangeiros; e para encobrir sua violencia, e tyrannia mandão matar injustamente os desgraçados a quem condemnão como se realmente fossem culpados.

CA-

CAPITULO LXII.

Dos Beys.

ASsim ſe chamão os Governadores das Provincias maritimas, os quaes tem obrigação de apromptarem de ſuas rendas as Galeras que lhes são deſtinadas. O Grão-Senhor não lhes dá ſenão a embarcação com a artilheria, vélas, cordas, e polvora. Os Beys devem armallas de eſcravos, a quem hão de veſtir, e ſuſtentar; eſtão obrigados a pagar aos marinheiros, e a ſuſtentar, e pagar em cada huma a guarnição de cem ſoldados, que elles denominão *Leventiſos.* Os Beys nunca ſe expõe de boa vontade ao combate: outro ſim o evitão, quanto podem, por não ſe arriſcarem a perder a ſua Galera; porque ſeus eſcravos, ſendo ſua principal riqueza, ficarião de todo arruinados, ſe os perdeſſem. Quando não eſtão em eſtado de as apromptar, tira-ſe-lhes o Governo. Em cada Governo ha tres Officiaes prin-

principaes afóra do Beglerbey, e são o *Mufti*, o *Reis-Effandy*, e o *Tefterdar*: o ſeu exercicio, e funções nas Provincias são em reſumo as meſmas, que as de todos os que eſtão reveſtidos deſtes meſmos cargos em Conſtantinopla. Eu já fallei do Mufti, agora relatarei o que neceſſario he para fazer conhecer os outros dous.

CAPITULO LXIII.

Reis-Effandy.

ESte Official he adjunto ao Grão-Vizir para expedir as ordens, Cartas-Patentes, e commiſsões, que todos os dias ſe envião para diverſas partes do Imperio; porque para cada reſolução, ou negocio he neceſſario huma ordem particular do Vizir: as meſmas Curias em que ſe adminiſtra a juſtiça ordinaria, não eſtão exemptas dellas, e são moderadas pelas ordens que a Corte lhes remette. Eſta multidão de negocios obriga o *Reis-Effandy* a empregar immenſidade de Eſcripturarios,

e

e lhe da meios faceis de ſe enriquecer prodigioſamente. Eſte cargo correſponde ao de Chancellér.

CAPITULO LXIV.

O Tefterdar.

ESte he o nome do Theſoureiro Geral das rendas do Grão-Senhor, e que paga aos ſoldados, e que dá dinheiro para todas as deſpezas públicas. O theſouro, cuja chave elle tem, eſtá no patèo do Serralho aonde ſe congrega o Divan. Todos os Theſoureiros das Provincias envião para o Serralho cada tres mezes todas as ſobras, que ſe guardão nó theſouro, de que o Grão-Vizir tem huma chave, e que além diſto eſtá ſempre ſellado com o ſello do Imperador. Eſte theſouro não ſe abre ſenão em dias de Divan. O *Chiaús-Baſſi* vai primeiro á porta do theſouro tirar o ſello, e o leva ao Vizir para ver ſe eſtá inteiro, e então, por ſua ordem, o Theſoureiro tem huma cer-

ta propina, e regiſtro de tudo o que ſe recebe, e de tudo o que ſe diſpende. O ſeu cargo he differente do de outro Theſoureiro do Serralho, que tem cuidado ſómente das deſpezas da Porta, e de receber as utilidades caſuaes, e os preſentes que ſe fazem ao Imperador, que são de tal qualidade, e em tal abundancia, que nenhum Sultão deixa de ajuntar, e fazer com elles hum conſideravel theſouro particular, o qual ſe guarda depois de ſua morte em huma caſa ſeparada, com eſta inſcripção feita com letras de ouro ſobre a porta: *Aqui eſtá o theſouro do Sultão F.* Aquelle, a quem ſe confia a guarda deſta porta, e caſa, chama-ſe *Haſnadar-Bachi*, ou Theſoureiro do Serralho: eſte governa os Pagens deſtinados para guardar toda aquella riqueza, a qual he reverenciada, e conſiderada pelos Turcos como couſa ſagrada, e que não deve ſer empregada ſenão em ultima extremidade.

CA-

CAPITULO LXV.

De outros respeitaveis cargos do Imperio.

O *Bostangi-Bachi* he o Grão-Jardineiro, que tem a superintendencia dos jardins, ou hortejos do Serralho. He o que governa, não sómente nos jardins de Constantinopla, mas em todos os mais dos outros Serralhos. He hum dos principaes Officiaes da Porta; porque afóra do seu cargo ser de grande renda, anda muito chegado á pessoa do Principe. He quem vai ao leme da embarcação, em que o Grão-Senhor vai passear ao mar, e então conversa com elle familiarmente. Não sahe ordinariamente deste emprego senão para Aga dos Janizaros, para Capitão-Bachá, ou Grão-Vizir. O *Bostangi-Bachi* he o Presidente do Serralho; elle he quem desterra, ou manda matar os criminosos. Está tambem encarregado da guarda, e policia do porto de Constantinopla, do canal, que

vai

vai desta Capital ao Mar-Negro, e das praias deste canal. Além da guarda de todas as casas de campo do Sultão, tem particular inspecção, e direito consideravel sobre todos os vinhos, que entrão em Constantinopla por terra, ou por mar, para uso dos Christãos, e dos Judeos. O seu cargo o obriga igualmente a servir de escabello ao Sultão no dia da sua acclamação, quando monta a cavallo para ir a *Youpa*, lugar que está na foz do Porto de Constantinopla, aonde está a Mesquita de Youpa, donde traz a sua origem do nome, e na qual se guarda com cuidado o alfange do Sultão *Osman*, fundador da Dinastia dos Ottomanos.

O Bostangi-Bachi he o unico que tem liberdade para se assentar na presença do Grão-Senhor, a fim de poder governar o leme da embarcação; e só nesta occasião toma assento, levando adiante de si o seu Soberano, com quem a maior parte das vezes conversa sobre muitos acontecimentos, particularidades, e negocios do es-

estado, das desavenças dos Officiaes da coroa, da sua fidelidade, dos designios dos Bachás &c., de sorte que ao recolher do passeio alguns destes experimentão muitas vezes funestos accidentes em consequencia dos effeitos das impressões que o Bostangi-Bachi excitou no animo do Sultão. Os Ichoglanos, e os Eunuchos estão em pé ao redor do Imperador, ou perto delle na mesma embarcação. Grande número de Azamoglanos vão puxando ao remo com tal força, e destreza, que parece que voão sobre as agoas. Os Azamoglanos vão uniformemente vestidos de côr escarlate. Outras quatro embarcações precedem a do Grão-Senhor, para avisar todas as mais que navegão naquelle mar, de que vem o Sultão, a fim de se retirarem, ou de pairarem para não haver o menor estorvo na sua passagem. Ordinariamente ha sete, ou oitocentos jardineiros, que trabalhão no Serralho debaixo das ordens do Bostangi-Bachi. Entre elles ha hum certo número de Officiaes principaes chamados *Hostalar*

 sos,

sos, que lhe dão conta todas as quintas feiras da venda que fizerão dos jardins; por quanto tudo o que alli vegeta vai a vender para utilidade do Sultão; e o dinheiro que rende, he empregado em mantimento, e serve para as despezas pessoaes, e da oxaria do Principe, o qual não vive senão desta renda; porque os Imperadores Ottomanos não empregão levemente, e sem muito escrupulo os tributos, e contribuições do povo em cousa, que não seja, ou concorra para conservação do estado; e eis-aqui porque antigamente muitos daquelles Imperadores aprendião sempre algum officio, ou arte, e trabalhavão para ganhar sua vida. Ainda hoje se conserva alguma ferramenta no Serralho de Andrinopoli, da que Amurat se servia para fazer frechas, as quaes elle mandava aos seus principaes Officiaes, e vivia dos presentes que delles recebia; mas presentemente qualquer Sultão vive em tempo de paz das rendas de seus hortejos, que todavia montão a mais de sessenta mil cruzados. Em tempo

po de guerra como o Imperador trabalha para conservação do seu povo, todo o seu gasto sahe daquelle dinheiro, e manda guardar o rendimento de seus jardins, até que outra vez voltem da campanha para o Serralho.

O *Coza* he o Pedagogo, ou mestre dos filhos do Grão Senhor. Estes Principes tendo ficado até á idade de sinco annos em companhia das amas, que os creárão, tem depois mestres até contarem doze, ou treze annos, e continuando a viver até esta idade em companhia de suas mãis. O Coza entra todos os dias no Serralho das mulheres, aónde he conduzido por Eunuchos negros, sem com effeito ver alguma dellas. Dá lições aos Principes em presença de duas velhas regentes, e depois os mesmos Eunuchos o tornão a acompanhar até á porta: assim continuão, até que os Principes cheguem á idade da circumcisão; isto he, até fazerem treze annos; depois os envião para algum Governo da Asia. Os Turcos denominão *Chaz-Adhe* ao primogenito do Sultão, que lhe de-

ve ſucceder quando o Grão-Senhor o põe fóra do Serralho, e o faz *Sangicabey* de Mangreſiá, como he coſtume ſem ter attenção á ſua qualidade, elle he obrigado a obedecer ao Beglerbey, que reſide em Burſa, Cidade de Natolia. Como os Principes Ottomanos são ordinariamente muito deſconfiados, e cioſos de ſeus proprios filhos, coſtuma o primogenito mandar cortar varias vezes os ſeus cabellos, e remettellos ao Grão-Senhor, para lhe moſtrar que ainda eſtá na infancia, e muito longe do eſtado, e capacidade de governar. Iſto com tudo não o eſtorva de ter mulheres logo que ſahe do Serralho. Commummente não ſahe deſta caſa ſenão o Chaz-Adhe: os outros Principes continuão a ficar nella, aonde são guardados com todo o deſvelo, e cuidado; de ſorte, que não converſão ſenão com ſeus meſtres: são outras tantas victimas que ſe nutrem para ſegurança do Imperio. As femeas são iſentas deſta violencia, são creadas, e educadas por ſuas proprias mãis, e nunca ſahem do Serralho das

mu-

mulheres senão para casarem. O Grão-Senhor nunca dá suas filhas, ou irmãs para consortes de Principes estrangeiros, porque a todos considera como infiéis, ou hereges. Elle mesmo não quer casar por evitar as grandes despezas a que o expõe seu consorcio, porque só as arras montão á quinhentos mil cruzados de renda annual. Além de que o casamento he para elle huma especie de sujeição, pois ainda que a lei permitte aos Turcos o uso de suas escravas como de suas proprias mulheres, o decóro, e decencia os obriga a fazerem mais caso destas, e a cohibirem-se de alguma sorte por amor dellas. Demais, he obrigado por lei a dormir com a primeira de suas mulheres a noite da quinta para a sexta feira de cada semana.

O *Caimacão* he hum Official que o Grão-Senhor nomeia, quando o Grão-Vizir está obrigado a sair de Constantinopla em acção de serviço do Sultão, para inteiramente governar como Vizir, cuja authoridade lhe recahe. Quando o Grão-Senhor se vê obrigado

do a ſair de Conſtantinopla, nomeia dous Caimacãos, hum para ficar na Capital, e outro pára ir junto á Peſſoa.

O *Embrabor-Bachi* he o Eſtribeiro-Mór, que governa as cavalherices do Imperador. Eſte cargo he menos honroſo na Turquia que entre nós; mas não obſtante tem muitos Officiaes debaixo das ſuas ordens, entre os quaes ſe conta o *Arpamino*: eſte ultimo tem a ſeu cargo o cuidar das proviſões neceſſarias para os cavallos.

O *Aſtalaraga* he hum dos quatro Eunuchos brancos, que eſtão nas caſas do Serralho, aonde o Grão-Senhor eſtá com os Ichoglanos. A ſua obrigação he cuidar dos doentes, e governa todos os Officiaes que eſtão deſtinados para tratar delles. Anda com o ſeu turbante, e paſſeia no Serralho a toda a hora que quer, á maneira dos outros principaes Eunuchos brancos. Eſtes viſitão muitas vezes todas as caſas do Serralho, e os quartos do ſoberbo Palacio, para examinarem ſe tudo eſtá em bom eſtado, e em boa ordem. Elles vigião ſobre todos os

Officiaes do Serralho, e tem cuidado de que nelle não falte cousa alguma das provisões necessarias para cada dia. Os outros tres Eunuchos que occupão a mesma dignidade, são: *O Capi-Aga*, o *Chasnadar-Bachi*, e o *Serai-Agassi*.

O *Chasnadar-Bachi*, ou *Hasnadar-Bachi* he hum Eunucho do Serralho que cuida do thesouro occulto dos Imperadores. Succede ordinariamente ao *Capi-Aga* quando este morre.

O *Checaya* he hum dos quatro principaes Officiaes que governão na cozinha e meza do Grão-Senhor. O seu cargo corresponde ao de Mórdomo da Casa Real. Os outros tres, que, com pouca differença, exercem as mesmas funções, são: *O Argi-Bassi*, o *Mimut-Pagi*, e o *Cheche-Nigir-Bachi*. Estes Officiaes tem outros seus subalternos, que se denominão *Cheche-Nigir-Lersis*, os quaes acompanhão os seus chefes desde a cozinha até ao quarto, ou casa de jantar de S. Alteza, a cujas portas os Ichoglanos recebem os pratos, e os vão pôr na meza.

O

O *Kutezelir-Agassi*, de que alguma cousa disse quando fallei dos Eunuchos, he hum Eunucho negro velho, e capataz de todos os da sua côr, e superior do Serralho das mulheres. He o guarda chaves de todas as portas, falla quando quer ao Imperador, e he hum dos seus maiores valídos: he como o depositario dos amores do Principe. Os outros Eunuchos que lhe estão sujeitos, são muitas vezes mandados ao Serralho do Grão-Senhor com cartas do Capi-Aga em que vão algumas recommendações, e particularidades das Sultanas.

O *Dinsho-Glerbo* he o General das Galeras, que commanda os Beys, e mais Officiaes da Marinha. Quando está em Constantinopla, o Bey de Rodes governa em seu lugar, por ser o chefe da primeira Esquadra; e ao qual se seguem os de Chio, de Chypre, da Moréa, do Egypto, e do Archipelago.

O *Dogangi-Bachi* he o mestre Falcoeiro do Sultão. Este Official he de muita consideração, e respeito na Cor-

te,

te, e casa do Principe; mas como não tem entrada no Gabinete do Imperador, he casualidade quando he elevado a maior fortuna.

O *Arpaemino*, como dissemos, he o administrador provisionario das cavalherices do Serralho. Destribue cada dia a palha, feno, cevada, ou aveia que se dá de reção a cada cavallo. Os Turcos tem hum modo de ferrar os seus cavallos, que lhes he particular: batem as ferraduras em ferro frio, e trabalhão nellas com tanta arte, que quatro das suas não pezão huma das nossas. Conta-se quasi mil, ou mil e duzentos cavallos no Serralho para o serviço de todos os Officiaes. Cada tres cavallos tem hum moço que trata delles, e os almofaça: poucos são os paizes, aonde se trate, e almoface melhor os cavallos que em Turquia.

O *Du-Kigi-Bachi* he o Official maior, ou Presidente do Arcenal na fundição das boeas de fogo de Artilheria. Tem outros muitos Officiaes que lhe estão subordinados.

O *Kapister-Kabiasi* he o Grão-Mes-

Meſtre das ceremonias da Porta. Acompanha o Grão-Senhor quando vai ao exercito, ou quando faz alguma jornada, a fim de diſpor do que diz reſpeito á recepção de todos os que são enviados a S. Alteza Imperial.

O *Lecchem-Baſſi* he o primeiro Medico da camara do Grão-Senhor. Eſte Principe tem ordinariamente em ſeu ſerviço os dez, ou doze Medicos mais bem reputados do Oriente. Elles tem grandes ordenados, e muitas dádivas, e preſentes. Quando o Imperador tem alguns viſos de moleſtia, ou eſtá doente, todos os Medicos vão aſſiſtir dentro no Serralho, donde não ſahem ſenão depois da morte do Sultão, ou do ſeu total reſtabelecimento: ainda quando elle eſtá em perfeita ſaude, ſempre tres Medicos eſtão obrigados a irem todas as manhãs ao Serralho, e conſervarem-ſe ahi na Botica até o meio dia, a fim de eſtarem promptos em caſo de neceſſidade. Os Boticarios tem ſua reſidencia no Serralho, e são em grandiſſimo número, são outros tantos quimicos. Na Botica,

ca, ou laboratorio ha dezoito, ou vinte Meſtres que trabalhão, e duzentos, ou trezentos mancebos que os ſervem, e que huma vez cada anno vão com hum Meſtre arrancar ervas, e plantas medicinaes. A Botica tem de comprimento mais de quarenta braças, e de largura mais de vinte e ſinco; eſtá armada, e reveſtida de muito grandes vaſos aonde eſtão os oleos, os unguentos, os charopes, as agoas, e mais licores para uſo do Grão-Senhor. Os Cirurgiões, e os Barbeiros do Principe eſtão moradores no Serralho, donde não ſahem ſenão no dia do Bayrão.

O *Selikhtar* he o Grão-Marechal do Imperio. Não ſahe do ſeu emprego ſenão para ſer Bachá, e algumas vezes Grão-Vizir. Então neſte ultimo caſo he obrigado a eſtar occulto dous, ou tres mezes, até que tenha barbas creſcidas, pois em quanto he Selikhar não lhe he permittido deixar creſcer a barba, do meſmo modo que ſem ella não póde ſer Vizir.

O *Topechi-Bachi* he o Grão-Meſtre

tre de Artilheria. Commanda hum númeroſo corpo de tropas deſtinadas para o ſerviço das peças, e bocas de fogo. Em virtude do ſeu cargo he Governador do diſtricto da fundição, chamado *Topobana*, aonde as ſuas tropas tem córpos de guarda, e nelles fazem o ſerviço diariamente.

O *Muſay* he huma qualidade entre os Turcos que elles eſtimão em mais que todas as que ha no Imperio; porque lhes dá liberdade de fallar ao Sultão em particular todas as vezes que ſe julga ſer conveniente. O Principe favorece ordinariamente com eſta dignidade aquelle dos *Agalarizos*, que elle mais eſtima, e obra aſſim por duas razões: primeiramente por conferir maior reſpeito, e eſtimação aos ſeus valídos, em ſegundo lugar para ter eſpias entre os grandes da ſua Corte, que revelem o que fazem os Bachás, e os outros Officiaes maiores: por eſte meio he em diverſas occaſiões aviſado das maquinações, e ciladas que ſe armão contra ſeus eſtados, ou contra ſua peſſoa.

O *Humogi-Bachi* he o Inspector dos banhos do Imperador. Este Official he muito respeitado no Serralho; mas como tem sua assistencia á parte; e não entra na camara do Principe, quasi nunca passa a maior gráo de honra, nem de emprego.

O *Nicangi-Bassi*, ou *Netangi-Bachi*, faz as mesmas funções em Palacio, que entre nós hum Secretario de Estado. He quem põe o sello nas ordens, e despachos do Grão-Senhor; mas não tem esta authoridade sem primeiro haver recebido ordem do Grão-Vizir. Os outros Vizires podem, em certos casos, tambem pôr o sello; o que diminue consideravelmente o cargo de Nicangi-Bassi. O seu rendimento, ou ordenado está emprazado em hum Timar *Nichan*, ou *Nissão*, he o sello do Imperador. São estas as primeiras letras Arabigas entrelaçadas com que se sellão as cartas do Principe, e as expedições do Divan.

O *Sarai-Agassi* he o superior dos que levão á mão os cavallos do Grão-Senhor, quando elle sahe de Constanti-

ti-

tinopla, ou seja para ir á guerra, ou para a caça, e recreio.

Os mais Officiaes, que andão juntos á pessoa do Principe, são quasi tirados dos Agalarizos, ou Ichoglanos, que são os Pagens, e favorecidos de S. Alteza Imperial. Eis-aqui os nomes, e exercicio, ou obrigações de cada hum. O *Chiodar-Aga* he o que leva o manto Imperial ao Sultão, e o acompanha effectivamente; excepto, quando elle vai ao Serralho das mulheres. O *Chilargi-Bassi* he o Mestre da Copa, ou Grão-Copeiro: he obrigado a aprompar a bebida do Imperador, e demais he encarregado de toda a despeza do Serralho. O *Chiamaci-Aga* he o capataz dos lavadeiros: a sua obrigação he de ter em bom estado tudo o que serve para a limpeza, e aceio do Grão-Senhor. O *Ischioptar* he quem lhe leva o sorvete. O *Metaragi-Aga* he o que vai adiante do Grão-Turco em acção de marcha, levando hum vaso cheio de agoa para seu Senhor se purificar, se no caminho quizer fazer oração

ção. O *Rekiptar* he o que pega no estribo quando S. Alteza monta a cavallo. O *Sarrigi-Bachi* tem conta, e cuidado das facas, de que se serve o Sultão, para que se conservem amoladas, limpas, e em bom estado. O *Teskelegi-Bachi* distribue as expedições do Principe. O *Tulbentar-Aga* leva-lhe o turbante; e o *Turmachi-Bassi* apara-lhe as unhas.

CAPITULO LXVI.

De alguns usos praticados na Corte Ottomana.

OS Turcos tem grande vigilancia em evitarem huma cousa que poderia vir a ser muitissimo prejudicial á paz, e tranquilidade do Imperio; he o ciume, e inveja reciproca dos filhos do Sultão. São educados em differentes Serralhos, e não lhes he permittido ir a Constantinopla, em quanto seu pai vive, pelo receio que ha de que encontrando-se na Corte, ou em Palacio houvesse de se armar hum con-

tra outro por estimulo de inveja, ou tambem aspirassem a reinar antes de tempo. Por esta razão he que o Grão-Senhor, logo que sóbe ao trono, manda algumas vezes matar todos os seus irmãos: o mais usual he todavia retellos clausurados em lugar seguro. Alguns viajantes tem publicado que os Principes estão em prizões aonde não entra a luz do dia senão pelo tecto; mas isto he descarada mentira. Semelhantes prizões verdade he que existem, porém não para os Principes, a não ser em caso de sublevação. Ordinariamente he sua assistencia em hum pequeno Serralho de diminuto número de casas, e hum jardim aonde póde passear a pé, e a cavallo: he servido por Eunuchos, e tem certo número de mulheres para seus torpes prazeres; mas ha cuidado de as fazer estereis antes de as entregar ao Principe; e se alguma dellas ainda assim chega a estar gravida, usa-se de algum remedio para abortar.

Osmão III. esteve clausurado deste modo até á idade de sincoenta e oito

an-

annos em que foi acclamado Imperador, por fallecimento de ſeu irmão o Sultão Mahmet, ou Mahomet V. a quem os Janizaros tinhão poſto ſobre o throno em 1730, em lugar de Ahmet III. ſeu tio, que tinha ſido acclamado em 1703, depois da depoſição de Muſtafá II. pai de Mahomet V., e de Oſmão III. Eſte era o mais idoſo de todos os Principes de ſangue dos Ottomanos, e por direito devia ſucceder ao Imperador ſeu irmão. Verdade he que eſta ordem nem ſempre ſe obſerva, pois he alterada pela vontade dos Janizaros, que chegando quaſi a quarenta mil os que eſtão em Conſtantinopla, diſpõem do throno, como lhes parece, e elevão a elle quem querem, com tanto que ſeja da familia dos Ottomanos a quem são muito affeiçoados. A opinião mais recebida, he que ſe eſta caſa vieſſe a faltar, a do Cão dos Tartaros lhe devia ſucceder.

Chegando á noticia de Oſmão que a maior parte dos Muſulmanos tinhão a prohibição de beber vinho, como

ſendo feita para regulação da gemalha, eſtabeleceo rigoroſiſſimos caſtigos para todos aquelles, que, ſem reſpeito ao Alcorão, uſaſſem deſte licor. Em anno e meio depoz quatro Grãos-Vizires: o ultimo deſtes foi morto, e o ſeu corpo expoſto á viſta do povo para exemplo, com eſta inſcripção: *Eis-aqui o corpo do perverſo Niſcangio, que trahio a confidencia do Sultão ſeu Senhor, e que mereceo a indignação de S. Alteza pelas maldades que commetteo. Aproveite-ſe cada hum deſte exemplo.* Depois da morte deſte Vizir, acharão-ſe em ſeus cofres tres milhões de cruzados, não tendo exercitado aquelle cargo mais de dous mezes: iſto bem conforma o que diſſemos do poder, authoridade, e riqueza de quem exerce eſte emprego.

CAPITULO LXVII.

Da maneira de receber os Embaixadores na Turquia.

A Prerogativa, e miniſterio de Embaixador he huma couſa ſagrada, e inviolavel na Turquia: o Alcorão obriga a tratar civilmente todos os que são reveſtidos de ſemelhante dignidade, e a protegellos contra todas as violencias que ſe lhe queirão fazer. De todos os Embaixadores da Europa, nenhum he mais bem recebido, nem mais eſtimado dos Turcos, que o do Imperador de Alemanha, porque ſeus eſtados ſe confinão, e tem mais occaſião de conflicto de forças com eſte Monarca, que com os outros Principes Chriſtãos. Logo que o Embaixador piza terras do Grão-Senhor, eſte o ſuſtenta, e todas as mais deſpezas são feitas á cuſta do Principe Ottomano, até que ſe retire da ſua Corte: o ſeu tratamento he proporcionado á importancia da ne-

gociação de que vai encarregado. Como sempre foi costume dos Principes do Oriente mandarem presentes em final de amizade, o Imperador se tem conformado a este uso quando tem mandado Embaixadores á Porta, e o Grão-Senhor lhe envia tambem outro Embaixador com presentes de igual valor. Não usa assim com os Embaixadores, ou Residentes dos outros Soberanos da Europa, que lhe não são enviados principalmente senão para o Commercio. O Sultão recebe os seus presentes, a que elle chama *tributos*, querendo que os tratados que faz com elles, sejão Privilegios que concede a seus vassallos.

'As ceremonias praticadas na Corte, quando se dá audiencia ao Embaixador, são, como em outros Reinos, com muita pompa, e magnificencia. Depois do Embaixador se visitar com o Grão-Vizir, elege-se para dia de audiencia aquelle em que se ha de fazer pagamento aos Janizaros; o que regularmente se faz cada tres mezes, a fim delle poder ver de hum golpe

de

de vista a ordem , e a disciplina da gente de guerra , o dinheiro , e o soldo que se lhes paga. Este dinheiro he levado para o Divan , e está posto em montes no lugar aonde o Sultão ha de ir , e aonde se assenta em huma cadeira de veludo ao pé do Grão-Vizir , e dos mais Vizires que estão em Constantinopla. Logo que este dinheiro se distribue aos Chefes de cada quartel para pagamento dos soldados , se prepára hum magnifico jantar para o Embaixador. Põe-se este á meza com o Vizir , e com o Grão-Thesoureiro. A meza he hum pouco mais baixa que as de que nos servimos ordinariamente , e está toda coberta com huma grande bacia de prata , em que estão postos ordenadamente os pratos sem toalha nem facas. Ha na mesma sala outras duas mezas para os principaes Officiaes da comitiva do Embaixador , e para mais algumas pessoas de respeito , e consideração entre os Turcos. Estas duas mezas são servidas , pondo , e tirando pratos ; todos estes pratos são da mais fina porcelana da China. Acabado o jan-

tar ,

tar, o *Chiau-Bachi* encaminha o Embaixador, e a sua comitiva para huma sala particular, e ahi lhes dá algumas vestes de seda como final da benificencia do Sultão. Depois de se vestirem, e adornarem com aquellas vestes, são conduzidos por dous Officiaes do Capigi-Bachi ao Superior dos Porteiros do Serralho, o qual está proximo ás salas em que o Grão-Senhor ha de receber a Embaixada. Os presentes que o Embaixador leva para o Sultão, vão em seu seguimento levados pelos Officiaes a quem compete recebellos. Os pateos por onde passão, estão repletos de Janizaros, que guardão tal silencio, e decóro, que nem pestanejão. Chegão a hum vestibulo guarnecido por todas as partes de Eunuchos brancos vestidos de tecido de ouro, e de seda. Aqui fica quasi todo o acompanhamento do Embaixador, e só elle, e poucos da sua comitiva entrão. A porta da sala da Audiencia não tem mais guardas, nem sentinellas que hum Eunucho branco. O Embaixador chega a ella, e pára hum pouco de tempo, e depois vai entrando

com

com passos muito vagarosos, para assim mostrar ao Grão-Senhor, quão grandemente o respeita. O throno deste Principe está hum pouco levantado da terra, e sustentado por quatro pilares cobertos de chapas de ouro, e do forro do tecto, que he dourado ás mil maravilhas, estão pendentes muitas esferas do mesmo metal. O pavimento está coberto de riquissimos tapetes de veludo carmezim, com bordaduras de ouro, e recamados de perolas em diversas partes. A almofada em que o Principe está assentado, e as duas em que descança os braços, são bordadas de ouro, e recamadas de pedras preciosas. O Grão-Vizir unicamente he que está na sala da Audiencia, posto em pé a par do Imperador da parte direita com a gravidade, e respeito que requer o seu emprego, e com que elle se porta em presença do seu dispotico Soberano. Os dous Officiaes do Capigi-Bachi ampárão o Embaixador por baixo dos braços, e quando elle tem andado até huma certa distancia, põe-lhe a mão no pescoço, e fazem-lhe abaixar a cabeça

até

até não mais, outra vez lha levantão, e depois o fazem recuar até ao fim da sala. O Embaixador sempre em pé em quanto dura a Audiencia, falla com o Grão-Senhor por meio de hum interprete, e deste modo propõe a negociação a que vai, o que tem que lhe dizer da parte do seu Monarca. Tudo o que elle propõe, e diz he lançado por escripto, e depois se lê em voz alta, e he entregue ao Grão-Vizir, o qual lhe ha de responder, e terminar com elle os negocios de estado que fórmão o objecto da sua Embaixada. Os Turcos não fazem differença de hum Embaixador a hum Residente, a hum Agente, ou a hum Enviado; a todos igualmente chamão *Elchi*.

Outros usos menos commemoraveis poderia aqui relatar, mas serião de nenhum gosto, e de pouca instrucção para o leitor, e por tanto não me será criminoso, antes talvez louvavel o não fazer menção delles.

F I M.

IN-

INDEX DOS CAPITULOS.

CAP.

CAP.

CAP.

ti-